

AVENTURAS DE UMA FAMÍLIA DURANTE A REVOLUÇÃO de 1924



ESCRITAS, NO DECORRER DOS ACONTECIMENTOS, POR
HENRIQUE GEENEN
PREFACIADAS POR **MONTEIRO LOBATO** E ILLUSTRADAS POR
BELMONTE.

12/8.2
1500,00

AVENTURAS

DE UMA FAMÍLIA DE SÃO
PAULO DURANTE A REVOL-
TA DE JULHO DE 1924

.....
|||||

POR

HENRIQUE GEENEN

PREFACIO POR

MONTEIRO LÓBATO

CAPA em duas côres por Belmonte.
ILLUSTRAÇÕES: por Belmonte, Luf-
fe, Mick Carnicelli, K. 1000 Ber-
genson, U. della Latta. ———



Depositarios: ROMERO & COMP., Largo da Memória N. 14 São Paulo

1925

*A' memoria saudosa
de
minha inesquecível esposa*

Prefacio

QUEM não conhece em S. Paulo o professor Henrique Geenen? Quem não já topou na rua com a sua figura de homem magro, hirsuto, sempre apressado, na eterna faina de desasnar meninos e moços, mettendo-lhes na cabeça, já em collegios, já em aulas particulares, noções de logica, psychologia e mais sciencias em que é mestre?

Seu amor ao trabalho, na vida inteira consagrada ao ensino, sua dedicação ás cousas do pensamento e sobretudo sua tolerancia de idéas — o que vale dizer largueza de vistas, — fizeram-no entre nós tão respeitado quanto querido. Henrique Geenen é um alto valor mental a que as qualidades de coração veem sublimando através das vicissitudes da vida.

Ser isso é já ser muito. Não obstante o professor Geenen vae além: Allia capacidade scientifica a uma fina sensibilidade esthetica. E' um amigo e um cultor das bellas letras.

Já deu a publico, ao lado das obras scientificas que o notabilizaram nos meios escolares, um livro de contos. "Pedro, Jangadeiro", onde ha muito que ler e que colher.

Apezar do obice tremendo que é, na literatura, expressar-se alguém em lingua estranha — e no caso de Geenen em linguas sem affinidades com a natal.

elle consegue penetrar o genio da lingua adoptiva e fazer nella melhor que muitos emproados nativos. Bem julgar seus contos é não perder de vista circumstancia tão especial.

O professor Geenen, porém, não ficou no "Pedro" Como permaneceu em S. Paulo durante o tragico mez de Julho do anno passado, aproveitou o lazer que a paralyzação da cidade lhe impoz para notar dia a dia as suas impressões do momento.

Não sahii disso uma historia da revolução, como já as ha varias. Sahiu um punhado de instantaneos psychologicos, pequenos quadros, aneddotas, "croquis" impressionistas — cousa, emfim, que tem o merito de não envelhecer, pois que o que ao vivo vivamente é tomado vivo permanece.

Seus amigos — e que antigo alumno seu não o é? encontrarão neste diario uma fonte dupla de prazer mental: a croquade da revolução e o retrato do autor, que integralmente se revela na obra. Aqui ironico, alli erudito, acolá philosophico, não ha periodo em que o acatado mestre não entremostre o seu temperamento.

E ainda ha um motivo extra-literario para que mais carinhosamente acolhamos o seu livro: a cruel provação por que vem de passar, provação dolorosissima e que tão bem confirma o dictado pittoresco que elle amiude se comprazia em citar:

— A vida é uma cebola que se descasca chorando...

MONTEIRO LOBATO.

EXPLICAÇÕES NECESSARIAS A QUEM NOS LER

Este livro "*Aventuras de uma Família Paulista durante a Revolta de 1924*" não se parece de modo algum com os outros publicados sobre o mesmo assumpto.

Escrepito durante a revolta, nas horas de lazer obrigatorio e enfadonho, *dia por dia*, às vezes *hora por hora*, refere com singeleza as agruras de uma família e de seus *treze hospedes*, que durante quinze dias viveu entre duas trincheiras, sob o sibilar das balas; conta os boatos absurdos que circulavam, amendrontando os crédulos, as esperanças, as desilusões de 23 longos e interminaveis "*Dias de Pavor*"

Não cita factos conhecidos do publico, pois, o autor os ignorava quando escrevia. Contém além disto muitas anedotas que nada tem que vêr com a narração *relativa á revolta*: farão ao leitor o effeito de um pente numa meza de jantar, de um cabello na sopa, de um pato no telhado!

Escreveu-as o autor por desenfado nos interminaveis dias de ocio involuntario e de sobressaltos continuos que tornavam impossivel todo o trabalho mental serio.

Como uma ou outra destas anedotas não é desprovida de interesse, — a conselho de amigos que leram o *manuscrito*, — não alijei dellas o texto impresso: tornarão a leitura mais amena, ainda que interrompam por vezes desagradavelmente a narração dos factos.

Pede ainda o autor, lhe releve o leitor duas outras particularidades.

Diz um proverbio francez: “Le moi est haïssable”, significando que o autor deve occupar o leitor o menos possivel de sua propria pessoa: a natureza do livro exige o contrario.

Em segundo logar não leve a mal o que vale de estrambotico, ás vezes de mysterioso nos sub-titulos: parecem charadas, quebra-cabeças, adivinhações, o autor deu-lhes propositadamente este cunho afim de que servissem como que de acepipe á curiosidade: no texto achará sempre a explicação, por vezes curta.

Não ha, pois, nestes sub-titulos affirmação alleivosamente mentirosa.

Tão pouco mentiam numa feira de Buenos-Ayres, dois francezes que pretendiam mostrar ao publico um animal que tinha o rabo onde os outros têm a cabeça.

Era um burro que haviam amarrado com o rabo á mangedoura.



Tão pouco enganavam o publico os espertalhões que em Hamburgo, mostravam um passaro que falava em puro dialecto hamburguez: era um pinto que só fazia “Pip,-pip,” o que em hamburguez quer dizer “cachimbo”

Sabe agora o leitor sobre que mar se embarca; si não lhe agradar, que se fique no porto.

Pirituba, 28 de Junho de 1925.

NOTA IMPORTANTE

O texto desses “Aventuras” foi redigido em 1924, durante a revolta em varias horas do dia — quasi sempre de noite.

Mas como nem por sonho cogitava dal-o ao lume da publicidade — antes tel-o-ia dado ao do fogão — escrevi-o com algum desleixo.

A ultima demão foi dada com alguma pressa, quasi a conselho do medico, pelo menos com sua autorisação, afim de me furtar á lembrança triste da perda recente de minha dilecta esposa.

Releve, pois, o leitor algumas incorrecções involuntarias.

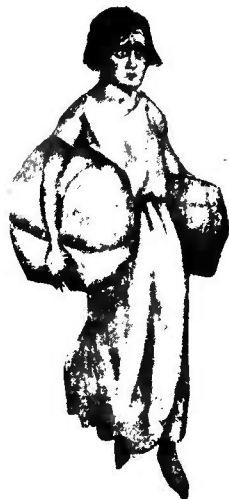
O prefacio do primoroso escriptor, Monteiro Lobato, foi entregue directamente á typographia e não ao autor que lhe teria posto embargos, pelo exagero dos louvores que contém.

Nos P. S. Post-scriptuns que redigi quando dava a ultima demão nessas “Aventuras” resumi o mais possivel o que ha interessante nos jornaes publicados durante a Revolta e em publicações posteriores, de tal forma que o leitor tenha no livro um resumo historico dos factos.

Nem a todos agrada a aglhofa, nem interessa a desventura alheia. Nos P. S. os mais sizudos, desejosos apenas de se instruirem, acharão, uma compensação á futilidade do texto.

“Häs dicitis”, “após esta lenga-lenga” vamos afinal ás “Aventuras” tragico-comicas de uma familia de São Paulo durante a Revolta de 1924...





"Quidquid delirant reges, plectuntur Achivi".

"Quando os reis perdem o senso, o povo grego é quem
padece."

Fl. Horacio. Ep. I. b. vD.

"On voit que de tout temp:

Les petits ont pâti des sottises des grands."

Fables de "La Fontaine" II. 3. "Les Deux Taureaux et la Grenouille"

As grandes toleimas dos grandes Senhores

São sempre os pequenos que os têm de pagar.

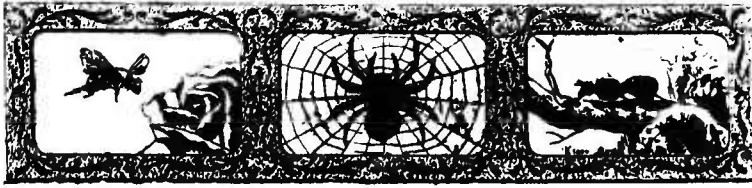
Traducção de José Ignacio d'Araujo.

Primeiro dia da Revolta

SABBADO, Dia 5 de Julho de 1924

- 1 — A Broca do Café.
- 2 — Primeiro boato.
- 3 — No perigo sem o saber.
- 4 — Tal qual durante a grippe. Remedio heroico.
- 5 — “Arame haja” — farpado é que não!
- 6 — “On ne passe pas”.
- 7 — O ideal de Dom Quixote e o de Sancho-Pança.
- 8 — Gatos em penca.
- 9 — Tomando “alhos por bugalhos”.





CALMA absoluta até a manhã de hoje. Nos primeiros dias de Julho estive preocupado com a broca do café, o terrível “Stephanoderes”

Traduzira ás pressas, trabalhando até alta noite. a pedido de um dos mais conspicuos membros da Comissão nomeada pelo Governo de São Paulo para estudar e combater esta perigosa praga que ameaça a riqueza do Estado, uns quinze opusculos que contêm, em hollandez, as communicações de uma comissão analoga das colonias hollandezas de Java e Sumatra.

Aproveitando-se destas traducções, o dr. S. publicara no proprio dia 5, no jornal “O Estado de São Paulo”, um artigo sobre os meios de debellar o mal.

Infelizmente, por terem sido feitas ás pressas, as traducções, mal escriptas e não corrigidas, reparei que muitos nomes proprios tinham sahido errados.

A's oito horas da manhã fui ao Gymnasio Anglo-Brasileiro dar as minhas aulas regulares.

No intervallo entre a primeira e a segunda aula, um dos nossos collegas, o sr. Al. nos disse na sala dos professores, que havia revolução em S. Paulo.

Como falou em tom despreoccupado e sem dar explicações, ninguem ligou importancia a esta communicação. Até julguei que se tratasse do Stephanoderes, a minha cachaca do momento.

Durante a segunda aula, o vigilante do collegio veio avisar que nenhum alumno externo devia sahir sem licença da directoria. Este aviso já me deu mais que pensar e me fez reflectir sobre o que dissera o collega.

A's dez horas, ao sahir da aula, perguntei ao vice-director o que havia: em curtissimas palavras, com é o costume dos inglezes, confirmou apenas o boato de revolta.

Voltei para casa pela rua Vergueiro. Logo na esquina da rua do Paraizo, vi um soldado de côr, de arma embalada, que confabulava com os transeuntes e soube que de facto uma parte da policia e do exercito se rebellara e que os revoltosos vindos do quartel de Sant'Anna tinham atacado o palacio dos Campos Elyseos.

A's dez e meia esperava por um alumno particular, muito pontual, que mora em Sant'Anna; não veio, o que confirma o que ouvira dizer.

A's treze horas, fui á casa do autor do artigo sobre o Stephanoderes, pedir que me devolvesse as traducções, afim de emendal-as. Estava de malas arrumadas e automovel á porta: ia com a familia para Santos: "Seguro morreu de velho"

A's quatorze horas e meia, não podendo refrear a mi-

nha curiosidade fui á cidade. Corriam mais bondes do que do costume pela Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, pois que todos os bondes que descem regularmente pela rua Vergueiro, correm por esta Avenida, não podendo passar em frente ao Quartel de policia do Quinto Batalhão, que não adheriu á Revolta e vae provavelmente ser atacado pelos amotinados.

Encontrei-me no bonde com um amigo, um dos redactores da “Folha da Noite”. Contou-me este que, de manhã, não pudera chegar á cidade de auto. Deu-me algumas informações vagas sobre o ataque mallogrado contra a residencia do Presidente do Estado, nos Campos Elyseos.

Subimos junto a Avenida S. João, e enquanto o amigo foi á Redacção do “Estado de S. Paulo”, segui pela rua Quinze.



Que aspecto tetrico! Todas as casas commerciaes, os bars, os restaurantes fechados; d'aqui d'acólá, magotes de gente falando em voz baixa, a medo de secretas.

O espanto em todos os restos.

Perto da esquina da Casa Baruel havia um grupo de soldados legalistas, outros estavam perto do palacio. Todos elles com armas embaladas.

De repente, deu-se um grande “corre-corre” na rua

“Quinze” (No primeiro instante fui arrastado pelos que fugiam, mas momentos depois voltei para vêr o que se dava.

Nada de grave havia: apenas ordem de dispersar da parte dum dos soldados postados á esquina da rua Direita.

Fui até a rua José Bonifácio; havia muitos soldados que guardavam o edificio do Telegrapho Nacional de medo de um ataque da parte dos revoltosos. Não me aventurei por esta rua, ainda que fosse o caminho para ir até ao ponto do bonde da Avenida Paulista, -que pretendia tomar afim de voltar para casa.

Quiz seguir pelo largo da Sé, mas o numero de soldados que lá havia não estava para inspirar muita confiança. Preferi fazer uma dessas retiradas estrategicas ás quaes os telegrammas da Havas e da United-Press nos acostumaram durante a Grande Guerra; dei uma volta para alcançar o bonde.

Fôra á cidade para comprar os jornaes. Só pude encontrar a “A Capital”. (Os outros jornaes brasileiros não se publicaram) e a, “Tribuna Italiana”

De noite ás vinte horas, a curiosidade me levou de novo ao theatro dos acontecimentos, cuja narração deturpada chegava aos bairros longinquos.

O bonde parou perto do Correio Geral. Comprei a 2.^a edição da “A Capital” e quando a li, á luz da electricidade, parado na rua, soube que a Repartição do Telegraphos Federaes, da rua José Bonifacio fora das treze ás quatorze horas, tomada e retomada por legalistas e

amotinados que, lá foi preso com os revoltosos, o boxeur syrio, o famoso Dudú e que houve mortos e feridos.

Fora o primeiro perigo ao qual me expuz.

Quiz subir pela avenida S. João. Não havia alma viva: era o unico transeunte.

Lembrou-me esta solidão o aspecto das ruas de S. Paulo, desde ás seis horas da tarde, durante a grippe; uma vez encontrei em todo o correr das ruas do triangulo apenas uma mulher bebada: tomára, com certeza, um remedio um pouco violento contra a terrivel epidemia: cachaça com limão ou droga semelhante, em dose exagerada.

Quando cheguei nas proximidades do Cinema Avenida, tropecei num arame farpado; um pouco mais longe, havia outro; quasi dei com a minha respeitavel pessoa no chão. Não houvera grande inconveniente; pois, não havia ninguem para se rir de mim, si tal acontecesse.

O termo NINGUEM é um pouco exagerado; alguns moradores estavam para dentro de casa, mas com a porta entreaberta, para apreciarem o desenrolar dos acontecimentos. Um delles, vendo-me na duvida si havia de seguir caminho ou retroceder, gritou-me que do lado esquerdo não havia arame farpado. Julguei mais prudente recuar. Dobrei pela rua Formosa, e algo teimoso e cabeçudo quiz tentar subir pelo jardim do Theatro Municipal. Mas, topei no alto, perto do Hotel Esplanada, com tres ou quatro soldados com ar decidido que pareciam me dizer, como os defensores de Verdun: “ON NE PÄSSE PAS”.

Estes soldados guardavam o Quartel General da Região Militar, da rua Conselheiro Chrispiano.

Nova retirada "*estrategica*", rapida, pois, na rua Formosa encontrei logo um bonde que me afastou em poucos minutos da zona conflagrada.

Chegando em casa leio com grande curiosidade os jornaes que pude comprar.

A "*Tribuna Italiana*" relata que hontem reinou grande anciedade no Rio de Janeiro.

A's treze horas foram embarcados do "Belmonte" e no "Cuyabá", numerosos officiaes implicados no movimento do 5 e 6 de Julho, chefiado pelo general Clodoaldo da Fonseca, para a proclamação da Republica parlamentar.



Narra que soldados amotinados partindo do Quartel de Sant'Anna apoderaram-se dos quartéis do 2.º e 4.º Batalhão, na Avenida Tiradentes.

Todas as munições em disponibilidade teriam sido ali apreendidas por elles.

Dá como chefes do Movimento Revolucionario o major Miguel de Campos e capitão Tavoraro.

A's nove horas foi atacado o palacio dos Campos Elyseos. Houve nas approximações fuzilaria cerrada. A primeira victima foi uma infeliz creança mortalmente ferida por um estilhaço de uma granada.

Na rua José Paulino uma bala de canhão, de grosso calibre, destruiu uma casa, houve quatro mortos.

A Repartição dos Telegraphos, tomada e retomada, ficou definitivamente no poder dos revoltosos.



Nenhuma noticia do Rio: Alli tambem e em outros Estados estourou a revolução!!

Que lugubres previsões. Não ha quem não pergunte: Como ha de acabar isto?

A "Capital" regista cousas do Arco da Velha.

Serão depostos o presidente da Republica, o presidente de São Paulo e os de outros Estados; a

Marinha adheriu em peso á Revolta; um amotinado graduado certo do successo exclama: “Hoje a tarde terêmos obtido o nosso ideal!”.

Isto de *ideal* é uma grande patacada: varia conforme os individuos: para Dom Quixote é a gloria, — para Sancho-Pança, uma boa sopa de couves.

No afan de satisfazer os leitores a “A Capital” deixa escapar mais de um gato. Faz cair a *flatibanda* (sic) de uma casa; encima um paragrapho: Mulheres *lerdas* por *feridas*; — foram-no por serem taes; — pretende que quando sae a segunda edição, logo á bocca da Noite... se fazem as luzes. fala-nos do *orpo* dos bombeiros; corpo sem cabeça, acephalo; de *ruma praça*; e diz que os canhões *pertenceu*”.

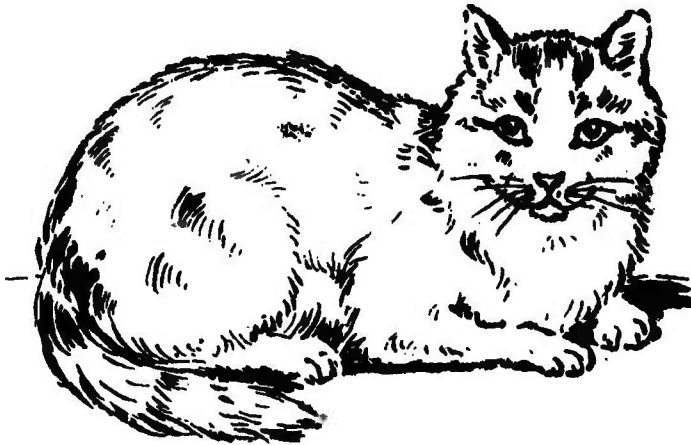
Não é mister possuir grandes conhecimentos psychologicos para comprehender e justificar estes erros de revisão feita com acompanhamento do trovejar dos canhões, do espoucar das balas!

“Sic.” entre parenthesis quer dizer que o texto original assim trazia.

No seu livro “Dias de Pavor” o Dr. Aureliano Leite refere entre outros factos interessantes que se deram neste dia, a allucinação de apavorados que transformou um grupo de alumnos do Lyceu do Sagrado Coração que se retirava para a Moóca em uma columna completa: cavallaria na vanguarda, seguida pela infantaria protegida pela artilleria.

Confundiram “alhos com bugalhos”

No livro “Sob a Metralha” o leitor curioso encontrará a pittoresca descrição do que foi o primeiro dia da defesa dos Campos Elyseos, com pormenores interessantes.



Segundo dia da Revolta

DOMINGO, Dia 6 de Julho de 1924

- 1 — Esperteza de um chauffeur.
- 2 — Um amigo transformado em Socrates sem ter bebido a cicuta.
- 3 — Um compadre muito confiado acha que aquillo se parece com foguetes da roça pela festa de S. João e acabará em dois dias.
- 4 — “Bons ventos os leve:n”.
- 5 — Dois bichos: um coroado o outro que bem queria sel-o.
- 6 — São Paulo não é a “meta” de Lopes e mas só a metade da “meta”.
- 7 — Domingo “abacalhoado” “od” não “a”, á portugueza.



Familias fugindo de São Paulo
Grav. de Belmonte.



DURANTE a noite do Sabbado, ouvimos forte tiroteio de peças grossas de artilharia pesada, á meia noite, e com muito maior intensidade das tres ás quatro horas da madrugada.

Era a primeira vez que tanto eu como a minha mulher ouviamos o canhão troar: a impressão não é nada agradável. Julga-se sempre que cada tiro deve fazer estragos e matar algumas pessoas.

Medo não tivemos, por repararmos que os tiros troavam muito distante da casa onde moramos, á Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, uns duzentos metros além da Avenida Paulista.

De manhã, ás oito, fui até á esquina da Avenida, ansioso por ter informações pelos jornaes sobre os acontecimentos de hontem.

Neuhum vendedor de jornaes lá estava.

Um chauffeur vendeu alguns numeros do "O Estado" a mil réis e os ultimos a dois mil réis. Quando pude approximar-me do auto que estava cercado de curiosos, o seu stock estava esgotado. Tres minutos depois, voltou o

esperto chauffeur com nova provisão de jornaes; não querendo expor-me a empurrões, não pude obter nenhum exemplar.

Encontrei um antigo alumno e amigo, terceiro annista de Direito. Convidei-o a descermos juntos a avenida Brigadeiro Luiz Antonio até encontrarmos algum vendedor de jornal; não devia ser longe, visto que o tal chauffeur voltara tão rapidamente.

Reparei que o meu convite não era lá muito agradável ao amigo, e que, mais nós nos approximavamos da cidade, mais se parecia elle com Socrates, tal como, num dos seus incomparaveis dialogos dos Mortos nol-o representa Luciano de Samosata, o grande ironista gregõ (de nacionalidade syria) isto é, encaminhando-se para o lado da embocadura do inferno, arrastando a perna, pelo effeito da cicuta que bebera, “ou do medo de lá chegar”, insinúa o trocista antigo. O meu companheiro não quiz, contudo, dar parte de fraco, e acompanhou-me até a esquina da rua Major Diogo.

O encontro de alguns vendedores de jornaes poz fim ao seu supplicio. Nenhum delles tinha um unico exemplar do “O Estado” O esperto chauffeur lhos comprara por quatro centos réis e revendera a dois mil réis: sem levar passageiro, a sua viagem lhe valera mais do que correr por hora ou por taxi.

O meu amigo comprou de um syrio um exemplar do “O Estado” por dois mil réis, comprei pelo mesmo preço cinco exemplares do “O Commercio”. cedi alguns a amigos impacientes de terem noticias.

O dia se passou numa calma relativa. Só de longe em longe algum tiro perdido. Parecia que houvesse de ambas as partes uma especie de “tregua de Deus”, dessa característica instituição da Idade Media, que obrigava os briguentos e batalhadores cavalleiros christãos a respeitarem pelo menos, o dia do Senhor.

Li com soffreguidão os jornaes da manhã. “A Capital”. da vespera, já continha quasi todas as noticias que trazem.

Soube do nome do chefe da revolta, um illustre desconhecido no Brasil inteiro de repente celeberrimo — Triste celebridade!

Ao meio dia veio conversar commosco um amigo que mora na rua Cubatão, a poucos minutos de casa. Perdemonos em conjecturas sobre a porque e o como da Revolta.

Problema de difficil solução: duas equações com tres incognitas ou mais.

A solução final foram os bellissimos versos de Victor Hugo em sua poesia “*Napoleão II*”: “L’avenir, l’avenir, l’avenir est á Dieu”

Declarei-me, aliás sem contradicção da parte do meu amigo, francamente legalista, por ser desde menino antimilitarista, e mórmente por desejar que a minha patria adoptiva ficasse livre da terrivel praga dos pronunciamentos militares, esta vergonha de alguns paizes da America do Sul.

A’s tres horas, chegou em casa um compadre, amigo de infancia, com a esposa.

Tinham vindo na vespera de uma chacara, onde habitam, ao pé de Jaraguá, para visitarem um sobrinho que se casou ha alguns mezes com a sobrinha do Presidente do Estado, Dr. Carlos de Campos.

Os recém-casados estavam hospedados no Regina Hotel.

O compadre legalista, não só por convicções anti-militaristas mas ainda por interesse de familia, disse que a revolta, não tendo logrado exito no primeiro dia, era infallivelmente condemnada ao mallogro que se havia de dar em poucos dias, pouquissimos dias. Nada achou de serio em todo aquelle movimento de uns exaltados. Os tiros lhe pareciam foguetes de São João na roça e elle agachou-se para imitar os gestos dos soldados e as suas carreiras absurdas.

“Qui vivra, verra” “Quem viver, ha de vê”.

A minha mulher com o seu bom senso inexcedivel e sua grande tolerancia, não contradisse o compadre, mas, quando este se retirou, me disse: “é uma illusão do compadre”.

Eu acho que, quem tem razão, é ella.

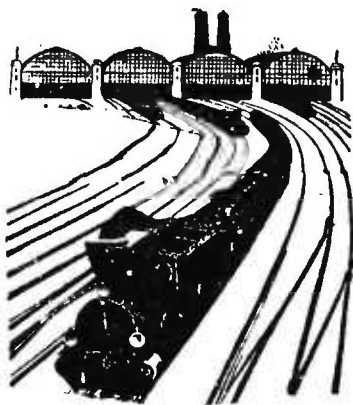
Em todos os casos, ao perigo que ameaça a terra divina da aurea rubiacea, sob a forma de um bichinho que tem o “pescoço coroadado”, donde o nome “Stephanoderes”, se accrescenta outro, provindo da ambição de um militar que pretende a coroa marcial e talvez a civil. Mau presente de Isis, “Isi-doro” que a deusa bem poderia ter feito ao Egypto, onde tanto a honram, para libertal-o definitivamente do jugo estrangeiro.

Dos Jornaes de hoje.

Declara o chefe da Revolta que as guarnições de muitos Estados se acham envolvidas no movimento o que a méta das cogitações revolucionarias é a Capital federal.

Que vão cogitando, nisto não ha perigo. Si for a “meta” da marcha, que vão seguindo para lá, bons ventos os levem; mas é desejavel que fiquem a metade da meta de suas cogitações.

Foi decretada a lei marcial — não ha mais garantias constitucionaes. — Estas



são alias recentes: antes da revolução franceza, os reis além e aquém mar, trancafiavam qualquer sujeito quando não o mandavam d'esta vida á melhor sem intervenção dos homens de lei. Temos progredido.--Todas as vias ferreas foram tomadas pelos amotinados: so

falta agora que tomem os comboios.

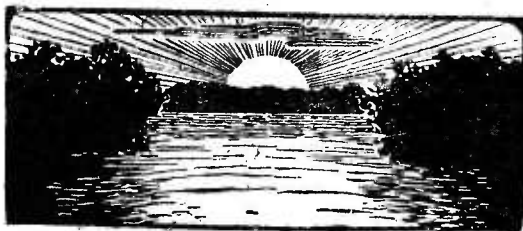
P. S. Nos “Dias de Pavor” lêmos “pela madrugadilha de 6, levou certa animação nos Campos Elyseos o reforço de 50 homens da Força Publica”

Contam-nos os bem informados autores de “Sob a Metralha” que foi ali um Domingo “abacalhado”. Arroz com bacalhau e vice-versa é o que o cozinheiro do trivial

embora Dr. — (L. Silveira) serviu por taxadas aos corajosos hospedes”

Domingo “abacalhado” é “oa”.. avacalhado — diria si escrevesse em calão — não obstante, tempo lindissimo e um pôr de sol admiravel.

Innumeras familias se retiram de São Paulo.



Terceiro dia da Revolta

SEGUNDA-FEIRA, 7 de Julho de 1924

- 1 — Compro nabos em sacco.
- 2 — Trevas do Egypto — secca do Ceará.
- 3 — Vinte pessoas mais um cachorro num auto em que mal cabem seis pessoas.
- 4 — Mais fumaça do que luz.
- 5 — Mais vale um passaro na mão do que vinte no telhado.
- 6 — Cinco contos que vôam..
- 7 — Oculos para cegos vêrem...
- 8 — Andando por séca-e-meca!
- 9 — O homem é um animal — “irracional”.





ÀS sete e meia me dirijo, com a regularidade de longos annos. — cavallo velho acostumado ao caminho — para a rua Vergueiro a fim de dar minhas aulas no Gymnasio Anglo-Brasileiro.

Os alumnos estão irrequietos, agitados; reclamam que se lhes fale da revolta. Desagrado a alguns delles por



defender, a seu vêr, o governo com zelo exagerado: é que a mocidade é, por instincto, rebelde.

Quando, ás onze horas, vinha voltando pela rua Cubatão, vi muitos homens com saccos de farinha nas

costas, outros abraçando embrulhos enormes de pão e mantimentos de toda a especie.

Reparei, com extranheza maior, que estavam abertas todas as torneiras de agua nos pequenos jardins que ha diante das casas da rua do Bugre e outras pelas quas passei.

As criadas enchiam latas, baldes, bacias, vasos de todos os tamanhos e de todas as formas.

Ao atravessar a rua Cubatão, vi ao longe um magote de pessoas perto duma especie de portão.

Na calçada uns tres caxeiros vendiam mantimentos de toda a especie; não tinham mãos a medir. Reparei que um delles ia tirando de uma caixa meia aberta, pacotes que o publico lhe arrancava. Paguei tambem cinco mil réis: era o preço do pacote. Foi um desses actos de imitação instinctiva que servem de base á theoria grandiosa do evolucionismo.

Só depois soube que comprára velas, "nabos em sacco"

Perguntei a causa desta lufa-lufa a um desconhecido — em caso de perigo, de guerra todo o mundo é amigo, assim como nas inundações, nas ilhotas, que emergem, lobos e ovelhas fraternizam. Informou-me que iam ser cortadas, á tarde, a agua e a luz, e que os bondes suspenderiam as suas viagens á cidade.

Trevás do Egypto alliadas ás seccas do Ceará ou Sahara, como quizer! Duas pragas a um tempo só!

Os chefes de familia providentes tratavam de encher

a casa de mantimentos, lembrados do que o Velho Testamento nos conta do patriarcha José, filho de Jacob.

Após o estranho sonho durante o qual viu sete espigas magras engulirem sete espigas gordas e sete vaccas magras devorarem sete vaccas gordas, elle previu que sete annos de fome iam seguir aos sete annos de abundancia. — O antigo oniromante — explicador de sonhos acertou.

Elle soube adivinhar a significação da visão nocturna como si fora um psycho-analysta da escola de Freud.

Este grande genio com sua mania de explicações infinitas, teria procurado fundos e mundos em vez de dar logo no sete (sem trocadilho), como o fez o antigo patriarcha.

Quando cheguei em casa, minha mulher me disse que duas telephonadas anonymas avisaram-na que iam ser cortadas, de facto, a agua e a luz.

Baldes e bacias, muitas garrafas já estavam cheias e os meninos estavam enchendo o banheiro.

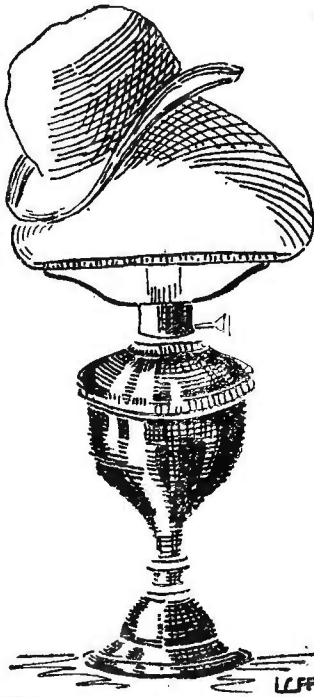
Compraram-se algumas garrafas de kerozene, e do fundo do porão foram retiradas, cobertas de espessa poeira, velhos candieiros de que a minha mulher se servira quando, em moça era professora na Boa-Viagem, umas leguas além de Garanhuns, Estado de Pernambuco.

E' um logarejo onde os sertanejos nunca viram espelhos.

O compadre Juca ficava espantado de vêr o compadre Tónico em duplicata. Alguns, paes, encommendavam á professora de só ensinar a seus filhos a lêr, não a

escrever, pois “quem canta não assovia” E ainda bastava que aprendessem as letras grandes, as miudinhas do jornal é que, não era mister lhes ensinar.

Quando minha senhora contava estas lembranças, quem a ouvia ria-se até chorar, pois, imitava com perfeição a fala dos sertanejos e reproduzia á perfeição todas as suas expressões com a intonação lenta e cantante.



Não se acharam vidros para os candelieiros nortistas: quando os ascendemos ás seis horas, deram mais fumaça do que luz.

Renunciamos a nos servir delles e foram substituidos por velas que comprei de manhã, sem saber que eram velas; felizmente, pois, — nas vendas dos arredores não havia mais, tão grande fora a procura.

Pouco depois, de repente, um dos meus filhos exclamou: a luz electrica funciona.

E nós que nos julgavamos mergulhados nas trevas do *Egypto*, gozamos da clari-

dade que reinava na terra de Geshen.

A agua correu a jorros e em vez das seccas do Cea-

rá ou do Sahara, tivemos superabundancia do precioso liquido.

Houve um pequeno transtorno na familia que me affligiu muito e mais ainda a minha mulher

O filho mais velho soffria de asthma desde a idade de quatro annos. Não havia mez que não ficasse doente durante uma semana. Ora, desde que da rua Santo Antonio nos mudamos para a Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, a conselho de um velho medico, nosso compadre, nunca mais padecera deste mal.

A excitação nervosa, causada pelo espoucar das grannadas, o trovejar dos canhões, fez voltar a doença.

A asthma é doença nervosa polymorpha; differente em cada individuo: uma mina para curandeiros e medicos exploradores. A altura sobre a qual se estende a Avenida Paulista — a mais bella do mundo inteiro, na opinião de um viajante allemão, Capitão Hartweg, que visitou todas as cidades do mundo e publicou seis livros de viajens, — além de sêr admiravelmente situada, possui o clima talvez o mais salubre de São Paulo.

Hoje veiu almoçar connosco um amigo de casa, um barão austriaco, authenticico, mas cujo brazão é algo desdourado. Sobrinho e afilhado do celebre barão de Tautphœus. estudou junto com os netos do imperador, D. Pedro II.

E' homem lido e viajado. Agradabilissimo "causeur" diriam os francezes.

Das numerosas anedotas de que entremeia a conversa apenas refiro uma por se tratar nella do celebre

padrinho tão estimado por J. Nabuco e outras notabilidades brasileiras.

Tauphoeus, tinha o costume de ler durante as refeições: ora muitas vezes lhe aconteceu, quando entrava um estranho, marcar com um bife a pagina onde ficára lendo.

Do pae, optimo engenheiro, a serviço do Imperador, e do tio e padrinho, o amigo herdou as faculdades intellectuaes e o desprendimento dos titulos e grandezas. E' de um inexcedivel bom senso e a sua memoria iguala, si não excede, a do rei Mithridates, do qual contam que sabia de cór os nomes dos cincoenta mil soldados do seu exercito.

O nosso amigo por ter residido em quasi todas as cidades do interior alguns mezes, antigo alumno da Escola Militar e da Polytechnica do Rio, onde teve occasião de conhecer muitos collegas, sabe de cór o nome de todos ou quasi todos os prefeitos, vice-prefeitos, principaes fazendeiros e sua prosapia e descendencia.

Quanto ao desprendimento de titulos e grandezas, é o bastante dizer que, sendo doutor e barão, faz se apellidar simplesmente pelo nome, escondendo com tanto cuidado um e outro titulo, quanto outros têm em nos revelar-os.

A' bocca da noite, após magra ceia, tornada agradavel pela sua conversa, quiz retirar-se para a sua residencia na cidade afim de no dia seguinte, trazer pães de lá, pois as carrocinhas não chegam mais até aqui.

Acompanhei-o até a Avenida Paulista; dez minutos depois reapareceu; as numerosas trincheiras que encon-

trou lhe inspiraram pouca confiança. Imitara as minhas retiradas estrategicas dos primeiros dias. Achou-me ainda na esquina a conversar com um antigo alumno e visinho meu.

Falamos do manifesto de algumas pessoas da alta sociedade paulista ao chefe dos revoltosos publicado nos jornaes de hoje.

Sem lhe reconhecer autoridade alguma propoêm-se tomar conta da tranquillidade do povo paulista. Emittiu este amigo a absurda opinião de serem os signatarios do manifesto uns pretos, outróra escravos das familias paulistas, como si os directores dos jornaes se ~~dix~~assem facilmente embair como qualquer papalvo.

Não contradisse a estrambotica opinião: é inutil pôr oculos num cego.

Escrevo estas linhas ás nove e meia: todos em casa já estão agasalhados.

Não quiz interromper a narração com a referencia a outro facto que se deu ao meio dia e que não carece de interesse.

Como déra tres aulas no Gymnasio e chegara mais tarde do que de costume por ter feito as compras a que acima alludi, estava com grande fome.

Mal nos assentámos á parca meza, eis uma telepho-nada: com voz tremula um advogado que móra na zona do Cambucy, me supplica de mandar-lhe um automovel.

Estranho o pedido, mas largo logo a colhér e corro até a avenida para vêr si ha auto disponivel.

“Vae longe, ás vezes, da colher á bocca”, diz o adagio com razão.

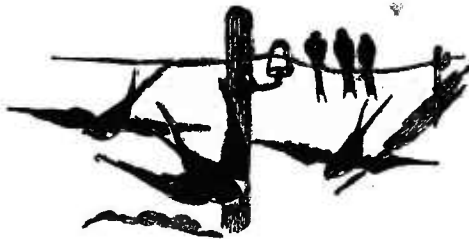
Apenas déra quarenta ou cincoenta passos, quando ouço gritar, que outro recado telephónico avisára que não se precisava mais o autó.

Minha pressa em obrigar o amigo tinha dois motivos: as longas relações de amizade e o desejo de dar-lhe uma satisfacção qualquer pelo prejuizo involuntario que lhe dera uns dias antes no valor de cinco contos de réis.

Eis como se deu o facto.

Um hollandez matou no começo do anno um patri- cio que o atacou no escuro com capacho de ferro. Escolheu ao meu amigo, mais outro advogado, como defen- sores. Tratando-se de freguez endinheirado, os advoga- dos pediram que assignasse um cheque de cinco contos.

Sexta-feira, dia 4, o meu amigo veio pedir que eu obtivesse a assignatura do réo, ao qual eu prestára ser- viço como tradu- ctór. Pedi ao ad- vogado e amigo de esperar até do- mingo, por não de- sejar faltar ao 1.º dia de aulas do 2.º semestre no Colle- gio. O curto adiamento foi fatal: os revoltosos soltaram os presos. O nosso tomou rumo desconhecido.



viço como tradu- ctór. Pedi ao ad- vogado e amigo de esperar até do- mingo, por não de- sejar faltar ao 1.º dia de aulas do 2.º semestre no Colle-

gio. O curto adiamento foi fatal: os revoltosos soltaram os presos. O nosso tomou rumo desconhecido.

“Um passaro na mão vale mais do que vinte no ar”.

Os cinco contos voaram . . .

P. S. Uns oito dias depois de estar acabado o movimento revolucionario, o meu amigo voltou do interior e nos contou suas tristes aventuras.

Tivemos explicações da ordem de mandar e depois de não mandar um automovel, fosse qual fosse da avenida Paulista para o Cambucy.

E' que ali em nenhuma garage, nem perto, nem longe, houve meio de obter taxi, nem carro de qualquer modelo por dinheiro algum. Por acaso passou pela rua onde mora o meu amigo o automovel de um conhecido d'elle, já apinhado de gente. O dir. pediu accommodasse a elle mais a todos os membros de sua familia. Ficaram apertados como sardinhas em lata, havia vinte pessoas mais ou menos no auto no qual mal cabiam seis.

Mas, seja como fôr, puderam retirar-se da zona perigosa.

Foram até Pinheiros e lá passaram uma semana.

De repente espalhou-se o boato de que as forças legalistas iam atacar a cidade, dispondo as suas forças em semicirculo. A extremidade de uma das pontas se acharia precisamente no suburbio de Pinheiros, que o amigo escolhera como abrigo seguro.

Nova fuga, pois nunca o amigo se gabou de ser lá muito corajoso, "não é receio que eu tenho, nos confessava elle, "é medo" simplesmente.

De Pinheiros, foi para Baurú num trem de carga e ainda obteve este favor por conhecer o chefe do trem.

Por cumulo de desgraça, foi para o lado de Baurú que se dirigiram os revolucionarios ao sahir de São Paulo.

Nova e ultima fuga, a mais penosa, esta.

Com mil difficuldades obteve de ser transportado com a familia num wagon de mercadorias, para a Capital. — Passaram quasi sem comer, o dia inteiro, chegou á Capital elle, a senhora e os filhos moidos, esfomeados, estafados.

Todas estas idas e voltas lhe custaram a ninharia de dois contos, que foi obrigado a pedir emprestados: os cinco contos que por minha culpa involuntaria perdeu, teriam vindo a pique.

Por aventuras semelhantes e peores passaram muitas familias paulistas.

Estranho fanatismo de algumas: mesmo após tantos soffrimentos se declaravam partidarias do actual levante militar.

Mais eu envelheço, mais approvo a opinião do philosopho argentino: J. Ingenieros, quando escreve que: “o homem racional é um phantasma que só existe na imaginação dos philosophos”

O que manda na maioria é o sentimento, não a razão.



Quarto dia da Revolta

TERÇA-FEIRA, Dia 8 de Julho de 1924

- 1 — Ordem, contra-ordem, causa da desordem.
- 2 — Dá á terra de beber que ella dar-te-á de comer.
- 3 — Matam soturnamente e se retiram.
- 4 — Discussão com o filho de um sapateiro, e um corneta que não é corneteiro.
- 5 — Rival de Cicero.
- 6 — Lambe-Solas celebres.
- 7 — Geenen é ninguém, ou melhor, nenhum.
- 8 — Cavalgando Pegaso.
- 9 — No palacio das Illusões.
- 10 — Fuzilamento em massa de numerosos fugitivos no Braz.



Explosão de uma granada

Grav. de Belmonte.



SOUBE hoje pelos jórnaes qual o motivo de pedido um tanto estranho de mandar um auto da Avenida Paulista até o longinquo bairro do Cambucy — Rua Justo Azambuja, ha nas visinhas uma rua “Azambuja” sem o “Justo”.

E' que algumas centenas de soldados da marinha e artilheiros navaes, abriram fuzilaria cerrada e atacaram com metralhadoras e canhões de marinha os revoltosos entrincheirados no largo do Cambucy.

A rua, onde mora o nosso amigo, fora alvo desse tiroteio. Houve feridos e mortos. Havia, pois, motivo de sobra para medo, susto e receio, não obstante a subtil distincção que o amigo pretende estabelecer entre estes synonymos. Era natural que um chefe de familia procurasse afastar os seus de zona tão perigosa, como tambem que não tivesse achado auto, pois, começara o exodo das familias paulistas, que abandonaram a Capital para ir apinhar as cidades hospitaes do interior.

Hoje não tive que ir ao Collegio, e como os alumnos particulares que deviam ter vindo tomar aula não pude-

ram chegar até aqui, aproveitei o tempo para regar a horta, lembrado do proverbio: “Dá á terra de beber que ella dar-te-á de comer”.

E’ um dos numerosos proverbios que aprendi de minha mulher, que delles salpica agradabillissima conversa. Sabe-os a granel, assim como milhares de versos que recita a nossos filhos.

Li os jornaes da manhã, “O Estado”, “Commercio” “Fanfulla”

Vi que o Palacio dos Campos Elyseos ainda resiste aos ataques reiterados dos revoltosos, assim como o 4.º Batalhão e a séde da Região Militar, na rua Conselheiro Christiniano.

Grandes lutas se travaram nas ruas Florencio de Abreu e na avenida São João.

Li tambem que os terriveis rimbombos, que entrecortaram o nosso somno a cada instante interrompido, provinham das baterias pesadas do Quartel Federal de Quitaúna, que os revoltosos trazem durante a calada da noite até as alturas do cemiterio do Araçá, para, de lá, bombardear a cidade e fornecer novo contingente aos que neste lugubre logar dormem o seu ultimo somno, o menos agitado de todos. Antes de levantar do sol voltam para Quitaúna, depois de acabada a sua sangrenta tarefa de semeadores de susos e de mortes.

Conversei, em seguida até a hora do almoço com o hospede, o nobre collega de que falei na narrativa de hontem e com os filhos, alegres das ferias forçadas de

que gozam e felizes desta variedade de vida, com a despreocupação natural á sua idade.

Felizmente já sarou do pequeno ataque de asthma de que soffrera hontem o mais velho entre elles.

Depois do almoço frugal: — já havia difficuldades em achar carne — dirigi-me á casa onde provisoriamente habita a nossa proprietaria, para conversar com o amigo que cito no prefacio da 3.^a edição da Psychologia — é graças á amabilidade com que me forneceu as ultimas publicações francezas sobre esta materia que pude pôr os leitores ao par, embora brevemente, dos ultimos importantes progressos dessa sciencia tão necessaria que nos faz conhecer a nós mesmos e aos nossos semelhantes e é a verdadeira, "Propedeutica da tolerancia", como diz um autor recente.

Permittiu-me esta amabilidade poder do meu lado, adquirir as novidades em lingua allemã, ingleza, hollandeza e italiana. As depezas, si não fora a sua intervenção teriam excedido as minhas escassas posses.

A nossa proprietaria, está fazendo construir um bellissimo palacete na parte da chacara que se acha do lado rua Padre Manoel da Nobrega; o muro provisorio ainda não está acabado.

Encontro ali trabalhando sem grande entusiasmo: o filho do sapateiro de illustres familias paulistas — Campos Salles — Bernardino de Campos e outras. O simples servente de pedreiro é ancho de sua gloriosa prosapia.

“Eu é quem degenerarei” confessa elle e isto não obstante os bons conselhos e as reprehensões de meu pae, para o qual os seus illustres protectores arranjaram a quieta e calma profissão de bedel.”



O servente estava entretido numa conversação politica com um corneta que não pertence ao exercito. E' o chefe das obras do

palacete a que alludi, veio para o Brasil da bella Italia e chama-se Corneta.

Não obstante este nome todo militar é anti-militarista, o que não impede que seja partidario do levante actual, assim como o seu interlocutor. Metti-me na conversa sem ser chamado, e demonstrei o perigo do triumpho dos militares. Uma patente mais alta insoffrida do triumpho do actual chefe da revolução havia certamente de pretender substituir a este e não haveria fim ás revoltas e aos transtornos para todos. Ao cabo de curta discussão converti os dois ás minhas idéas — o corneta, que já o disse aqui não é synonymo de corneteiro, foi logo persuadido. Algo mais duro de se deixar convencer, foi o filho do sapateiro.

Fiquei mais ancho de meu triumpho oratorio do que Cicero quando chegou a persuadir o senado das intenções perversas de Catilina!

A innocente ostentação de vaidade de um dos meus interlocutores lembrou-me toda uma serie de sapateiros, *lambe-solas* illustres.

Taes o critico do pintor Appelles, que ouviu da parte deste a celebre apostrophe: “Ne sutor ultra crepidam” “Sapateiro, não vamos além da sola”

O pintor corrigira um defeitozinho na reproducção da sola. Ancho, quizera o remendão dar conselhos a respeito de outras partes do quadro.

Ainda na antiguidade temos o Micylla, invejoso da riqueza do visinho Simonides. O admiravel ironista grego, Luciano de Samosata, nos narra como o gallo do sapateiro, gallo que em vidas anteriores já fôra Pythagoras, cortezã, cynico, cavallo, gaio levou o seu proprietario na residencia de Simonides: este a medo de ser roubado, não pregava o olho durante a noite inteira.

Um pouco mais tarde temos o heroe da fabula de La Fontaine intitulada: “O Financeiro e o Remendão”.

Cantava este noite e dia até que o financeiro, cujo somno perturbava lhe deu uma somma tão grande que

*
“Julgou-se logo o dono
De todo o ouro da terra
Apressado correu ao seu telheiro
Aonde esconde e encerra
Não só o ouro... alegria e somno”,

até que maldizendo a promessa de não cantar mais, vae ter com o financeiro, e diz-lhe — “tome lá o seu dinheiro guarde-o e eu guardarei a cantoria e o meu dormir em paz !

E por ultimo ainda eu citarei o sapateiro de Florença — verdadeiro philosopho, com quem Anatole France gostava de conversar.

Digo Anatole France — de facto “Franz Thibault”, é que é!

Assim é que o nome de familia de Voltaire era *Arouet*, o de Molière, *Poquelin*, e, “si licet parva componere magnis”, si após estes homens illustres posso falar em minha insignificante pessoa “*Bodenstaff*” é que devia me chamar. *Geenen*, sendo o nome de minha mãe, não o de papae.

Mas *Bodenstaff*, na bocca dos alumnos: “Cet âge est sans pitié”, “esta idade é sem piedade” transformar-se-ia em: “o Bode está”, trocadilho que quiz evitar. Naturalizei-me com o nome de minha mãe “*Geenen*”.

Geenen, quer dizer — *Ninguem*, como em grego *Outis*, nome que tomou Ulysses por ardil, quando cegou Polyphemo, o gigante de um olho só. Este, uivando em sua gruta fechada por uma pedra enorme, os outros gigantes acorreram, perguntaram-lhe quem o ferira. “*Outis*” — “*Ninguem*”, respondeu elle... — Está ainda bebado, como sempre, pensaram elles e se foram, o que permittiu a Ulysses dar ás de Villa Diogo com seus companheiros. Após esta digressão volto a narração dos factos.

Esta conversa com o sr. Corneta e o filho do ultimo dos sapateiros illustres, o pae dum simples servente de pe-

dreiro atrazou a minha visita á casa do meu amigo na rua Cubatão.

Já havia lá uns parentes e amigos entre estes um filho da terrinha, ha pouco chegado de Portugal.

“Deixei lá a terra precisamente por causa das revoluções e mal cá chego e é a mesma coisa, — bem que se diz “tal mãe tal filha”.

Portugal é a mãe, lá, ha uma revolução militar cada seis mezes — o Brasil imitou a mãe, mal haja!

Vem a pique lembrar que um patricio deste amigo do meu amigo, o Maneco da venda da esquina da rua X. que vivia com uma preta contestou o proverbio cujo theor exacto é, “tal pae tal filho” quando viu o molequinho que lhe nascera da preta: era um mulato (claro — não disfarçado) quasi preto com cabello encarapichado!

Quando voltei de novo para casa, passei pelos fundos da casa do sr. Corneta — a sua mulher estava chorando. O filhinho ardia em febres — o pae tinha uma grande ferida no peito. Prometti ir buscar remedios para ambos. Expuz os casos a minha mulher e graças á experiencia della banquei o medico (Não casamos com separação de bens materiaes — pela boa razão que destes não havia e puzemos em commum os intellectuaes).

Neto e vovô sararam o que me valeu grande gratidão e admiração — fui bastante honesto para dar a Cesar o que é de Cesar e dizer de quem provinham os remedios.

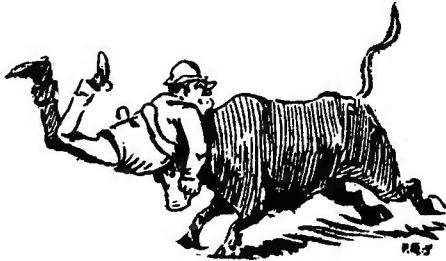
*

* *

Florilegio tirado da “Fanfulla” de hoje: Edição do dia 7 e 8.

“O governo domina a situação, hoje á noite haverá ataque decisivo; — cessou o supplicio das ligações telephonicas, as linhas são todas *desoccupadas*, afinal! antes isto do que — *occupadas*: as linhas ou as telephonistas? — E bem entendido! Os negociantes alteiam os preços dos generos de primeira necessidade. — Pescadores de aguas turvas!”

— A classe commercial protesta contra as 50 horas, 35 minutos e 47 segundos de interrupção nos lucros e (perdas)? — De Caçapava deve vir o soccorro *ma* por enquanto — *niente*. Vieram marinheiros de Santos e peças de artilharia do forte de Itaipús!—No Braz foram fuzilados todos os bois de uma manada que fugiu dos wagons. Os



revoltosos occupam os armazens do Parry!!—“Após as munições para Canhões, munições para *nois*” Será mesmo? — Os rebeldes fugindo pediram armistício? —

Rabisco estas linhas ás 22 horas e meia. Até agora silenciaram revólveres, espingardas, metralhadoras, obuzeiros, schrapnels, bombas e canhões de todos os calibres!

Teriam vindo os reforços esperados, em auxilio á causa legal!

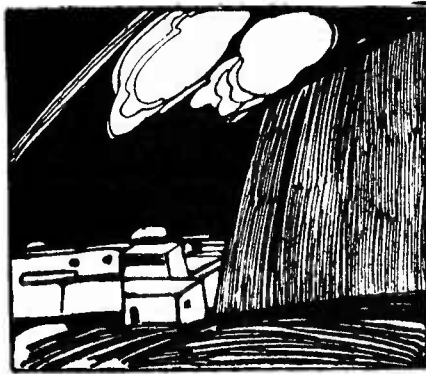
Teriam os amotinados renunciado á tentativa ou tomado rumo da sua cara méta?

Esperemol-o. E' talvez uma illusão, mas acalentemol-a. Que seria a vida sem as illusões. —

São ellas, que de quando em quando rasgam as negras nuvens para nos fazer entrever uma nesga do azul do ceu — são ellas que, de espaço a espaço, margeiam de flôres perfumadas e multicores a senda ingreme e pedregosa da vida; são ellas que fazem brotar no deserto oasis frescos e verdejantes, são ellas que fazem desabrochar os risos nos rostos quasi sempre banhados de lagrimas, são ellas que... Eis me cavalgando Pegaso — só faltam rima e rythmo, e seriam versos.

Teria prazer em compôr um hymno “á illusão fecunda que habita no meu seio” como se exprime “A Joven Captiva” de André Chenier:

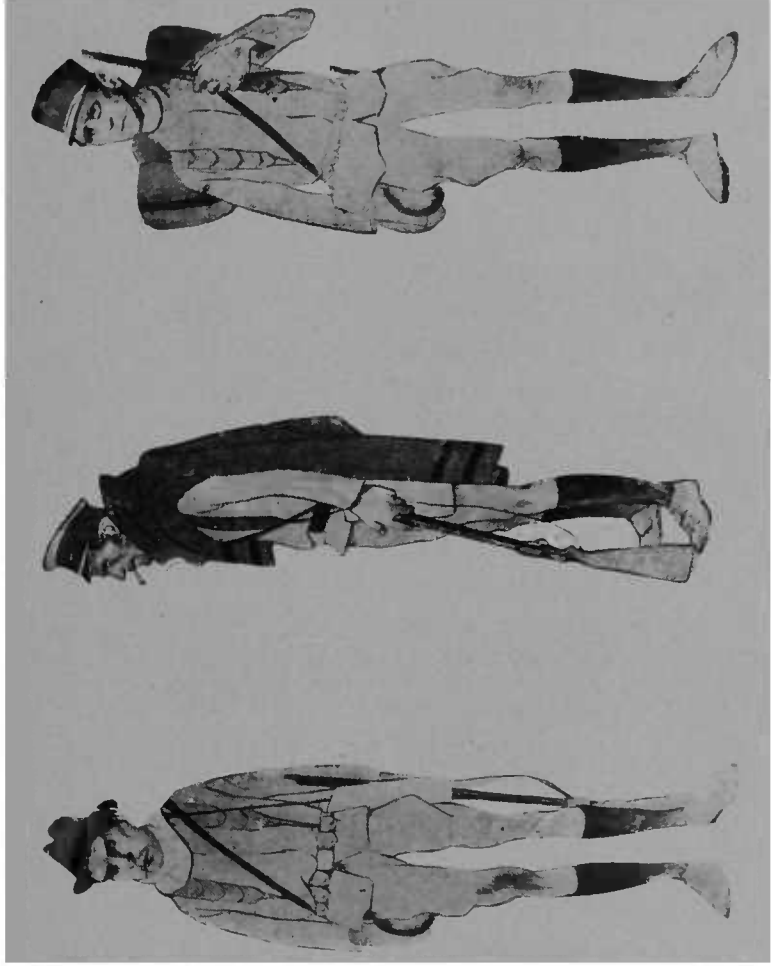
“L'illusion féconde habite dans mon sein”



Quinto dia da Revolta

QUARTA-FEIRA, Dia 9 de Julho de 1924

- 1 — Silencio nocturno.
- 2 — A curiosidade mais poderosa do que o sentimento do dever.
- 3 — Triumpho ás avessas.
- 4 — Largo de Xiririca.
- 5 — A sós em zona perigosa.
- 6 — O que seria o MEDO!
- 7 — Trophéos de victoria ou despojos de derrota.
- 8 — Romaria a logares celebres.
- 9 — O instincto paterno mais poderoso do que o instincto da conservação.
- 10 — Onde está situada a cidade de “Algures”.
- 11 — Não me fio na “rectaguarda” de creança que mama.



Tipos de revoltosos



ERA o meu dia de aula no Anglo, mas os jornaes annunciaram que o Governo declarou a semana inteira feriado. Interpretei, a meu favor, este decreto que de facto apenas se relaciona com o vencimento de letras e outras transacções commerciaes.

Não houve grande inconveniente na minha ausencia, os alumnos já são pouco numerosos e a Directoria reuniu varias classes em uma só.

Durante toda a noite, ainda que de ouvido á espreita, não ouvimos o trovejar do canhão, ao qual aliás já nos estavamos acostumando.

Este facto estranho confirmou-nos na agradabilissima esperanza de que tudo estava acabado.

Levanto-me mais cedo e, com soffreguidão, vou á cidade certificar-me do occorrido.

Será verdade que os revoltosos tenham abandonado a sua criminoso tentativa, terão elles rumado para o Rio a sua "meta"?

Logo na esquina da Avenida, já tenho motivo de duvidar. Encontro o irmão do dono da Typographia na

qual se publicaram a terceira e quarta edição do meu “Compendio de Logica” e a segunda edição do “Compendio de Psychologia” (Que reclame bem feito! Linha branca sobre panno preto!).

Este moço, que mora do lado Parque Jabaquára, ancioso por ter noticias do pae e dos irmãos que habitam na rua Genebra, onde elle ia, acalentava a mesma esperança do que nós. Ouvira tambem falar do reforço para os defensores da legalidade, e julgára que o pesadelo horrivel já tivesse fim.

Mas já concebera duvidas por ter encontrado grupos pequenos de soldados fieis ao Governo que se retiravam do lado de Santo Amaro.

Pela avenida Luiz Antonio desceram tambem varios grupinhos de soldados do Quinto Batalhão da policia da rua Vergueiro — ora, sabiamos todos que este batalhão não adherira ao levante e fora alvo dos furiosos ataques dos revoltosos.

Que haverá, pois?

Em vez de terem os revoltosos evacuado a cidade, teriam sido os legalistas, os que se retiraram?

Para têrmos a solução do ancioso problema fomos descendo a avenida Brig. Luiz Antonio. Farrapos de conversas que ouvimos pela rua nos convenceram mais a mais do triumpho da revolta, pelo menos no centro da cidade. Paramos numa das ruas do bairro da Saracura Grande, onde fomos comprar pão, pois os padeiros sus-

penderam a entrega quotidiana: o nosso entregador tivera na segunda feira, a aba do chapéo atravessada por bala e recusou-se a continuar o serviço!

Muitas padarias, entre outras a de que somos freguezes, há uns vinte annos, suspenderam o serviço da entrega do pão por um motivo bem simples: por lhes faltar trigo.

Sobraçando duas grandes brôas desço com o companheiro, que me deixa na rua Genebra.

Chegado bem perto da cidade, vou até a rua de Santo Antonio, para me informar do estado de uma familia amiga: em vão toco a campanhia electrica, julgo que se tenha retirado de São Paulo.

Ainda não tinha conhecimento claro do occorrido.

Da casa dos amigos ha um pulo até á cidade.

Desconhecendo e desprezando o perigo, fui descendo até o largo da Memoria, o mais desleixado de São Paulo; chegando ali, de bonde, distrahido muitas vezes tive a impressão de ter chegado ao Largo da matriz de Xiririca, ou de qualquer aldêa do interior...

Vejo grupos de curiosos que commentam os factos: não me approximo de nenhum; poderia alguém me suspeitar de ser secreta ou espião, e não sei como seria recebido.

Não pude refrear a curiosidade: quiz a todo o custo saber o que havia, vendo com meus proprios olhos.

Ha já muitos annos que perdi a sensação de medo e sem gabolice digo ás vezes: “criminoso ou cachorro pode me matar, fazer-me medo é que não”.

Quanto aos phantasmas do outro mundo, estes perderam todo o seu poder terrificante porque o estudo da Psychologia me convenceu de que não passam de creações da imaginação.

Vou subindo pela ladeira do Ouvidor. Mais me approximo do centro, mais isolado me sinto; rarissimos transeuntes, todos de cara fechada! Chego ao largo de São Francisco: lá ha tres pessoas.

Atrevo-me a perguntar a um desconhecido si ha possibilidade de entrar no centro da cidade — Respondeu-me este que sim, mas accrescenta que talvez seja perigoso!

Teimo e vou andando! Na entrada da rua José Bonifacio jaz uma enorme corrente de ferro que defendera a entrada da rua: cahira no chão.

Agora, não vejo mais pessoa alguma.

Em frente á Repartição dos telegraphos havia uma trincheira abandonada: nem legalistas, nem revoltosos!! Solidão, silencio!

Fiquei na mesma, sem saber quem vencera.

Na rua Direita não vi ninguem, absolutamente ninguem.

Não havia, pois, meio de colher informações: o abandono do centro foi total. Os representantes dos dois partidos se retiraram. Sempre na duvida a respeito do exito

da luta voltei pela rua de Santo Amaro e avenida Brigadeiro Luiz Antonio.

Alli, encontrei um moço desconhecido, mas fomos ambos cumprimentados por um amigo commum tanto bastou para entrarmos em conversa.

Era um advogado que mora na rua Cubatão. Elle passou os quatro primeiros dias na casa dos paes, que habitam quasi em frente ao Palacio dos Campos Elyseos. Não pudéra sahir dali e não sabia da propria familia.

Perguntei si os legalistas eram victoriosos “Qual o que!” respondeu-me logo, “Pelo contrario, retiraram-se!” O proprio Presidente do Estado abandonou o palacio dos Campos Elyseos, os soldados que defendiam o palacio deixaram as trincheiras e distribuiram cartuxos de balas a quem quizesse: — elle tinha os bolsos cheios. Não eram trophéos de victoria, mas despojos de derrota.

E comtudo os jornaes que comprámos, proclamavam a victoria completa da legalidade!

O papel aguenta tudo!

Após o almoço quiz levar o meu filho para vêr as trincheiras abandonadas. O methodo intuitivo de ensino declara que o que penetrou pelos sentidos difficilmente se esquece.

O sobrinho do barão Tautphoeus nos acompanhou. Transformámos o nosso passeio em visita aos logares celebres.

Pela rua Pedroso fomos até á rua Pirapitinguy. Vimos a casa onde foi morto um alfaiate e varias pessoas

da família. — Quiz me informar do bem-estar de um amigo, o dono do Veado de Ouro, que móra quasi de frente á casa onde se deu o sinistro. Na noite de domingo para sabbado, quando se déra o tiroteio contra o quartel do Quinto Batalhão da policia á rua Vergueiro, refugiou-se na casa de um amigo e agora tinha ido para Santo Amaro onde possue duas chacaras. (Em boa hora, pois, tres obuzes varáram as paredes de sua moradia).

Descendo pela rua da Liberdade vimos um rombo enorme, bem redondo, no alto da parede da antiga séde da Escola de Contabilidade Carlos de Carvalho.

No largo João Mendes, vimos o primeiro soldado: era um cavalleiro, armado de espingarda, em posição ameaçadora para o publico. Sempre desconfiei de soldados de cavallaria, e propuz aos meus companheiros evitar o seu encontro. “Na rectaguarda de creança. ”

Vêr subtítulo... e tão pouco me fio na bocca de uma espingarda carregada! em mãos de soldado a cavallo.

Fomos do lado da Rotisserie. Vimos perto da casa Mappin um soldado da marinha, lenço vermelho no pescoço.

Conversava com um grupo de curiosos; destaquei-me dos meus companheiros e fui até lá colher informações: Não tenhaes cuidado, disse elle, cidadãos *tudo é nosso*, podeis ir onde quizerdes.

Mal acabára esta gabolice, quando se deu um corre corre na rua Direita.

O heroe foi o primeiro a se cōser com a parede da Casa Mappin e a correr.

Todos os curiosos que estavam confabulando com elle, lhe imitaram o exemplo.

Mas como meu filho tinha ficado com o amigo do outro lado da rua perto da Rotisserie, retrocedi imprudentemente, sem reflectir que me expunha a balas ou á bayoneta, o instincto paterno vencera o da conservação.

Não quizemos saber mais de nada. e rumamos o mais depressa possivel para casa “de a pé” como se diz no Bom Retiro e “algures”

A proposito deste termo um anecdota authentica:

Durante a “Conflagração Européa” o barão de Santo Thyrsó, antigo diplomata portuguez na Inglaterra, mas germanophilo, julgou prudente não revelar ao publico onde residia.

Dirigia as suas bellissimas correspondencias ao “Estado” sob a rubrica: “Cartas de Algures”

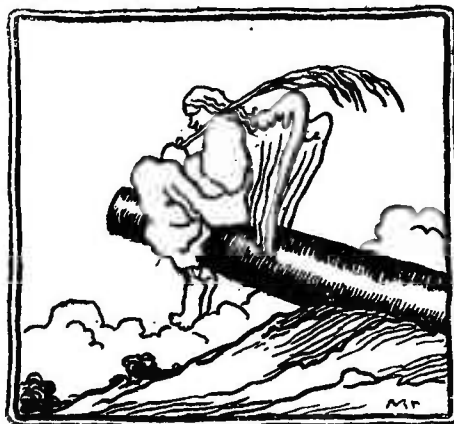
O redactor-chefe da “Germania” levou muito tempo em procurar nos atlantes Andrée e Stieler, onde ficava esta cidade!

Não houve meio de convencel-o que confundia um adverbio indefinido com um nome proprio.

Havia em seu cerebro uma vaga lembrança do “Algarves” provavelmente, que transformava numa cidade.

Ao chegar na Avenida Paulista fômos rodeados por curiosos, que ainda não sabiam quaes os vencedores. Con-

tamos o que vimos e os rostos se alegravam ou entristeciam conforme as opiniões que professavam, mas todos estavam anciosos por saber si este desfecho era ou não o annuncio da paz.



Sexto dia da Revolta

QUINTA-FEIRA, Dia 10 de Julho de 1924

- 1 — Tiro perigoso n'agua: trocadilho
marca barbante!
- 2 — Dize-me com quem andas: dir-
te-ei quem és. — Felizmente ha
excepções.
- 3 — Afinal sabemos onde Elle está.
- 4 — A penna me cae da mão.
- 5 — O “Bordeus” Paulista.
- 6 — Boatos e boateiros.



Saque aos armazens

Grav. de Belmonte.



NOS primeiros dias da revolta — não me lembra si na segunda ou terça-feira — lêra num jornal entre os nomes dos feridos o de “R. Ribeiro” que fôra baleado na rua dos Gusmões. Não liguei o nome á pessoa, scismei vagamente que fosse um alumno que está estudando quatro materias dos exames parcellados. Mas ha tantos *Ribeiros* com inicial maiuscula, quantos riachos e *ribeiros* ha, com inicial minuscula.

Hoje o “Estado” traz explicitamente: “baleado na rua dos Gusmões — domingo de tarde, Raul Ribeiro com dezenove annos de idade, estudante.

Não havia mais que duvidar, a carapuça cabe.

E’ um moço alto. forte. Elle é do interior — qual não será a anciedade da pobre mãe. A bala lhe atravessou a perna!! Está longe da familia, numa pensão. Houve pequena imprudencia da sua parte. Quiz atravessar a rua quando, de repente, começou o tiroteio, dizem os jornaes.

Foi um tiro num *ribeiro* — logo n’agua. O leitor me releve este trocadilho marca barbante.

De manhã cedo, mais uma vez a curiosidade leva á cidade o trio dos curiosos metediços — o hospede, Barão de Sch., o meu filho mais velho e vosso criado.

O pretextó é facilmente achado: vamos comprar mantimentos!

Não nos aventuramos muito desta vez.

Ouvimos falar dos grandes assaltos ás propriedades particulares e ao mercado, e logo depois têmõs provas *de visu* da veracidade destes boatos.

Ao voltarmos pela rua Santo Amaro, achamo-nos de repente precedidos e seguidos por um grande grupo destes salteadores ou melhor saqueadores.

Um levava na cesta aparelhos telephonicos arrancados ás paredes. Um outro ia semeando pela calçada feijão e arroz, que escapava do sacco furado. Havia um que só pudera roubar uma vassoura velha.

“Tarde venientibus ossa” — “Os que vem atrazados só comem os ossos” O homem da vassoura chegára certamente atrazado á festa.

Mesmo assim ainda vimos umas negras correndo ás pressas para ver si havia alguma coisa que pudessem roubar.

Vendo-nos assim rodeados, aventurei um timido — “Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és”, ao ouvido do meu companheiro — Eis-nos em bõa companhia — Si nos applicassem o brocardo!

O amigo fez logo reparar que, si não ha regra sem excepção, a excepção a este rifão é tão celebre que todo

o mundo a conhece: a de Christo na Cruz entre dois ladrões.

Achamo-nos felizes ao perdermos de vista esta sucia de gente deshonesto. De alguns talvez só a occasião fizera o ladrão: — outros tinham a cara do officio: typos lombrosianos de gatunos.

Fui de tarde ao Gymnasio para me informar do nosso horario. O numero de alumnos está reduzido a um minimo. Varias classes reunidas em uma só, não perfazem o numero de uma classe regular.

O horario de facto mudou e as aulas foram reduzidas: o alvoroço entre os rapazes que, por falta de conducção ficaram é grande, — os trens foram supprimidos em muitas linhas, não podem nem informar as familias anciosas.

Na volta encontrámos um amigo (o plural que emprego não é o de majestade — o nosso hospede me acompanhara) — por elle soubemos do paradeiro actual do digno presidente do Estado.

Um logarejo desconhecido ficou, em pouco tempo, celebre.

O “Bordeus” de São Paulo foi o pequeno povoado de Guayaúna.

Para que o simile, seja comprehendido pelos leitores mais novos lembro aqui que em fins de Agosto de 1914, no começo da guerra mundial, quando os exercitos alle-mães se approximavam de Paris, Bordeus foi escolhido por Poincaré, como capital provisoria da França.

O nosso informante soube nos dizer qual o numero das forças legalistas em Guayaúna: montava a dois mil, mas havia esperanças fundadas de que em poucos dias havia de quintuplicar e mais.

O mais estranho dos boatos que elle nos referiu é que os revoltosos haviam pretendido escolher o veneravel ancião conselheiro Antonio Prado como governador.

A's 18 horas e meia — quiz continuar o diario, ás seis e meia pelo antigo — mas occupação urgente que não vem ao caso referir me impediu de fazel-o.

A penna me cahiu da mão.

Torno a ler o que escrevi e reparo que omitti outros boatos curiosos que vendo pelo preço pelo qual os comprei: baratissimo.

Um alumno meu que encontrei, ás dez horas, quando fui comprar o jornal na esquina da Avenida, pretende ter visto entre os revoltosos, espingarda carregada um filho espelotado, como se diz, de um dos conspicuos lentes da Faculdade de Direito.

Si for a verdade, o pae deve ter grande desgosto pelo acto irreflectido do filho.

Referiu tambem que os automoveis do conselheiro Prado entram e saem livremente na séde do pseudo governo provisório.

“Puó essere! ma chi lo sá!” “Póde ser, mais quem o sabe!”

O “Commercio” de hoje refere que o abandono do centro da cidade se deu ás tres horas da madrugada. Cedo, o Coronel Oliveira, chefe revoltoso, chamou os directores

dos jornaes: informou-os que se ia formar um governo provisório e lhes deu um salvo conducto. Os soldados governistas, aquartelados no edificio do Gabinete de Investigações e Capturas da rua 7 de Abril e no da séde da Região Militar capitularam só ás 12 e 45. .

Assim se explica o que contei hontem do *errado*: “Tudo é nosso... do marinheiro que logo em seguida “abriu o pé” (como se diz) pouco seguro nos proprios dominios e do corre-corre.



Um destacamento de amotinados vinha pela rua Direita para atacar estas ultimos reductos da legalidade no Centro da Capital; o marinheiro fugira deante de defensores da propria causa, mas era comprehensivel na incerteza em que todos ainda estavam.

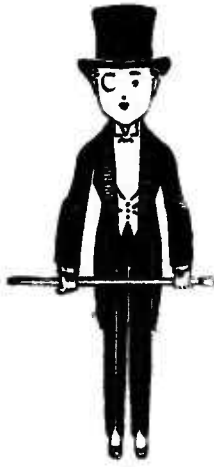
Os jornaes destes dias todos trazem como durante a grippe a lugubre lista dos defuntos da vespera!

P. S. O baleado a que alludi fôra de facto o meu alumno; ficou dois mezes na Fazenda; mas pelo ardor com que estudou soube reparar o tempo perdido e foi feliz nos quatro exames para os quaes eu o preparei; a

bala atravessou a carne sem tocar o osso, “parecia-me, contou elle, uma queimadura.

No principio puxava a perna e usava bengala; mas, felizmente, são de corpo sarou completamente em pouco tempo.

Um almofadinha qualquer estragado por vicios teria morrido ou levado annos a se restabelecer.



Setimo dia da Revolta

SEXTA-FEIRA, Dia 11 de Julho de 1924

- 1 — Rolando o Vesuvio abaixo.
- 2 — “Civis romanus (britanicus) sum”
- 3 — Prodomos russos (matança de judeus).
- 4 — Theatro bem protegido.
- 5 — Confiança exagerada.
- 6 — Sobre a cratera que sepultou Herculanium e Pompeia em 79.
- 7 — A mulher de Loth convertida em estatua de sal.
- 8 — Cinema de graça.
- 9 — Tanks: ressurreição do passado.
- 10 — Etymologia arriscada.
- 11 — Bocca desdentada, mas terrivel.





DURANTE a noite ouviu-se ao longe o duello da artilharia que perturbou-nos, bastante, o somno!

Como, durante os primeiros dias, tinha ido muitas vezes á cidade “de a pé”, como se diz no Bom Retiro e algures, estava com os pés moidos.

Descer a avenida Brigadeiro Luiz Antonio não cansa: a subida é que é rude. Eulenspiegel, o celebre trocista allemão do seculo XVII, gostava, dizia elle, das subidas, por lhe fazerem prevêr a descida que havia necessariamente de succeder. Cada qual tem seu gosto.

A differença é enorme. Quando quiz visitar a cratera do Vesuvio, chamado, como logo terei occasião de contal-o, por um amigo que não podia mais caminhar, desci em cinco minutos, rolando na cinza, o declive que subira em 2 horas.

A's sete e meia, fui ao Gymnasio. Conversei, no caminho, com um inglez rubicundo, visinho que só conhecia de vista.

Estava alegre por dois motivos: o descanso obrigatorio o fizera engordar de tres kilos e meio, em poucos

dias e, por cumulo da felicidade, um tiro de canhão lhe escangalhara uma pequena fabrica que possui na rua São Caetano.

Para o subdito de sua poderosa Majestade Britanica, uma bôa indemnisação são favas contadas. “Os *civis britanicus sum*” substitue, no mundo actual, o “*civis romanus sum*”.

O que estranho é que houvessem sido disparados tiros de canhão na pacifica e commerciante rua de São Caetano onde certamente nasceu a celebre Dona Caetana da Companhia Arruda-Prata.

Durante o dia soubemos pelos jornaes que as forças legalistas que se achavam nas alturas de Ypiranga atiravam de lá sobre os revoltosos da Estação da Luz. A trajectoria passa por cima da rua São Caetano em linha recta, havia, pois, ali, a explicação do que o inglez nos contou.

Dei aula a numero diminuto de alumnos: todos os moços do interior que têm possibilidade de se retirar já se foram embora. Aquelles cujos paes moram na cidade ja se recolheram no seio de suas familias.

Quando voltei do Collegio encontrei umas vinte pessoas, entre ellas mulheres e crianças, todas estavam carregadas de trouxas e trouxinhas, conforme as suas forças.

Lembra-me este espectáculo, um igual que vi, lá vão quasi uns quarenta annos, numa estação de Hollanda. Era um grupo de Israelitas russos fugindo de um dos “progromos”, matança de judeus tão frequentes sob o bene-

volo governo do czar, chamado pelos seus subditos de “paesinho”!

Nestas occasiões, diz Goethe, o maior dos poetas alemães, os fugitivos alvoroçados levam geralmente objectos desnecessarios, carregam gaiolas de passaros e esquecem a panella, o caldeirão que lhes serviria para o preparo dos alimentos.

Acha-se este trecho no admiravel livro “Hermann und Dorothea”, unico dos modernos em que se imita a singeleza dos gregos, por revestir os pormenores da vida quotidiana das louçanias da poesia.

Meu filho fôra a cidade de manhã comprar mantimentos: viu assestadas, bem de frente ao theatro da rua Anhangabahú, grossas peças de artilheria; estariam lá para proteger o theatro vasio? Certamente que não!

Depois do almoço, quizemos, nosso hospede, antigo collega do principe *d'Eu*, mas bem deslebrado destes gloriosos inicios da sua vida agitada, meu filho e eu, ir vêr os logares que foram attingidos pelos obuzes.

Na esquina encontrei um ex-alumno que acabara o serviço militar no exercito federal, em Matto-Grosso. Estava lá “vou não vou” (em psychologia diriamos abulico), com todos os papeis promptos, para ir se alistar na guarda municipal, afim de guardar a propriedade alheia e mórmente a de seu pae, esperançoso como era, de ser destacado para a guarda da zona onde habitá.

Persuadimol-o, e meio arrastado, meio de boa vontade, tal qual o pescador da poesia de Goethe, chamado pela

sereia que em Gonçalves Dias é substituída pela Mãe d'Água, lá se foi o heroe até a Municipalidade.

Não soube si deu os ultimos passos para o alistamento.

Em frente ao telegrapho federal, na rua José Bonifacio, vimos civis e militares assentados confraternizando e commentando os acontecimentos.

No largo do Palacio topamos com a primeira metralhadora. O soldado que tinha a mão sobre o gatilho parecia estar cançadissimo e pouco satisfeito da confiança que tomavam os civis rodeando os soldados e conversando com elles.

As photographias publicadas após a revolta reproduzem bem seu rosto escavado, seu olhar irrequieto e desconfiado.

No canto do Palacio reparamos a brecha enorme feita pelo canhão cujo disparo decidiu a evacuação do Palacio da parte das autoridades. Não era para menos!

Voltámos pela rua Libero Badaró, onde vimos a azafama dos benemeritos membros da Cruz Vermelha. Muitos automoveis, medicos, enfermeiros, enfermeiras, entrando e sahindo do predio onde tem a séde.

As guerras e as revoltas são a occasião em que se manifestam os thesouros de heroismo que se escondem no peito de muitos homens tanto como as miserias dos sentimentos máus que ali se acoitam.

Meu filho W queria ir até ao Viaducto de Santa Ephigenia. Recusei por estar cançadissimo: pernas de

velho não aguentam o que para pernas de moços é uma brincadeira.

Minha fadiga foi providencial. Poucos minutos depois, tiros de canhão escangalharam os postes de aço do Viaducto.

Estas balas que furam o aço poderiam ter furado os ossos dos nossos craneos por resistentes que sejam. (Cruz! Ave Maria!)

Um quarto de hora depois de passarmos na rua Boa Vista, um obuz attingiu a frente da succursal do Hotel D'Oeste.

Mais uma vez expômo-nos ao perigo inutilmente. Isto me aconteceu, na mocidade, mais vezes.

Na excursão ao Vesuvio, a que alludi, como o nevoeiro espesso não nos permittisse a meus dois companheiros e a mim discriminar os varios picos no alto da montanha, subi sobre a cratéra que agora não estava em actividade, mas, que sepultou Pompeia e Herculanium, em 79.

Varias vezes cahi e quasi me queimei as mãos nos buracos pelos quaes sahiam vapores quentes.

O perigo era grande. Os guardas reaes desceram do pico do Vesuvio para avisar-me, já tinha felizmente escapado quando chegaram. Acharam os meus companheiros, tambem perdidos em logares perigosos.

Volto ao assumpto.

Quando nós nos retiramos ás tres horas subindo pela avenida Brigadeiro Luiz Antonio, ouvimos muitos disparos de canhão e virando-nos vimos as pequenas nuvens dos obuzes e schrapnels ao explodirem.

Imitamos a curiosidade da mulher de Loth que se virou para vêr as chammas que devoravam Sodoma e Gomorrha.

Elle foi mudada, diz a Biblia, em estatua de sal: poderíamos ter virado sorvete.

De noite, fui conversar com o amigo da rua Cubatão.

Elle é o proprietario de um cinema da rua da Consolação. Soube que os cinemas foram destinados a servir de abrigo ás pessoas que habitam nas ruas expostas ao bombardeio. Optimo destino dado a esses logares de diversões.

Propala-se, como este amigo nol-o diz, o boato de que do Rio vieram uns dez ou mais “tanks” militares!

Este instrumento bellico é a reproducção moderna dos terriveis carros armados de facas, usados pelos Assyrios e os Babylonios e que Jehovah mandou passar sobre os prisioneiros Amalecitas. O rei Saul perdeu a coroa e a vida por não ter obedecido a esta ordem cruel.

Nunca houve meio de saber porque estas machinas infernaes se chamam “tanks” cuja traducção é “*reservatorio*”

Talvez seja por ter um enorme reservatorio de gazona para se mover. Proponho esta explicação a medo.

Com taes recursos o triumpho rapido da legalidade se nos afigura certo: — Melhor assim o pesadelo já dura demais.

Escrevo ou antes rabisco nervosamente, estas linhas ás vinte e uma horas, ás nove, estylo antigo.

Por enquanto silencio absoluto: a bocca desdentada dos canhões, que não deixa, por isto, de ser terrivel, ainda guarda o silencio; oxalã seja para sempre.

Não é o unico *desdentado* terrivel e perigoso. Tamandúa-bandeira não morde, mas mata a quem elle pode rodear com as suas patas dianteiras: seus braços, dizem os matutos, como os açougueiros falam em “mão de vacca”.

Eu vou me confiar aos braços menos perigosos de Morpheu que já são horas, o trabalho do jardim cança.

Desculpe o leitor este trocadilho de meia tigela; não vale as quatro ferraduras de um cão, pois passa-se do sentido natural ao metaphorico. “E’ de metter fora”, lá vae outro da mesma laia.

Parece que queira confirmar o que diz o rifão francez:

“Qui court après l’esprit, attrape la bêtise”

“Quem procura ser engraçado muitas vezes se torna desenxabido”.

E — “a proposito” — lembra-me isto o noivo que para dar amostras de seu talento no falar, interrogado que fôra a respeito do officio de um tio seu, respondeu:

“Meu tio occupa actualmente a posição pouco lucrativa de cadaver no cemiterio de Santo Amaro”.

E’ o cemiterio *aristocratico* (?) de Pernambuco, a anecdotia é uma das muitas que ouvi a minha saudosa mulher.

O leitor ha de perdoar estas digressões. Largo a re-dea á imaginação e á penna ao escrever estas “Aven-

turas” em desforra ás torturantes peias com que a ambas prendi, quando escrevi a terceira edição da Psychologia.

Lá os modelos eram Aristoteles e Spinoza que redigiu sua Ethica como si fosse um livro de geometria, aqui muito de longe, pretendo imitar — Cervantes, Rabelais e Swift. Delles escreve Anatole France: “On reconnait dans leurs oeuwres une unité autrement robuste que celle d’une intrigue adroitement nouée.

C’est la cohésion de leur esprit”

“Reconhece-se em suas obras uma unidade mais poderosa do que a de uma intriga bem conduzida.

E’ a da cohesão do seu espirito”

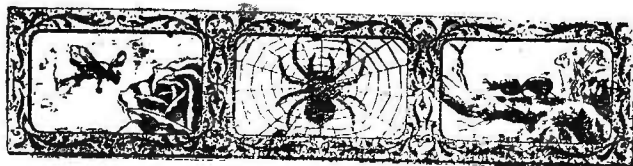
Tomo licença de acabar o quadro do mestre.

Nestes grandes homens este espirito que forma a unidade se manifesta nos seus varios poderes no da imaginação, da memoria e do juizo que tão bem symbolisam a abelha, a formiga e a aranha.

A ultima representa a imaginação, por tudo tirar de si: tanto urdume como trama.

A formiga representa a memoria: tudo o que amontoa no celleiro, tira-o de fóra. —

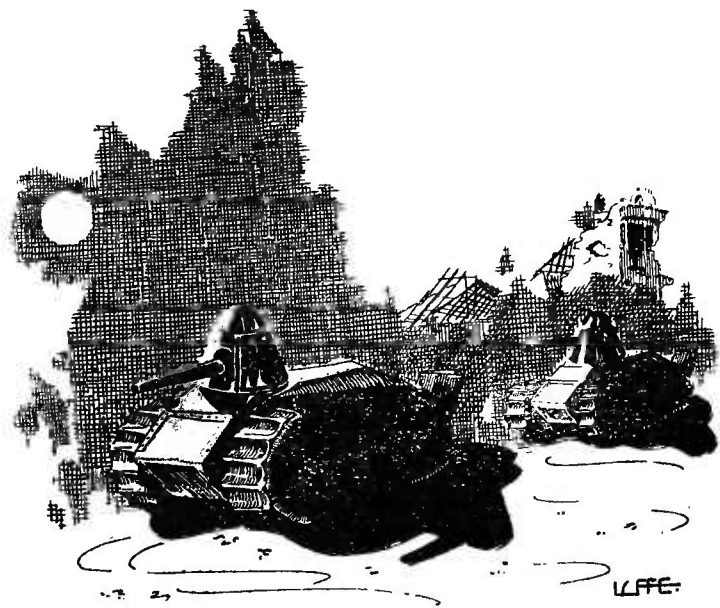
A abelha symbolisa a razão: transforma dentro de si o nectar que extrae do calice das flôres em um mel sabroso de que enche os favos.



Oitavo dia da Revolta

SABBADO, Dia 12 de Julho de 1924

- 1 — Orgão diabolico.
- 2 — Conselho tido pelos ratos contra o roe-toucinho.
- 3 — Um viajante morre depois de ter passado sobre o gelo o golfo de Bothnia.
- 4 — Espada de Damocles.
- 5 — Pão K K.
- 6 — Cama de Procusto.
- 7 — Macaco olha o teu rabo!





F OI a peor de todas as noites a de sexta-feira para sabbado. O trovejar dos canhões mórmente entre vinte tres e vinte e quatro horas não cessou um instante.

O rimbombar dos tiros continuos lembra um orgão de tamanho descommunal que fôra tocado por mãos diabolicas.

No Gymnasio, entre os lentes, falou-se muito da intervenção de todos os consules estrangeiros; alguns supõem que surtirá effeito outros que será inutil.

A cidade de São Paulo, é uma cidade cosmopolita antes do que brasileira propriamente dita. Ha milhares de subditos estrangeiros, cujos interesses são entregues aos respectivos consules.

Assiste-lhes, pois a estes o direito ou antes cabe-lhes o dever de fazer em favor daquelles cujos interesses lhe são confiados tudo “que for possível”.

Mas — no caso de um levante de nacionaes que poderão simples consules — elles não têm a autoridade de embaixadores — não podem sinão aconselhar, ameaçar é que não.

As suas reuniões e deliberações terão provavelmente o effeito do conselho dos ratos quando estes quizeram tomar um meio definitivo de se protegerem contra as garras e os dentes de Rodilardo — qui passait entre les rats, non pour un chat mais pour le diable. “que tinha fama entre os ratos de ser o diabo e não um gato.

Conselho puramente platonico, sem alcanço.

Mas quem sabe? O naufrago no perigo segura na menor taboa, na esperança de que o possa salvar. Assim a população de São Paulo.

Esperemos e confiemos, pois.

Pelos jornaes da manhã vejo os perigos aos quaes nós nos expômos hontem: não tive contudo o medo retroativo que ás vezes é terrivel.

Numa bellissima poesia allemã conta-se o facto veridico de um viajante que passou a cavallo o golfo de Bothnia, preso pelo gelo. Quando chegou á primeira aldeia sueca após horas e horas de viagem sobre o gelo e que lá soube, durante quanto tempo, pequena e fragil crosta o separara do abysmo, caiu do cavallo, morto pelo susto.

Mas si não me assustei d’um perigo passado, pelo menos tomei a resolução de não mais me expôr e nem deixar os meus se exporem inultimente. Sai de tarde de casa, mas só até a esquina da avenida.

Faz uma semana já que estamos nesta situação afflictivo: o nervossismo de todos é visivel. Ha situações a que ninguem se pode acostumar.

A espada de Damocles parece continuamente suspensa sobre a nossa cabeça.

Sabe-se que, vexado das adulações exageradas deste cortezão, Dyonisio, o Tyranno, para lhe mostrar que a felicidade dos poderosos não é o que a elle se afigurava, suspendeu uma espada pesada por cima de cabeça deste, durante um banquete. Quando Damocles a reparou, a taça cheia de vinho lhe escapou das mãos tremulas.

Como chefe de familia devo mostrar coragem e inspirar confiança a todos. Mas não sei a quaes argumentos recorra!

Toda a nossa zona está occupada pelos revoltosos.

Elles fazem parar a cada instante os raros automoveis que ainda se aventuram pela ruas, afim de verificarem si não carregam bombas.

A's quinze horas a voz do canhão já começa de falar alto e grosso!

O peor da festa é que não ha mais pão em casa — felizmente um visinho bondoso nos trouxe uma grande quantia de carás, farão as vezes do pão.

Será um succedaneo como o pão K. K. dos allemães durante a guerra: grande hilaridade excitou na França, mas depois imitaram, obrigados pela necessidade, o inimigo de que se zombaram.

O assumpto obrigatorio da conversa do dia são os taes tanks, a gravura de Luffe da idéa destes melhor do que qualquer descripção. Não se sabe si já entraram em acção ou não.

P. S. Pouco escrevi no dia 12.

Quando redigi este diario — não pensava em publical-o. E' a pedido de amigos que o faço agora.

Não pretendia, pois, dar o mesmo desenvolvimento ás reflexões levadas sobre o papel apenas para os filhos se lembrarem mais tarde desses dias de afflicção.

Si tivesse pretendido escrever um livro teria imitado o salteador Procusto, e dado igual comprimento ás reflexões diarias.

Sabe-se que este monstro deitava as suas victimas em uma cama de ferro — si o viajante era maior do que a cama cortava-lhe os pés — si era menor esticava-o por meio de cordas e pulias, até chegar ao tamanho da cama.

O heroe Theseu que o venceu lhe infligiu o mesmo supplicio que fizera soffrer a muitos: não sei bem si o encurtou ou alongou! E, pois, não vem ao caso.*

Li hoje no jornal que na frente da succursal do Hotel d'Oeste foram mortos na occasião do tiro duas pessoas; houve além disto, sete feridos que todos morreram, por lá se vê a que estopada escapamos.

Do "Estado".

Foi grande o alarma provocado, hontem, na cidade, pela explosão, no largo da Paysandú, viaducto de Santa Ephigenia e largo de S. Bento, de varias granadas de artilharia.

O commandante geral das tropas occupantes promptificou-se em acceder aos desejos do sr. consul italiano, declarando-lhe que estava disposto a envidar todos os es-

forços para que a cidade fosse poupada ao bombardeio, que viria victimar fatalmente a população civil.

Mas quem deu o mau exemplo aos governistas foi o proprio “commandante das tropas ocupantes que agora promptificou-se em acceder...

“Macaco, olha para o teu rabo”.

Esta reflexão é minha, não está no texto.



Nono dia da Revolta

DOMINGO, Dia 13 de Julho de 1924

- 1 — Dia aziago.
- 2 — Si não querem comer que bebam.
- 3 — A' chacun son métier et les vaches seront bien gardées. A cada qual o seu officio e as vacas bem guardadas estarão.
- 4 — “Gilt sie mir oder gilt sie dir”. E' destinada a mim ou ti esta bala!
- 5 — “Outro sino, outro som”.
- 6 — Vae chover. balas!
- 7 — “News papers” — ou New papers. “Papeis de noticias” ou “novos papeis”?
- 8 — Não se deixa em paz nem os mortos!
- 9 — Projectis anonymos.



Trincheira de revoltosos

Grav. de Belmonte.



DIA treze: logo dia aziago. Mas é domingo: logo dia do senhor, dia da benção!

Que ha de prevalecer o bom ou o mau augurio? Estou completamente livre destas credices populares, a que espiritos poderosos da antiguidade ligavam tanta importancia.

Nenhum general romano travava batalha si as gallinhas sagradas não comessem com appetite.

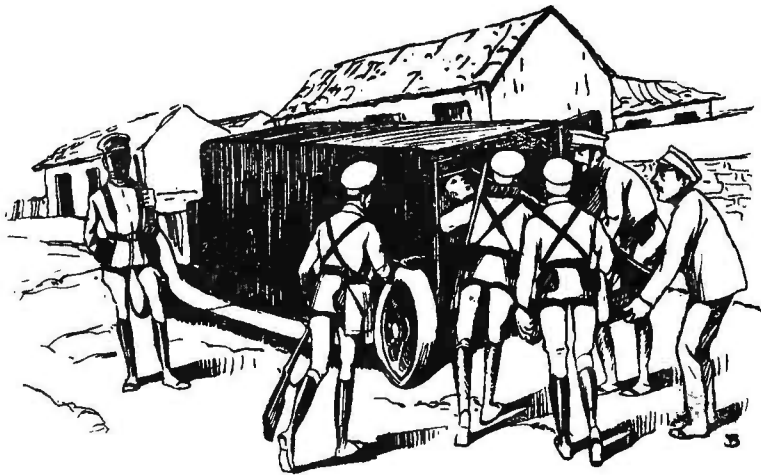
Sabem os que conhecem um pouco da historia romana que, durante a primeira guerra punica, o consul Claudio perdeu a batalha naval de Drepane só porque, desejoso de atacar o inimigo e tendo-lhe annuciado o augure que os pintos sagrados não queriam beber, elle fêl-os lançar ao mar dizendo despeitosamente: "*si não querem comer, que bebam!*"

Os marinheiros romanos, marinheiros improvisados aliás, pois que, no principio da guerra, Roma não tinha nenhum navio — ficaram amedrontados pelo sacrilegio do "almirante" como nós diriamos actualmente, — lutaram frouxamente e foram vencidos.

Este estado de espirito dos antigos — especie de estado intermediario entre a mentalidade mystica do homem primitivo, (tão bem estudada, como o refiro na terceira edição da Psychologia, por Frazer e Levy Bruhl) e o espirito moderno, não foi ainda bastante levada em consideração pelos psychologos.

Mas vamos á narração dos factos.

A's oito horas da manhã, o nosso hospede que passou a noite na pensão vem carregado de mantimentos:



... pão, assucar, queijo, etc. As crianças da casa o recebem rindo. “Eis o sr. Sch. transformado em pae de familia”, (trata-se de um solteirão de sessenta annos) a que elle responde — “mais do que em pae — em mãe de familia”.

Em vista da incerteza do futuro enchemos hoje a casa de provisões de toda a especie: o transito torna-se de dia para dia mais difficil. Há trincheiras por toda a parte.

Nosso bairro que até agora fôra procurado pelos retirantes começa a ficar inseguro por sua vez.

Muitos dos que deixaram a "*Liberdade*" agora abandonam o "*Paraiso*". O trocadilho não é meu.

Ainda que seja domingo, occupei-me do jardim. Como pouco entendo do officio, plantei um canteiro inteiro de umas hervas que julguei que fossem pés de pimenteiro e era um matto vulgarissimo que cresce á tóa.

"A chacun son métier et les vaches seront bien gardées", diz um proverbio francez.

"A cada qual o seu officio e as vaccas serão bem guardadas"; ora, os annexins são os repositórios da sabedoria do povo, como se exprime Dickens no conto "Sinos de Natal".

Seria um castigo, por eu trabalhar um dia em que os trabalhos servis são prohibidos: há quem o acreditaria. Não sou desta freguezia — accuso apenas a minha ignorancia que me fez confundir "alhos com bugalhos" no caso: pimenteiro com herva brava. Poderia-me desculpar appellando para o mimetismo, no reino vegetal. (Vêr P. S.). Mas já confessei a minha ignorancia, não me desdigo agora.

O dia se arrasta devagar.

Qual será o futuro! Tudo é incerteza. Reina na familia uma atmospheria de tristeza; mesmo as crianças, tão alegres a principio começam a se aborrecer.

Há conselho de familia: trata-se de saber si imitaremos os numerosos fugitivos, — tēmos muito lugar para onde ir. — Um amigo de longos annos possui perto de Jaraguá uma chacara de dez alqueires. A casa é grande: elle seria feliz de agasalhar-nos. Outro amigo, nos espera em Santo Amaro.

Resolvemos pelo “Fico”: — “Como é para o bem da nação..”

Mas coragem não exclue prudencia. O filho mais velho estabeleceu communicação da luz electrica com o porão.

No dia em que approximar o perigo iremos dormir ali.

De tarde P. P., antigo alumno meu, filho de um deputado federal pelo Estado de São Paulo, que mora quasi visinho nosso, veio conversar commigo.

Outro sino, outro som.

Nós estamos rodeados de revoltosos e como os soldados, pelo menos em nossos arredores, se mostram affaveis, o povinho se manifesta geralmente favoravel á sua causa.

Hoje outro sino. O sr. P. P. é ultra-legalista. Elle nos annuncia a noticia nada agradavel de que o digno Presidente de São Paulo vae lançar um manifesto á população e que, logo em seguida, começará um formidavel bombardeio.

Arre! vae chover balas.

“Gilt sie mir, oder gilt sie dir”.

“Esta bala vem para mim ou para ti” como cantam os soldados numa modinha popular.

Os jornaes, que em inglez se chamam “news papers” — papeis de novidades — viraram “new papers” papeis novos.

Em vão os redactores se consultam, não sabem a que Santo se dirigir para informar o publico.

A censura é rigorosa — *militar*, e basta.



A uma hora da tarde saio por desenfado e assisto, por acaso, à um espectáculo que nunca tinha visto o que certamente nunca tornarei a ver. Passava, pela Avenida Paulista, um carro de defuntos. O sargento fez parar o carro e examinou cuidadosamente os caixões para verificar si continham vivos ou mortos.

Propalara-se o boato de que, em taes caixões, se fizeram transporte de armas, munições e até de militares vivos!

A grande guerra européa ensinara taes ardis. Nos caixões havia os cadaveres de dois soldados e de uma mulher: tiveram alta para ir descansar no Araçá,

*

* *

Dos Jornaes de hoje.

O “Commercio” traz hoje uma verrina violenta contra os “vereadores” que fazem greve como se fossem simples “varredores”.

A peor das noticias é o “*Não*” categorico, em resposta ao pedido feito por notabilidades paulistas para que não seja bombardeada a cidade.



“*Sêl-o-á*”: “*Sinto* muito, chorar não posso” assignado S. d. C. Ponto final.

Em italiano, “assignado” é “firmato. Ora, no começo da guerra européa os communicados do general Cadorna vinham no “Fanfulla” seguidos de um “Firmato Cadorna”.

Escrevi num jornal, que trocando a ordem e mudando i por “e” dava certo tambem “Cadorna fermato” “Cadorna parado” A pilheria não agradou a um collega italiano: xingou-me a valer.

“Num edital” a municipalidade mantem o preço dos automoveis de praça — mas precisaria outro que retenha estes que estão se sumindo aos poucos.

Nos jornaes ha a lista dos preços da Commissão dos Abastecimentos. As donas de casa estão satisfeitas!

P. S. O mimetismo é a tendencia de varios animaes á tomar a côr e a configuração dos objectos em cujo meio vivem.

Confundindo-se com elles, escapam aos inimigos.

Estendendo o sentido do termo: ha hervas ruins que imitam plantas optimas e escapam assim aos olhos cuidadosos do jardineiro, é uma especie de mimetismo.

Lêmos no “Commercio”:

Escrevemos estas linhas no momento em que o canhão trôa, fazendo estremecer o ar. De onde partem os disparos? Para onde vão? Ninguem o sabe. Certo, porém, o canhão é arma de guerra perigosissima porque seu projectil é *anonymo*. Ao ouvir o estrondo da partida, ninguem sabe precisar quel será seu ponto de parada e a sua explosão, frequentemente, victima, sem piedade, sêres e cousas afastadas da zona que deveria attingir...

De pleno accordo: isto de cartas e projectis anonymos — infelizmente todos o são — a victimar “sêres e cousas”, é desagradavel. —

Do “*Piccolo*” Um dos seus redactores que *corajosamente* penetrou na zona perigosa viu perto do Ypiranga um auto *com cargo lugubre*: seis soldados mortos, mortos o conductor e um soldado ao lado d'elle! Visão dan-tesca.

O mesmo jornal fala do auto *mysterioso* no qual o general Potyguara percorre a cidade para reconhecer as posições inimigas.

Um visinho nos traz a “Marreta”, unico jornal que saiu de tarde. Lêmo-lo por desenfado. Ha “marretadas”

anonymas e outras em que a mão que segura o cabo da marreta é visível! São “marretadas” pouco perigosas.

“Quem late não morde”. Os compadres da “Marreta” si ainda viver me desculparão a comparação já atenuada pela omissão voluntaria do primeiro termo.



Decimo dia da Revolta

SEGUNDA-FEIRA, Dia 14 de Julho de 1924

- 1 — Fervilham os boatos.
- 2 — Confiar desconfiando.
- 3 — Fuzilamento de gente graúda!
tal qual na Russia bolchevista.
- 4 — Rezam-lhe pela alma!
- 5 — Os 420!
- 6 — Gabolice ou verdade?
- 7 — Morro ou mato.
- 8 — Palavras sublimes de Antigone.





HOJE começo o diario registrando os boatos que nos chegam, por absurdos que sejam.

A grande guerra 1914-1918, durante a qual os jornaes os mais serios propalavam cada mentira cabelluda, incrivel, foi para os entendidos uma longa lição de prudencia.

Aos boateiros nunca se diz na cara: “mas, isto é absurdo, é evidentemente falso”

Seria criar inimigos gratuitos.

Convem seguir o admiravel lemma do Marechal de Ferro: “confiar desconfiado”

Vamos enumerando:

O grande tribuno do Forum criminal, que grangeou, dizem, a admiração do proprio Ruy Barbosa, sr. C. J.— teria sido fuzilado pelos ocupantes actuaes, donos da cidade, por ter atacado violentamente a revolta!

E uma.

O conde M., o maior industrial do Brasil e, quiçá, da America do Sul, foi preso, por ter mandado munições

às tropas legalistas — em represalia ao saque de seus armazens, que se deu no quarto e quinto dia da revolta.



Além disto elle teria promettido, quinhentos homens ao governo paulista para apressar a volta da normalidade, tão importante para elle, ancioso como está, de recommençar o trabalho em suas immensas fabricas e a venda dos productos de sua in-

dustria.

Elle vae ser passado pelas armas.

E, como todas as cousas boas vêm em numero de



tres: o filho dum riquissimo corretor de titulos foi fuzilado por ter lançado bombas incendiarias.

Vê-se que os amotinados tomaram como modelo os bolchevistas russos: não vão por meias medidas.

Geralmente a voz grossa dos canhões começa a troar lá para as vinte ou vinte e uma horas.



Hoje um terrível duello de artilheria começa já ás dezoto e meia. A voz do canhão fala alta e imperiosamente: felizmente, já estamos acostumados, um pouco, a essa voz —ninguem mais se espanta, quasi.

Vovósinha — a minha sogra — não tem mãos a medir para desenfiar o rosario e para rezar para tanta gente, pois, ella suppõe que cada tiro mata uma ou talvez mais pessoas.

E' costume nortista rezar tres ave-marias pelos que morrem.

No livro "Boatos e Cangaceiros" do dr. Xavier de Oliveira, um dos mais interessantes livros que se possa ler, no qual o autor não sabe si deve criticar ou admirar os "heroicos" cangaceiros, conta-se que cada vez que com tiro certo um delles manda para o outro mundo (por cinco mil réis ou até por menos), uma das suas victimas, reza-lhe pela alma tres ave-marias.

Vae evidentemente longe, muito longe entre a minha devotissima sogra e um cangaceiro: a aproximação vale apenas pelo que toca á reza.

Felizmente não ha no Brasil os monstruosos “quatrocentos e vinte” ensurdecedores e destruidores. As victimas seriam tão numerosas que a boa da velhinha não dava conta das ave-marias que deveria rezar! mesmo si em vez de tres para cada rezasse uma Ave Maria somente.

Na tarde de hoje veio despedir-se de nós um alumno, é candidato a uma cadeira de francez num gymnasio estadual do Interior.

Elle móra na rua dos Gusmões e escapou varias vezes, como que milagrosamente de ser baleado. — Pelo menos assim elle me contou.

Não ha quem não queira ter corrido um perigo enorme, durante a Revolta. Muitas vezes foi imaginario.

Em todas as narrações dos acontecimentos vae um pouco de gabolice. Todos escaparam por um triz á morte.

Ao leitor malicioso que me applicar o que lá vae, a respeito das exagerações, conscientes ou inconscientes daquelles que falam em terriveis perigos aos quaes foram expostos, perigos este que muitas vezes, só existiram na imaginação, não lhe levarei isto a mal.

Esta declaração me põe mais em liberdade para ir contando os factos; o leitor não desmaiará nos lances tragicos, descontando a exageração involuntaria, que poderá haver da minha parte.

Está avisado.

Este amigo fora chamado pelos actuaes detentores do poder, como reservista: elle prefere seguir para o in-

terior repetindo as palavras tantas vezes ouvidas durante a guerra;

“Ou mato, ou morro”!

“Ou fujo para o matto ou para o morro, para as Europas é que não vou”

Acho a sua conducta prudente e de bom senso.

Devemos obedecer ás leis da autoridade legalmente constituida e ainda mesmo a esta sem nunca transgredir as leis da consciencia, como já declararam os antigos pela voz eloquente dum dos maiores poetas gregos, de Sophocles.

Como Cleonte, rei de Thebas, prohibira por pregão publico, que se dêsse sepultura a Polynice, um dos filhos de Oedipo, Antigone pede á irmã Ismenia que a ajude a desobedecer a essa lei injusta.

Ismenia recusa, Antigone enterra o irmão, sosinha. Ella é presa pelos espiões do cunhado Cleonte, que lhe pergunta:

“Sabias do edital” — responde sim ou não?

Antigone: —

“Ninguem deixou de ouvir em Thebas o pregão”

Cleonte: —

“E não o respeitaste? E’ grande a tua audacia”.

A traducção é do barão de Paranâpiacaba, que antes de continuar escreve: “Aqui um verbo divino desce a Antigone, freme em seus labios uma lingua de chammas e della sae a mais alta palavra, que no mundo antigo haja resoado”.

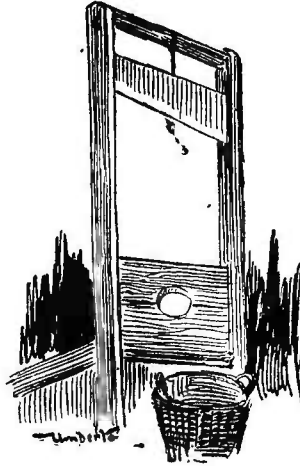
Eis a sublime resposta de Antigone.

Antigone: —

“Certo não foi por Deus esta ordem decretada,
Nem a justiça a impôz dos manes na morada,
Do céo não procedeu. *Nem podia acudir-me*
Que um decreto de rei ou acto humano infirme
Imprescriptiveis leis, eternas não escriptas”

Eis em palavras sublimes proclamada, bem antes do christianismo, a supremacia da consciencia.

Hoje, 14 de julho, quem é que não se lembra da Revolução franceza, tão gloriosa em 1789, quando na noite heroica de 10 de agosto, as então classes conservadoras renunciaram aos seus privilégios, — quão cruel em 1793, como o symbolisa a gravura que segue.



Decimo-primeiro dia da Revolta

TERÇA-FEIRA, Dia 15 de Julho de 1924

- 1 — Panella do tamanho de uma igreja.
- 2 — Canhões no Paraiso.
- 3 — Bondes numero onze.
- 4 — Despejo inoportuno.
- 5 — Necessidade do Esperanto.
- 6 — Chiquititititi...ta.
- 7 — Dez pessoas da mesma familia colhidas pela morte durante a gripe.





DURANTE a noite terrível duello de artilharia trôa e faz estremecer o ar. Parece a agua de um enorme caldeirão a ferver e a fazer dançar a tampa, mas a desses caldeirões da fabula, tamanho de uma egreja, feitos para cosinhar couves do tamanho de uma casa, e não a gentil tampinha de um bule a desafiar com seu barulhinho harmonioso, o "*Grilo do Lar*" como o descreve o inimitável Dickeris no conto cujo titulo são as palavras que lá vão gryphadas.

De repente os tiros de canhão parecem provir de peças collocadas perto de nós.

Começara, como soube pelos jornaes, a luta entre as forças legalistas postadas na collina do Ypiranga e as forças revoltosas da Villa Marianna.

O ruido era ensurdecador e nos tirou completamente o somno.

A voz grossa dos canhões alternou com a voz mais fina das espingardas cujas balas sibilam nas proximidades immediatas da casa.

Decididamente o perigo que durante os dez primeiros dias era longinquo se approxima.

Muitas familias que tinham procurado durante õs dez primeiros dias da revolta o nosso bairro, vão em busca de penates mais seguros.

Correm boatos que no largo do Paraizo e no largo Guanabara foram assentados canhões, si for verdade passaremos estreito esta noite!

Canhões no Paraizo! Milton nos fala de canhões dirigidos contra o Paraizo. Isto já é menos estranho!

Muitos habitantes da rua Cubatão já estão *se retirando* de lá — entre outros o amigo a que varias vezes alludi.

Sinto muito — pois a sua conversação diminua o comprimento do tempo que parece tão longo quando a gente não se pode occupar intellectualmente.

Esta manhã um operario hespanhol veio se queixar amargamente a mim de um empreiteiro inglez.

Este pretendia agora despejal-o de uma casa em construcção na qual lhe permittira refugiar-se de frente á chacara onde morámos, na rua Padre Manoel da Nobrega. Agasalhara ali sua mãe velhinha e toda a sua numerosa familia.

Achei muito inoportuno o despejo. O coitado do operario não tinha para onde ir. Uma casa abandonada na esquina da rua Itú comprada pela municipalidade, que ia sêr destruída e que indiquei ao pobre do homem se encherá por encanto, da noite para o dia.

Tres familias ali se refugiarão quando mal cabia uma só.

Zanguei-me da prepotencia do empreiteiro: fui falar com elle em seu idioma; expuz a situação do hespanhol. O inglez estranhou a minha intervenção em favor do inquilino duma casa inacabada que nem era delle e que não fizera difficuldade de deixar occupar. “Nunca pensei, me assegurou, em pôr o homem fóra, disse-lhe apenas que agora ia haver perigo ali tambem, tanto é que ouvi dum voltoso que ali mesmo vão construir uma trincheira para os legalistas não se installarem nessas casas quasi acabadas, optimos reductos de guerra”

Tudo fóra um mal entendido. Reconciliei-me um instante com os idealistas de Volapuk e do Esperanto, pois que proveio o mal entendido do seguinte: O empreiteiro falava mal o portuguez, o hespanhol o comprehendia mal, de lá, todo o susto do primeiro e o espanto do segundo quando o interpellei. Si existisse uma lingua só, não se teria dado o facto.

Nosso hospede von S., e meu filho mais velho que, para abreviar o texto, designarei doravante pela letra W., pretendiam ir á cidade: mas o serviço dos bondes foi suspenso no nosso bairro.

Foram com o automovel numero 11, (as duas gambias) e voltaram quasi logo: — é que já estamos rodeados de trincheiras.

Fala-se de um terrivel combate que vae se travar na região da Villa Marianna, decididamente as cousas desandam.

Como está resolvido, como pedra e cal, que da casa não sahiremos — tanto vale morrer aqui como acolá — foi decidido também que passaríamos a noite no porão.

O perigo ali é menor. Só uma bomba, das grossas ali nos attingiria.

Dito e feito — as camas e pertencentes foram transportadas e arranjadas! eis quando, mal começamos a instalação, veio um alumno meu pedir precisamente este local, para elle e a sua mãe.

Acceitei, havia logar ainda. Mas timidamente me disse que um amigo viria também — com a familia. “Que venha” A familia compõe-se de onze pessoas. Pois que as onze, mais os dois venham. Nós somos em tres. Pois que todos venham!

Fugiram da rua Tabatinguera, á toda a pressa, não tinham trazido nem camas nem cobertas. Vieram uma mão adiante e outra atraz!

Teria sido mácriação retirar as camas, os colchões e, pois, julgamos que poderíamos dormir também nós todos em baixo. No porão há muitas repartições.

Havia entre nossos novos hospedes uma velhinha de oitenta e tres annos. A mãesinha Concha — melhor Conchita — Conchitita ou Conchititita, pois, mais *ito*, *itos*, ha, e menor o objecto é, — Mãe Concha era quasi anã.

Nunca esqueci a exclamação duma moça hespanhola que viajava a bordo do navio com o qual vimos de Pernambuco ao vêr mar alto uma minuscula jangada. Escapou-lhe o grito “E’ chiquititititititit. .a” para exprimir a idéa de pequenez extrema.

E' um recurso linguistico para formação dos diminutivos que o portuguez não possui.

Vae lá “bemzinho” mas bemzinhos seria “bobage”.

Para augmentativos, temos *ão* e *aço*: velhaco, velhacão, velhacaço.



Parece que o portuguez dê mais para descompôr e xingar do que para tratar com carinho.

A mãesinha Conchita ou Conchitita nos contou logo e, na tarde, nos narrou mais umas dez vezes que durante a grippe logo no principio “Morrieram el mio Manolito sus ocho hijos i la sua mujér”.

Todos se lembram que a grippe foi uma cavalgada da morte peor ainda do que a propria guerra européa.

* Este lutuoso acontecimento, de que os jornaes aliás falaram, tanto impressionou a velhinha que a sua vida mental só consiste na lembrança da morte de seu Manoelito e dos “ocho hijos e de sua mujér”.

Na tarde, o segundo dos meus filhos mais a irmã foram comprar pão perto do Caguassú. Ha lá uma padaria num descampado. W., o segundo da familia gosta deste recado porque pode prestar serviço a duas velhinhas, que não podem sair de casa, elle compra pão tambem para ellas. Quando voltaram, ajudaram, com medo de uma bomba explosivel, a encher o banheiro e quanto vasilhame há, de agua e a pôr trouxas de roupa no andar terreo, bem por cima das camas.

As crianças estão alegres. há novidade! Dormir no porão! Que prazer!

As 7,25 ou 19,25, pelo moderno, calma absoluta em todas as zonas — nenhum tiro se ouve.

Esta manhã li “Estado” e “Fanfulla”.

A intervenção dos consules deu em agua de barrela!
O futuro é incerto, incertissimo.

Quem ganhará?

Os boatos fervilham! Cincoenta legalistas se renderam. Ha canhões assêstados na rua Pedroso — (Foi nessa rua que uns annos atraz um soldado achou o ultimo de meus filhos que então tinha tres annos e meio. Partindo da rua Santo Antonio se perdera ali. Estivemos

á procura do menino durante tres hoas agoniadas. A's 21 horas encontramol-o no meio dos soldados, alegre e rindo, no posto da Liberdade).

— Ha canhões no largo Guanabara!

Haverá invasão legalista pela rua Vergueiro!

Vieram reforços legalistas por Santos! etc., etc..

Pessoalmente estou calmo sem o minimo receio. Há apenas a preocupação do futuro incerto!

Bem peor foram para nós os quatro annos da guerra européa por causa da athmosphera de antipathia em que nós viviamos.

Lemos no "Estado" que o pão será vendido a peso.

— Melhor assim si o peso não for falsificado; — que "ficam fechados os cartorios de *protestos*" — Isto de *protestos* não se admitte.



Decimo-segundo dia da Revolta

QUARTA-FEIRA, Dia 16 de Julho de 1924

- 1 — Os escoteiros e os Caravansarás.
- 2 — Preferencia justificada pela idade: primeiro a mãe depois o pae.
- 3 — Os retirantes.
- 4 — Faltam as portas na hospedaria subterranea.
- 5 — Camões humorista!
- 6 — São Francisco padroeiro dos soldados.
- 7 — Terror panico.
- 8 — Meus “filhinhos são gentis” ..
— diz a Coruja.
- 9 — As balas estavam quentes.





TINHAMOS até agora assistido um socêgo relativo ao desenrolar lugubre dos acontecimentos destes tristes dias.

Lastimavamos devéras a sorte de centenas e milhares de famílias que deixavam o aconchego de seus lares para ir pedir agasalho em casas particulares, de amigos e parentes ou nos caravansarás enormes em que foram transformados os cinemas e as escolas publicas.

— De passagem seja lembrada a benefica acção dos heroicos escoteiros dirigidos por nosso amigo e ex-discipulo H. O., na manutenção destes abrigos, nos quaes reinou ordem e socêgo não obstante a cohabitação de pessoas pertencentes ás mais variadas raças da humanidade que povoam São Paulo.

Lastimavamos ainda mais a sorte dos que seguiram para o interior, pois que ouviamos dizer que as cidades visinhas estavam mais do que repletas. Para nós, além dos pequenos aborrecimentos da difficuldade de achar mantimentos a primeira semana da revolta não trouxe

comsigo grandes inconvenientes. O perigo só existia, para quem o fosse procurar por curiosidade malsã.

Mas cada qual por sua vez!

Agora a acção militar se aproxima da nossa zona.

Em todas as casas da avenida Brigadeiro Luiz Antonio, além da Avenida Paulista havia pessoas refugiadas, “retirantes” diriam os Pernambucanos que por este termo característico designam os Cearenses que fogem da secca periodica que assola sua terra cuja uberdade em tempos normaes é inexcedivel.

Nós mesmos como o registei no Diario de hontem, agasalhamos treze pessoas no porão.

Muitos destes retirantes cançados de irem séca e méca não quizeram de novo arrumar as trouxas e ir correr novas aventuras a risco de ficar como tantos e tantos pela beira da estrada.

Mas se deixaram ficar aqui mesmo com o fatalismo ao qual o perigo continuo acostuma” O que está decretado por Allah se faz!

A primeira noite que nossos treze hospedes passaram comnosco lhes lembrou os perigos que correram a principio na rua Tabatinguera, mas o habito enfraquece as impressões, como o digo no meu Compendio de Psychologia reproduzindo antes o que a propria natureza nos ensina do que doutrina dos mestres.

Nossa intenção fora passar tambem a noite no porão havia logar de sobra...

Mas ao cabo de pouco tempo a minha mulher se achou incommodada pela presença de tantos homens estranhos.

E' que, em nossa hospedaria subterranea, não ha portas para separarem os apartamentos de primeira, segunda e terceira classe. — Poderíamos ter improvisado reposteiros de lona, mas a pressa não nol-o permittira nesta primeira noite, ficou para depois.

As proprias trincheiras, buracos cavados na terra durante a guerra européa foram aos poucos transformadas em habitações confortaveis.

Mas na primeira noite não houvera tempo e todos os dormitorios se communicavam.

Foi o motivo pelo que minha mulher se levantou e acompanhada da minha sogra e filha subiu para ir passar a noite no nosso quarto.

Reparei de repente, que o meu filho mais novo estava chorando baixinho. E' o meu xará!

Este termo — ainda mais intraduzivel em qualquer outro idioma do que o termo *saudade* — ao meu vêr denota no povo portuguez uma certa singeleza ou simplicidade pois, só as crianças ligam importancia ao facto de ambas se chamarem Pedrinho ou Joãozinho.

Perguntei ao menino se estava incommodado ou doente, disse-me que não, mais queria ir onde estava Mamãe!

Aquillo, pois, que se afigurava como uma festa, como a fonte de um grande prazer mudou-se num motivo de lagrimas e tristezza desde que lá não estava a mãe.

Insondaveis e bellissimos mysterios da vida psychica.

O ribombar dos canhões posto que muito mais aproximado de nós não me tolheu o somno. Imitara os artilheiros — tapando os ouvidos com algodão.

Ulysses, para que os companheiros não se deixassem seduzir pelo canto das sereias tapou-lhes os ouvidos com cera: a tanto não cheguei.

Mas o sibilar de tiros de espingarda na frente da casa nos despertou a todos, ás tres horas da madrugada.

Era novidade para todos e, pois, o seu barulhinho bem que pouco ruidoso é incommodativo.

Ninguem, dizem, ouve o sibilar da bala que o mata — triste “fiche de consolation” — diriam os francezes.

Si não foi esta, pode ser a que a segue!

Examinei bem si pela janellinha que arejava o porão uma bala me poderia attingir, estudei a trajectoria possível e vi que de toda a minha respeitavel pessoa só as pernas que não são curtas estavam expostas! Encolhi-as e tornei a dormir.

As 6 ½ da manhã a avenida Brig. L. Antonio que no tempo normal se movimentava bastante, pois que além das carrocinhas dos padeiros ha aquellas dos leiteiros que vêm de Santo Amaro, estava completamente erma e quieta. Um ou outro leiteiro que se aventurava timidamente até a Avenida Paulista voltava logo, e descia mais rapidamente do que subira, como noi-o conta Camões, do *Veloso*, um dos marinheiros de Vasco da Gama quando fugiu, outeiro abaixo, dos Ethiopes. Um companheiro lhe disse rindo:

“Oh lá, Veloso amigo aquelle outeiro,
é melhor de descer que de subir”

E' quasi a unica passagem humoristica do grande Camões, a phrase pela qual Veloso responde:

“ depressa um pouco vim.
Por me lembrar que estaveis cá sem mim”

O motivo da volta dos leiteiros era uma trincheira construida na entrada da rua Cubatão e o aviso que recebiam da parte dos soldados que a guardavam do perigo do tiroteio, pois, que a igreja dos Capuchinhos a uns cinquenta metros de lá fôra occupada pelos legalistas.

O “Poverello de Christo”, o suave São Francisco que amansava até os lobos era feito padroeiro dos soldados cujo triste mister é matar!

Um contrasenso como um bom Capucho velho o expunha em vão a um visinho.

No nosso quarteirão o terror se tornou “panico”, não no sentido actual do *infundado*, mas no sentido que lhe deu Rabelais no seu immortal *Gargantua*, quando creou a personagem Panurge e as suas ovelhas. “dont c'est le naturel de toujours suivre le premier quelque part qu'il aille” — cuja indole é ir onde vae o primeiro seja onde for.

Vão se despovoando as casas da rua Cubatão, nas nossas visinhanças ha tambem muitas portas e janellas trancadas. Em algumas dessas casas, menos bem trancadas, installam-se os retirantes que vieram da cidade.

O mestre de obras, o Corneta que não pertence a exercito algum quer se retirar para Osasco!

O nosso primeiro hospede, o sobrinho do barão de Tautphoeus nos aconselha, mas em vão, de nos retirar tambem: elle perde seu latim — o nosso “ficamos” foi serio.

Ficaremos nem que o céu venha abaixo, como o estoico de Horacio, que dizia:



“Si fractus illabatur orbis, impavidum ferient ruinae”

Si a orbe desabasse arreventada — havia de nos esmagar, — de nos infundir terror, é que não!”

Poucas horas depois da recusa terminante de abandonarmos o nosso lar o acaso, como que nos castiga a mim e a minha mulher: assaltou-nos a maior anciedade pelo qual passamos até agora.

Eis o que houve:

Mais ou menos pelas quatorze horas, o segundo de nossos filhos que doravante pela identidade da inicial com o primeiro designarei por Wal., pediu autorisação a mãe para ir comprar pão.

Mais uma vez o desejo de auxiliar as velhinhas era o motivo principal porque não é por ser meu filho — (para usar o cliché costumeiro) mas elle tem de facto bom coração.

“Mes petits sont mignons, beaux, bien faits et jolis sur tous leurs compagnons”, dizia a coruja para que a aguia reconhecesse e poupasse seus horriveis filhotes.

Meus filhinhos são gentis, bellos, bem feitos e lindos mais do que os companheiros.

Minha mulher hesitou em dar licença de sair.

Havia perigo no ar. Intervim, e com a autoridade suprema na nossa pequena republica familiar, disse que fosse por minha conta!

Mal decorreram cinco minutos desde a sua caridosa partida quando o soldado de ronda que estava bem de frente á casa avisou os meninos que brincavam na rua e todos os passantes que se recolhessem, pois ia começar um tiroteio bem na direcção da Avenida.

Confesso que passei um muito máo quarto de hora. Impossível de ir buscar o filhinho, sob a chuva de balas!

Que seria delle.

Todos em casa inclusive os hospedes participaram da minha enorme anciedade e da anciedade maior da carinhosa mãe!

Eis que de repente, Wal., entra sorrindo e alegre, mas sem pão.

Papae me disse logo, cósi-me com a parede e só não apanhei as balas por que estava com medo de queimar os dedos.

Uma bala cahiu perto de um homem que passava na calçada de frente, elle deu um pulo e uma corrida tão grande que o vendeiro na casa do qual se precipitou riase ás bandeiras desbragadas não obstante a seriedade da hora.

A alegria de todos foi grande de vêrmos Wal., são e salvo; escapo do perigo!

Quando começou a escurecer quiz principiar a escrever a historia da Philosophia — projecto antigo de que já falara com o illustre escriptor a quem tive a coragem de pedir umas linhas de prefacio, não me lembrando do contraste que, do estylo portuguez lidimo de um lado e a mescla de linguagem internacional em termos portuguezes ia resultar deste atrevimento e da bondade do amigo.

Mas qual o que, philosophia, nem historia de philosophia, para tal accometimento é mister dominio sobre as facultades mentaes que me falta por completo.

Deixei-me disto! — acabado o diário das “Aventuras” de hoje vou agasalhar-me pensando no que ha de ser o dia de amanhã!

*
* *

Do “Piccolo” de hoje: “Venderam-se 9.000 bilhetes na Estação da Luz, mas ha ainda a addicionar os milhares de fugitivos que viajam de Carôna” — Algumas familias que foram para o Interior, já voltaram. Será mesmo?

Não houve fuzilamentos como se propalou: — Só é veridico o dos bois. — Melhor assim!



Decimo-terceiro dia da Revolta

QUINTA-FEIRA, Dia 17 de Julho de 1924

- 1 — Igreja alagada de sangue.
- 2 — Tartarin de Tarascon.
- 4 — Carro cheio de caixões de “alfinetes”?
- 3 — O mestre escola e o menino.
- 5 — O assobio das serpentes.
- 6 — A Vida é tragico-comica, como as aventuras.
- 7 — O “Plaudite cives”, de Augusto,



DELINORTE



A primeira noticia que tive hoje foi agradabilissima. O chefe de obras que mora na garage da chacara que aluguei, agora dividida em duas metades, não prina pela coragem.

Mas hontem de tarde, foi obrigado a sahir para vêr si arranjava a carroça de um irmão que habita na Saracura Grande, afim de levar a familia inteira para Osasco.

Ao voltar, soube que a Igreja dos Capuchinhos já fora abandonada pelos legalistas. (No livro dos Snrs. Drs. Cyro Costa e Eurico de Góes — “*Sob a Metralha*” lemos que apenas uns trinta ou quarenta legalistas vindo do quartel do quinto batalhão da Policia, penetraram pelos fundos na igreja da Immaculada Conceição).

Disse que a noticia foi agradabilissima, porque afastava o perigo maior ao qual estavamos expostos, por causa do tiroteio.

Falou-se de muitos mortos e feridos, sempre ponho em quarentena estes boatos.

Em tempo de guerra, da parte de todos a exageração é

uso e vezo como para os habitantes do Sul da França em tempo normal.

Si alguém conta que o visinho morreu, deve-se julgar que está adoentado. Agora, si disserem que *re* morreu, pôde ser que esteja de facto passado desta vida á melhor.

Al. Daudet immortalizou este typo de gabolice natural e innocente no livro “Tartarin de Tarascon”, “Tartarin dans les Alpes” e outros.

De facto a crer nos boateiros teria havido dez vezes mais mortos do que occupantes, nesta igreja!

Só sahi hoje para ir comprar uns jornaes á esquina da Avenida, mas tanto bastou para por accaso ser testemunha ocular de um espectáculo a que o horrivel periodo da grippe nos acostumara em escala bem maior.

Passou uma grande carroça da casa *Rodvalho*, cheia de caixões.

Durante a grippe era uma visão tetrica de todos os dias. O enorme theatro do Pathé Palacio serviu de deposito e era pequeno.

Durante a Revolta muitos soldados foram enterrados sem caixão, muitas vezes apenas com ligeira camada de terra.

Voltando da esquina fui matar o tempo no quintal trabalhando:

O matto que julgava ser pimenteira cresce a olhos vistos regado com grande cuidado duas vezes por dia!

Coisa semelhante nos acontece no professorado como ainda que intempestivamente o faz reparar o professor da bella fabula de la Fontaine.

E' o unico moderno que no genero de literatura pelo menos, venceu os antigos, ainda que no prefacio de suas fabulas confesse com a sua costumeira singeleza que ficou aquem de Phedro. Esopo é curto de mais, Phedro não tem arte alguma.

Nesta fabula o “magister” em vez de salvar logo o menino, lhe passa uma comprida reprehensão.

“Ah! le petit babouin,
Voyez, ou l'a mis sa sottise.
Et puis prenez de tels fripons le soin!”

O que o Barão de Paranapiacaba -- aliás, em geral, muito infeliz em sua traducção de la Fontaine, traslada para o portuguez da forma seguinte:

“Vêde a que ponto chega a travessura.
Vão la matar-se por traquinas taes!”

Sim muitas vezes damos nossos cuidados a meninos que são como refractarios á toda a educação e a todo o ensino.

Crescerão como as hervas ruins de que tanto cuidado estou tomando.

E' na ultima redacção que alterei um pouco o texto do original do Diario. Não podia neste alludir ao engano, entre matto e pimenteira pois que n'elle versava quando o redigia. Agora transcrevo de novo o texto original.

Passei ainda a noite de hontem para hoje no porão mas apenas com Wal.

Houve tiroteio terrível até tres horas da manhã.
Desde essa hora calma completa até cinco horas.
A's cinco, tiroteio, mas de espingarda, perto de casa.

Ora, aos tiros de canhão por ruidosos que sejam todos nós nos acostumamos em poucos dias: ao sibilar das balas de epingarda é que não.

Parece com o sibilar das cobras venenosas que em verso onomatopico um poeta francez imitou admiravelmente.

“Pour qui sont ces serpents qui sifflent sur sa tête?”

“A quem se destinam estas serpentes que assobiam sobre a sua cabeça?”

O tiroteio continua toda a manhã até mais ou menos nove horas.

A rua está completamente deserta e apresenta um aspecto desolador.

A's nove vejo de perto de casa muitos soldados que se retiram para o descanso saindo da trincheira que havia na entrada da rua Cubatão.

(Foi a esta hora e não hontem de noite que os soldados legalistas abandonaram definitivamente seu reducto sagrado da Igreja).

Voltaram para o quartel do quinto batalhão de policia.

Do “Estado” — “Calma relativa. Granadas perto de Santa Ephigenia. Fluctuação das familias de um bairro para outro. Hontem luta corpo a corpo no Cambucy. A's 17 voo de um avião de reconhecimento. O corpo diplo-

matico vae se reunir no Rio de Janeiro”. Ali haverá muito falatório e cada um retirar-se-á em paz e socego!

E nois?

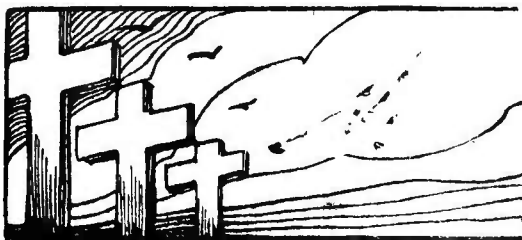
P. S. — Isto de “caixões de alfinetes” vae a cargo da dactylographa o manuscripto entregue trazia “defuntos” ha alguma differença entre *defunto* e *alfinete*. Não recuso comtudo tomar sobre mim a metade da culpa, confesso que a minha letra não brilha lá pela sua grande clareza.

Dickens no conto “Canto de Natal” refere o proverbio inglez “Morto como um prego de porta” talvez o dactylographo leu Dickens. De “prego a alfinete” já vae menos longe do que de defunto a alfinete.

“Defunto” é o participio de “defungi” — em latim “desempenhar-se de” Designa, com muita propriedade, o actor que acabou o seu papel na tragedia, ou comedia, ou, ás mais das vezes, na peça tragico-comica que é esta vida e se retira aos escuros bastidores do além.

Feliz quem puder, como Augusto, pedir os applausos do publico ao retirar-se do palco.

Num ponto o simile coxeia: não ha quem não deseje um papel bem comprido.



Decimo-quarto dia da Revolta

SEXTA-FEIRA, Dia 18 de Julho de 1924

- 1 — O diabinho de São Paphuncio e dos seus companheiros nos desertos do Egypto.
- 2 — “Até Deus escreve torto por linhas rectas”
- 3 — Antes pescar trutas do que governar o Brasil.
- 4 — Cento por cento de civis e x por cento de militares.
- 5 — Inconveniente das aglomerações.
- 6 — “Io sono francese”.
- 7 — Dois andares differentes: duas opiniões contradictorias.
- 8 — Boatos que se parecem com opiniões philosophicas.
- 9 — Fosseis da revolta.
- 10 — Um phantasma mudo, um espectro larvado!





HOJE nada escrevi durante o dia e estou com muito pouco gosto de escrever e com muito somno.

Os nossos hospedes do porão ficaram conversando connosco até alta noite. Não quero comtudo que haja lacuna no “Diario das nossas Aventuras” Tomo algumas chicaras de café para afastar o somno.

Parece que haja um diabinho assentado sobre cada uma das minhas palpebras.

Amélineau, o historiador dos monges egypcios da Thebaide, de São Paphnucio e outros, que Anatole France immortalisou no seu admiravel romance *Thais*, conta que os monges “viam claramente visto” os diabinhos que se assentavam nas palpebras dos seus irmãos obrigando-os a cochilarem e dormirem, quando pretendiam rezar

Santa simplicidade!

Que haja diabinho ou não, sobre as minhas palpebras, somno tenho, e as linhas vão tortas, o que me lembra, (para me citar a mim mesmo) uma das pilherias dos commentarios jocosos de proverbios que intercalei entre os contos de Pedro Jangadeiro.

Um psychologo explicaria esta visão como uma allucinação: objectivação de uma sensação subjectiva. Disto os monges tanto entendiam quanto o caipira que vê o Sacy, ou o creado de Santo Thyurso que dizia: “eu não acredito em bruxas, mas lá que as ha, ha”

Ralhava um professor com um alumno que pela primeira vez escrevia num papel não pautado: as linhas lhe saíram feitas montanhas russas. A’ reprehensão respondeu o menino:

Mas o rifão diz: “Até Deus escreve direito por linhas tortas”.

Tomo mais uma chicara de café e as linhas se vão endireitando.

Esta manhã fui chamado pelo Snr. Corneta para vêr um grande grupo de soldados e artilheiros que da Iavernada dos Bombeiros situada na baixada da rua Padre Manoel da Nobrega se dirigiam do lado de uma leitaria e duas casas na erna planicie que se estende entre São Paulo e Santo Amaro. Havia tambem um grupo de artilheiros com seus canhões.

Eram revoltosos, ao que parece, que se instalaram ali para lutar contra os legalistas, que occupam a estação dos bondes da rua Domingos de Moraes, na Villa Marianna!

Novo presagio de luta e de perigo para nós.

Há hoje nos jornaes um manifesto do Chefe da Revolta — muito pallido! Não ha muitas modificações á Constituição. Apenas quer substituir o Dr. Arthur Bernardes pelo Dr. Wenceslau Braz.

Este preferirá “pescar trutas” em Itajubá.

Há nelle algo de Carlos Quinto que no auge do poder retirou-se perto do Convento de São Justo, ou ainda de Diocleciano que preferiu plantar couves do que governar o mundo.

“Bene vixit, qui bene latuit” “Bem viveu quem bem se escondeu” — diz Descartes o grande philosopho francez, “Bem viveu quem bem latiu” traduziu um alumno, julgando que se tratasse no texto de um cão a reclamar comida e que o profundo lemma do grave philosopho correspondesse ao nosso corriqueiro: “Quem não chora, não mamma”

A mais triste noticia é a que li no “Estado” Soube-se desde as primeiras horas de hontem que fôra attingido, contribuindo com um grande contingente de victimas, um dos theatros do Braz, o theatro Olympia que num generoso gesto de humanidade, abriu para abrigar, nesta emergencia aos desprovidos de todos os recursos que foram levados a abandonar os seus lares!

O jornal faz reparar que ainda hontem a maioria das victimas foram civis.

E’ o que acontece desde o começo da revolta e, num dos primeiros dias, o ex-discipulo a que alludi scô o subtítulo: “Oculos para cegos vêrem” me disse um dia que no hospital encontrara *cento por cento de civis e x por cento de militares!* — Aqui o unico valor do *x* podia ser *zero!*

Não ouvi bem quanto por cento de civis, tanto estranhei já o começo do calculo.

No “Combate” que um dos nossos hospedes com-

prou, fala-se da revolta das forças revoltosas contra os chefes da revolta! Que de reviravoltas!

Aqui onde dominam os amotinados, o povinho é inclinado á sympathisar com a revolução: é que os soldados revoltosos de facto em geral se conduzem com muita correção para com os habitantes precisamente para ganhar amizades para a sua causa.

O “Piccolo” affirma que nos outros Estados do Brasil fala-se dum levante da *população italiana* contra os brasileiros. Seria auxiliada por pouquissimos soldados.

A policia dos varios Estados luta com heroismo contra os que suppõem ser estrangeiros e que mais tarde sabendo que são patricios tratará de *jagunços*.

Não sabem que infelizmente peitos brasileiros são o alvo de suas balas mortiferas!

Pensam elles que se repetem os dias do “Protocollo”

Houve nesta ocasião em 1896 matanças de italianos em varias cidades do Brasil.

Minha mulher contava que um dos italianos, conhecido d'ella, para escapar á sanha da população gritava “Io sono francese” contradizendo na lingua que empregava o que pretendia affirmar.

Na tarde hoje vem nos visitar um amigo que mora na zona occupada pelas tropas legalistas. E' ardoroso legalista e amedronta os nossos hospedes do porão com seus dizeres anti-revoltosos enquanto nós, do rez do chão, es-

tamos de accôrdo e felizes deste apoio, por estarmos em minoria nas discussões.

Elle affirma que sabe de fonte segura, segurissima que vinte mil legalistas vão cercar a cidade e prender todas as tropas que se revoltaram como numa ratoeira. Suggesti uma comparação menos corriqueira, historica: como os allemães no anno 1871 rodearam, a tres de Setembro, o exercito francez em Sedan!

Ha tantas contradicções nos boatos que se parecem com as doutrinas philosophicas, para cada ponto de ensino ha quem affirme, ha quem negue, ha quem duvide, e ha quem se abstenha de se ocupar da questão!

E' o mais certo em tanta incerteza!

Acompanhei o amigo até a esquina vimos nas paredes de muitas casas os efeitos dos tiroteios que ha entre o convento da Immaculada Conceição e a trincheira do Cubatão.

Um alumno estranhou que chamasse estes vestigios de *fosséis* da revolta. Dou-lhe de passagem uma curta lição de Geologia, lembrando que o termo *fossil* não se applica só aos restos mas tambem aos vestigios de animaes e plantas prehistoricos:

Para terminar a minha narração por reflexão banal mas revestida de louçanias de estylo de hugoniano, cito a respeito do dia de amanhã os bellos versos de "Napoleão II".

“Non, si puissant qu'on soit, qu'on on rie ou qu'on pleure,
Nul ne te fait parler, nul ne peut avant l'heure,
Ouvrir ta froide main,
O fantôme muet, o notre ombre, ó notre hôte,
Spectre toujours muet qui nous suit côte á côte,
Et qu'on nomme *demain!*”

que traduzira para os alumnos do Anglo, como segue:

“Não, por poderoso que alguém seja, não, que se chore
ou que se ria,
Ninguém te faz falar, ninguém pode antes da hora,
Abrir a tua fria mão!
Oh! phantasma mudo, oh! nossa sombra, oh! nosso hos-
pede,
Spectro sempre larvado que nos segue lado a lado
E que se chama amanhã!”

Agora acabei minha tarefa: que o diabinho venha fechar as minhas palpebras: é o que desejo.

Receio que o “espoucar da fuzilaria pontilhada do troar dos canhões” me perturbe o somno.

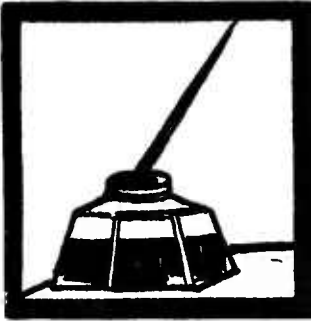
O que lá vae entre parenthesis não é meu. Achei a expressão no “Estado de S. Paulo”. “*Cuique suum*”.

No “Pedro Jangadeiro”, lembro que é o lemma dos reis da Prussia e que um francez christoso pretende que no caso se deve acrescentar: “tulerunt”, “roubaram a cada qual o seu”.

Não quero imitar certos autores como os de com-

pendio de philosophia recentemente publicado com quantas licenças há, (o que é uma contradicção) — e cujas paginas são rapinas, do começo ao fim.

A thesoura e pincel com a gomma arabica trabalham enquanto a penna descansa no tinteiro.



O trecho que segue e da “Capital”, explica afinal os mysteriosos tiros de espingarda que provinham de mil direcções differentes a espaços irregulares durante a noite anterior.

A's 23 horas do dia 14, desobedecendo a todas as intimações e ordens das sentinellas e patrulhas revolucionarias, postadas á avenida Brigadeiro Luiz Antonio, percorria essa rua, lançado com grande velocidade, um **automovel**, que foi alvejado por varios e successivos disparos.



Do “Estado” de 18. — Hontem uma bomba cahiu sobre um theatro transformado em abrigo e produziu numerosas victimas.

Sempre a tragedia — da morte — após

a comedia desta vida!

Decimo-quinto dia da Revolta

SABBADO, Dia 19 de Julho de 1924

- 1 — Silencio que espanta.
- 2 — Algazarra dos meninos.
- 3 — Barricada não de barricas mas
de pedras!
- 4 — Viva o futebol!
- 5 — Teus olhos castanhos são.
- 6 — Noiva!!
- 7 — Como se fala o portuguez em
São Paulo.



A'S 15 horas e meia. Hoje faz quinze dias que a revolta começou. Parece que haja alguns mezes, mas o tempo é relativo, diz Einstein!

Esta manhã, até quasi meio dia, socego completo.

Apenas, de vez em vez, o tiro irritante de uma espingarda. Os cânhões estão calados!

Este silencio surprehendente, quasi que espanta. Estamos tão acostumados desde quinze dias a um ruido infernal.

Durante a noite houve um bombardeio terrivel nas proximidades de nossa casa, na Villa Mariana.

Espera-se a luta definitiva ali durante a noite que vem.

Nossos hospedes passam a tarde connosco e Dona Conchita nos conta pela centesima vez que lhes "morriaram na grippe il hijo Manoelito con ocho hijos i la mujér".

A calma é completa: parece com o tempo abafado, carregado, prenunciã de tempestade.

A's 15 e 1|2 o Snr. Corneta, foge de uma bomba que cae numa chacara vizinha!

Elle vem todo assustado nos assegurar que agora está definitivamente resolvido a ir para Osasco. Foi-se a pé e carregando o ultimo filho, ainda pequeno e doentio.

Da rua Cubatão quasi todas as familias emigraram.

São Paulo se despovoa, o "Estado" calcula em duzentos mil os habitantes da capital que foram para o interior. E' quasi a terça parte da cidade.

Si continuar na mesma proporção daqui a um mez não haverá mais alma viva! me disse alguém, estes dias, apoiando-se sobre uma inducção evidentemente errada.

A's quinze e tres quartos, vou vêr a trincheira feita com *parallepipedos*, á entrada da rua Cubatão na avenida Brigadeiro Luiz Antonio. Diz-se em francez: *une barricade*. As trincheiras eram feitas com barricas que se enchiam de areia. Trincheira é termo *improprio*, aqui.

A historia prega cada peça á etymologia das palavras! Não quero explorar esta veia — levar-me-ia longe, bem longe, do assumpto.

O tempo está esplendido, como desde o começo da revolta — felizmente para os soldados das duas parcialidades. O frio habitual no mez de Julho é muito menor este anno, de sorte que os soldados soffrem menos.

A calma relativa, a brilhante luz do sol inspira a todos uma alegria em contraste estranho com a afflictiva situação, a perspectiva terrivel da lucta desta noite parece inevitavel.

As crianças em férias forçadas e mas bem vindas os jovens operarios das fabricas dispensados da labuta quotidiana enchem as ruas.

Nunca o jogo do futebol esteve tão praticado do que por estes dias.

Aqui em casa as crianças riem-se e fazem uma algazarra como si fosse dia de festa.

Eu rego as couves e os repolhos que me agradeceram a muita agua que lhes dispensei desde quinze dias. Poderemos comel-as daqui a pouco.

Não uso nem o capacete de Mambrino sob forma de panella, não ponho livros ao redor do corpo.

15 e 20. Silencio de morte, tempo esplendido, planto mais vinte pimenteiras, (de facto, matto).

Esta manhã esteve aqui um amigo de longos annos que ha uns mezes teve ataque de paralysisia. Ainda não está restabelecido.

Conta que queima os dedos quando accende o phosphoro, não ha meio de largal-o por muito que o queira. Os nervos não obedecem á ordem do cerebro.

Quando quer evitar um bonde, mais depressa deseja ir — mais devagar vae. Num dos primeiros dias da revolta foi retirar mercadorias da Estação do Norte. Não reparou no perigo. Chegando a uma trincheira quiz perguntar si podia passar.

O sargento de serviço disse que sim, mas que havia perigo. — Elle quiz agradecer : impossivel, — tartamudeou palavras incompreensiveis. Sargento e soldados riram-se

delle: suppuzeram que era o medo que lhe tolhia a palavra, quando de facto era a doença.

Contou-nos este amigo, que perto do Largo do Riachuelo, onde mora, viu cair baleada uma senhora, que por curiosidade, saiu da casa della para assistir a perseguição de um suspeito pelo soldado da guarda.

Nos primeiros dias houve innumeras pessoas que foram feridas ou mortas por se exporem imprudentemente ao perigo, mormente crianças que queriam apanhar cartuchos e balas.

Homem de grande bom senso, o amigo é legalista e nos assegura que a victoria das forças legaes não vae se demorar.

Esperam mais alguns reforços para formar meio circulo diz elle, — um quarto seria mais exacto — e dar um ataque definitivo.

Esta noticia entristece o porão e alegra o rez do chão. (Vêr P S.).

De tarde veiu se despedir um alumno do Anglo Brasileiro. Elle nos informa que a Directoria fez conduzir os trinta e poucos alumnos internos que não poderam, por falta de meios de conducção se retirar para casa de suas familias, para a bella e espaçosa chacara do Club Inglez, em Santo Amaro.

Medida necessaria, pois que o edificio do Gymnasio está na zona a mais exposta ao perigo.

A retirada fôra algo difficil e precipitada, mas não aconteceu desgraça alguma.

Hoje pela primeira vez já podemos comer do fructo de nosso trabalho, da verdura do proprio quintal.

Sol e rega quotidiana fizeram com que as plantas crescessem rapidamente. Isto me anima a mim e aos filhos a continuarmos no mister de chacareiros improvisados.

A's dezenove e um quarto — Tudo calmo por enquanto. As crianças brincam, vovó, criança de oitenta e sete annos, canta alegre modinhas pernambucanas: “Teus olhos castanhos são meigos e puros.. ”

Em baixo, no porão as familias hespanholas tagarellam e ouvimos as risadas alegres dos rapazes e de uma moça a quem o noivo fez saber que viria visital-a não obstante o perigo.

Habita em Bragança — (Veiu de facto uns dias depois).

A que extremos não leva o amor!

A alegria é communicativa e mãesinha Conchita não se lembra da “muerte de Manoelito dos ocho.. ”.

A mim, como responsavel pela familia e pelos hospedes não me sae do espirito o perigo que havemos de correr esta noite.

Na estação dos bondes de Villa Marianna os tejalistas collocaram canhões. Haverá duello entre a artilharia de lá e a dos revoltosos do morro dos Inglezes. Os obuzes passarão por cima de nossas cabeças. Não vá lá um ou outro esquecer o seu destino e cair-nos no telhado. A casa é velha, poderia atravessal-o e fazer seguir um dia de alegria por uma noite de tristeza.

Gabei-me de não ter medo e agora só falo em preocupações dolorosas. E' que entendo por medo aquelle sentimento de oppressão psychologica que dá, o que os francezes chamam "la chair de poule" um arripiosinho na raiz dos cabellos e na pelle, e não uma preocupação razoavel.

Não pude arranjar jornal da tarde. Mandeí W. para este fim mas como não era recado de grande importancia, com o aviso que não passasse trincheira alguma, voltou quasi logo. Há trincheiras por toda a parte, de todas as formas, de todo o tamanho,

Mais tarde teremos prazer em nos lembrar destas horas agoniadas como só conhece o valor da saúde, quem esteve doente, só sabe o que vale a paz quem soffreu as agruras da guerra!

Hoje de tarde um hospede nos trouxe a "Marreta" tem titulos suggestivos: "A espionagem anda de casaca, saia, andrajos e batina". Notar a "espionagem" que bella prosopopeia miltoniana. — Uma prosopopeia historica é a seguinte: "Vi passar o vicio de braços dados com a hypocrisia" diz Chateaubriand alludindo a Fouché e Taylle-
rand recebidos por Luiz XVIII, ambos regicidas emquanto elle o monarchista fiel em vão esperava na anti-camara.

Outro titulo: "Kaiser e Potyguara, anjo e Satanaz" "No primeiro se aninha o crime" — qual anjo, então! dois Satanazes! é que deveria ser!!

O *Snr. Trindade* tambem entra na berlinda, por se ter apagado o fogão de sua Cosinha dos Pobres. — O artigo finaliza: "Muito trovão signal de pouca chuva".

O inconsciente parece que inspirou esta phrase: *Trovão* o dia inteiro, de schrapnels etc. — *chuva*, nada — têmos que regar!

P S. Este amigo teve outro ataque de paralyisia nos começos de Fevereiro e, desta vez, o assalto foi mortal.

Vale a pena contar aqui o casamento no artigo da morte. Garanto os pormenores do facto.

Eu soube da doença do amigo as 17 horas, um domingo antes do carnaval. Deixei immediatamente a cabeceira de minha mulher, também doente, para visitá-lo.

Não falava mais — uma mão se agitava febrilmente, nem podia traçar os caracteres indistinctos que a piedade filial decifrava uns dias antes.

Assentei-me á cabeceira do amigo moribundo.

Eis quando de repente ouço passos fortes e duros e uma voz alta que grita e berra: “La pace del Signore sia con questa casa”.

Entra de chofre, no quarto, um padre alto, rubicundo que continuou no mesmo tom “Snr. Orozimbo (O.. corrigiu-o sacristão) Quest’oggi il Signore le fá una grazia speciale”.

O Snr. O., certamente nada ouviu!...

Não quero alongar a historia, basta dizer que foi em italiano puro: “Lei vuole questa moglie per la sua sposa” etc. — que se fez o casamento de dois cidadãos brasileiros que não entendem esta lingua.

Decimo-sexto dia da Revolta

DOMINGO, Dia 20 de Julho de 1924

- 1 — Noite tetrica.
- 2 — O jornal "Germania" em 1908.
- 3 — Alameda "Frei Tomate".
- 4 — Covardia do grande poeta latino "Horacio" e de..
- 5 — "Uma andorinha não faz verão" mas...
- 6 — "Nhonhô" e "vae se Chica" — não são titulos de tangos — No texto o leitor verá: é coisa mais séria.
- 7 — Cachorros de porcellana.



Retirantes acampados



NUNCA senti tanto como agora a falta de recursos estylisticos. Queria, neste diario, destinado a meus filhos, quando estiverem na idade do “Memínisse juvat”, dar uma ideia exacta do que foi esta noite tragica: (Já disse, e o repito aqui, o “Diario”, cujo titulo modifiquei pelo de *Aventuras*, não era destinado ao lume da publicidade, mas tinha um character familiar; foi a pedido de amigos que em bôa ou má hora, a isto me decidi — fóra talvez melhor dal-o ao lume do fogão).

O ruido da fuzilaria, os disparos dos canhões, o pipocar das metralhadoras, o estampido das bombas faziam uma algazarra infernal que não deixava ninguem dormir.

Mas, como ao fragor innocuo do trovão, segue a seta mortifera do relampago, assim esta diabolica barulheira é prenuncio de projectis perigosissimos: impunha-se-nos o dever de melhor nos protegermos destes mensageiros da morte.

Sabia que o papel forma excellente trincheira,

Durante a Grande Guerra escrevia no jornal: “Germania”.

Pude ali prestar algum serviço tanto ao Brasil como á Allemanha, porquê não havia um dia que eu não aconselhasse á população allemã menos rica, aos operarios, pois, o nosso circulo de assignantes se compunha quasi exclusivamente destes a serem prudentes, a não falarem em guerra pelas tavernas, a ficarem o mais possivel em casa; estou certo de que a repetição dessas exhortações continuas surtiu algum effeito: “Agua molle em pedra dura, tanto dá até que fura” Poupei assim á policia aborrecimentos inuteis e desagradaveis.

Ora, quando foi posto a pique o primeiro navio brasileiro e a população paulista de novo começou a se irritar contra os allemães, o governo mandou dez soldados á séde da redacção, para evitar desordens. Para impedir que as officinas fossem arrombadas de noite e o jornal empastellado. barricamos a porta com grandes fardos de papel.

Os officiaes brasileiros deram parabens aos typographos, porque o papel offerece, nos disseram elles, uma enorme resistencia á penetração das balas, melhor defesa não se podia imaginar.

Lembrado disto, rodeei nossos colchões das obras de Aristoteles, Platão, Luciano de Samosata, Virgilio na bella edição estereotypada de Teubner, no texto original. Tiveram estas obras primas do genio humano um destino estranho: em vez de ornamentar a mente, protegem o corpo contra balas mortiferas, instrumentos do progresso ou regresso da civilisação, que servem para matar ás escondidas.

As seis e meia, ainda quasi no escuro, dirigi-me do lado da rua Manoel Nobrega, onde terminava outr'ora o quintal, á extremidade de uma alameda baptisada "Frei Tomate", pelo barão de Sch. que nos aconselhou vivamente a cultura dos tomates como sendo rendosa. A das "batatas" é mais facil, mas, praticada por tanta gente!

Quizemos, eu e meu filho, occupar-nos do cultivo de tomateiros, appareceram e cresceram, mas, os tomates que colhemos não deram nem para pagar os quatro centos réis de sementes: ninguem se deve metter em negocio que não entende!

Mal tinha dado alguns passos nesta mal denominada alameda "Frei Tomate", eis uma fuzilaria cerrada que me obrigou a me agachar atraz dum pé enorme de babosa e a voltar de cocoras, quasi me rastejando para a casa. Ninguem me viu praticar este acto de cobardia. — Mas não tenho pejo em confessal-o.

Horacio faz uma confissão bem mais vergonhosa quando lembra a Varrão que elle fugiu na batalha de Philippes.

"Relictâ non bene parmulâ!" "Fugi, jogando fóra contra o dever o meu pequeno escudo".

A gente morre uma vez só.

Sei que ha quem pretenda o contrario, visto que cada reincarnação suppõe nova morte. Mas, actualmente sou "gente" não sei si na reincarnação não passarei a ser sapo ou burro — como se deu por artes de feitiçaria, com Luciano de Samosata, que nos conta com graça inimitavel as tristes aventuras que lhe aconteceram neste

estado. Termina o conto narrando, como, afinal feito burro dansarino, teve a felicidade de os assistentes encantados lhe jogarem rosas. Comeu-as e voltou a ser homem, ao grande despeito dos seus donos que tiravam pingues proveitos de sua arte de homem burrificado.

Decididamente o perigo se aproxima de nós a passos de gigante.

A trincheira da entrada da rua Cubatão ainda distava uns cincoenta metros — mas agora está se construindo outra bem á porta da chacara, na rua Manoel Nobrega, sabemos que os legalistas têm canhões e metralhadoras assestadas na estação dos bondes da Light and Power. Um pequeno erro de pontaria de alguns metros e eis que balas, obuzes, bombas, granadas ou que valha seriam os nossos hospedes nada bem vindos e que todos nós dispensariamos.

O nosso “fico” ou melhor “ficamos” nem por isto vacilla. Alguns hospedes do porão, os mais moços, vão ajudar na construção da trincheira.

Gesto um tanto intempestivo: um delles veiu logo correndo pallido, — pallidissimo — “palidississimo” — disse seu irmão Pedrito recorrendo á infixação usada em sua lingua natal, todo a tremer: um obuz explodiu perto delle.

Uma andorinha só não faz verão, mas uma bala assim é mensageira de temporada ruim!

A curiosidade nos levou a ir vêr de perto como se fazia esta obra de guerna, ainda que o fujão nol-o desaconselhasse insistentemente.

Um pequeno grupo de revoltosos estava numa febril azafama. O virgiliano “fervet opus” a “obra ferve” se impõe aqui!

Sem mesmo que eu perguntasse, o chefe — não sei si era capitão, anspesada, sargento ou tenente, — (confesso que nisto das varias patentes militares sou d’uma ignorancia supina!) — o chefe do esquadrão, sem ser interrogado me explicou que as tres casas em construcção que havia ali, deviam certamente ser cubiçadas pelos legalistas.

Alojados ali, poderiam tomar entre dois fogos o edificio do Gymnasio Anglo Brasileiro, que um dos historiadores da Revolta teima em chamar *Casarão* velho.

Não sei si este termo pejorativo provem do desgosto de ter sido o Gymnasio occupado pelos revoltosos, emquanto, a uns quarenta metros de lá, a casa de residencia do Director estava em poder dos legalistas.

As tropas das duas parcialidades acirradas no odio mutuo por duas semanas de luta, não imitavam os inquilinos das trincheiras européas que muitas vezes ficavam, mezes e mezes, defrontando uns aos outros feitos os cachorros de falença das residencias dos “brasileiros” no Portugal. Assim é que se chamam os Portuguezes que fizeram a America aqui!

Em Pernambuco têm outro appellido como se vê na modinha:

“Marinheiro” pé de chumbo,
Calcanhar de frígideira,
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira!”

Foi ás nove da manhã que conversei com os soldados revoltosos na trincheira nial acabada.

As dez recomeçou o tiroteio.

Mais uma vez teria a sua applicação a fabula da “Fortuna e do Menino” que dormia.

Esta deusa — Fortuna, aqui vale por — *Acaso*, de conformidade com a etymologia despertou o menino para evitar que, caso caísse no poço, não lhe attribuissem a culpa a ella, quando o unico culpado seria o proprio menino por imprudente.

Si uma bala “anonyma” nos tivesse attingido perto da trincheira, quem nos redigisse o necrologio não poderia ter falado em “acaso” mas em imprudencia estulta.

A's onze horas o Snr. Corneta nos contou que ouviu dizer por amigos que alguém lhes referiu que soube de pessoa aos ouvidos da qual chegou o que se disse na vizinhança que forças legaes vindas de Matto Grosso viriam por Pinheiros seguindo depois pela avenida Brigadeiro Luiz Antonio, onde moramos.

(Não vá algum Zóilo recriminar em nome da lingua portugueza contra os numerosos *que's* que ha nesta sentença: cada *que* é como uma estação da estrada de ferro onde parou o *boato* até que afinal chegou aos nossos ouvidos: estação terminal auditiva. Agora parte por via *visual* até os olhos dos leitores).

Si esta invasão mattogrossense se dér e si os revoltosos resistirem na altura da Avenida, estaremos entre o martello e a bigorna: é má logar!

Confirmam este boato as inspecções de soldados revoltosos na direcção de Pinheiros. Parecem tomados de uma agitação febril e de grande receio. Sobem e descem cavalheiros e soldados a pé do lado do bairro de Caguassú.

Seria a execução do ataque em semi-circulo de que tanto se falou? Pouca importancia até agora lhe ligavamos, mas o ruim é que vamos ficar incluídos nós também no sector da luta definitiva.

Tinha projectado, em vista do prolongamento da luta, começar por estes dias, escrever a historia de *Philosophia*, livro cuja publicação já tratei com o illustre prefaciador destas “*Aventuras*”, como já o disse.

Já acabei, o anno passado, a historia da *philosophia* dos Gregos e além das preocupações destes dias de amargura existe outro motivo que sempre me fez abandonar o projecto: é a difficuldade em expôr de uma maneira clara e intelligivel para o leitor, os seis systemas tirados dos Vedas livros sagrados dos Hindús e dos *Upānishads*, os seus commentarios philosophicos. Um destes systemas é popularizado entre nós pela imprensa occultista: é o *Yoga*.

Dois outros systemas, com pequena alteração dos termos tem nome brasileiro: são o “*Nyaya*” de Gotama, facilmente transformado em “*Nhanhã*” e o “*Vaisheshika* de Kanadá”. “*Vae se a Chica do Canadá*”

Deixemos isto para tempos menos bicudos!

No primeiro domingo, houve uma especie de “*Tregua de Deus*”.

Hoje segundo domingo, pelo contrario há recrudescencia de luta, em nossa zona pelo menos.



A cada meia hora os meninos que brincam no quintal, os moleques que jogam futebol, na rua são obrigados de se recolher em casa por causa da fuzilaria cerrada e dos tiros estrondosos do canhão.

Ha um contraste estranho entre os risos alegres, a gritaria despreocupada da meninada seguida, ao aviso dos soldados, por um silencio sinistro e logo depois pelo ribombar das mais variadas armas de fogo.

Já disse, que embora menos ruidoso o silvar das balas de espingarda é o que mais irrita!

Commadre Cabra, que está amarrada lá no alpendre, é de nossa opinião, ella ouve, sem dar mostras de espanto, a voz grossa do canhão, o toque-toque das metralhadoras, ao assobiar dos fuzis dá cada pulo que até parece cabrito novo.

Ao ouvir o toque-toque das metralhadoras minha sogra grita sempre aos meninos: “Abram a porta que estão batendo”.

A moça que faz parte do grupo de nossos hospedes deu um pulo quasi igual ao da cabra, quando ouviu perto della o zunido de uma bala, distrahida como estava do perigo em quanto enumerava á minha mulher as prendas de seu noivo!

Excitou o riso dos irmãos e dos pequenos pela velocidade com que percorreu a distancia a vencer para se abrigar na cosinha!



Por legalista que seja minha mulher na tarde deste domingo auxiliou a causa da Revolução, pois, que deu (criminosamente) um pedaço de pão com salame a um soldado esfomeado.

Ella não considerou nelle o revoltoso “mas o patriocio com fome” Acho que fez bem!

A's quinze e meia, houve tiroteio a alguns passos de casa, no começo da Alameda Itú.

Tiros a direita, a esquerda, na frente e por traz da casa!

Fechamos as portas e não permittimos mais á meninada de aproveitar os curtos momentos de intervallo para ir brincar no quintal!

Da trincheira da rua Padre Manoel da Nobrega o tiroteio é continuo!

E durma-se com este barulho!

E' comtudo o que vamos fazer entre as nossas trincheiras de livros e trouxas de roupa.

Por maior segurança cobri a mesa, debaixo da qual

dormimos, de dictionarios e dos vinte volumes da bibliotheca Universal.

Não vá uma bomba me estragar um dos volumes da collecção! Custou quinhentos mil réis!! Incompleta não valerá mais nem cincoenta!!!

Ponto final para hoje.

Vamos dormir, si for possível, ao som do jazzband revolucionario: são 22 horas.

P. S. O “Estado” de 25 que consulto ao recopiar as “Aventuras” diz a respeito do dia 24 o seguinte:

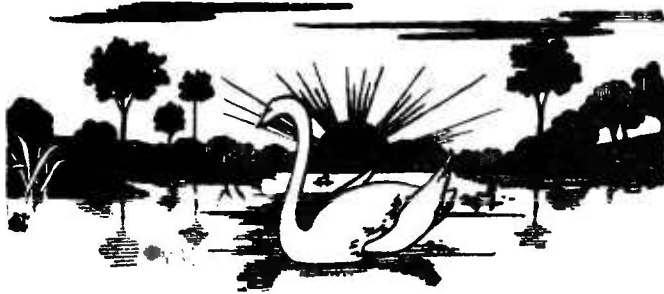
“Após o formidavel bombardeio de sabbado para domingo, o mais intenso e prolongado a que já assistiu a cidade nesta quinzena tragica, era de esperar-se um dia calmo. Combateu-se, entretanto, até ás 14 horas. Cerca de 29 horas de ininterrupta actividade bellica!

Um ou outro disparo de canhão e o pipocar longinquo da metralhadora e assim cahiu a noite enluarada e silenciosa. Silencio talvez mais impressionante que o proprio bombardeio, que põe nos corações uma oppressão indefinivel e em cada pensamento uma afflictiva interrogação”.

Muitos emigrantes não tendo achado abrigo voltam para São Paulo.

“.. Além das tres centenas de milhar, approximaadamente, de almas estupefactas, que abandonaram a cidade de São Paulo, nesses dias tormentosos, innumeras pessoas, ou por falta de conducção, ou por falta de recursos pecuniarios, permaneceram desabrigadas em tórno

á capital. Na extensa relva esmeraldina e nos moutaes escassamente sombrosos dos campos, flagellados pelos rigores hibernaes de Julho e envolvidos nos nevoeiros das madrugadas, familias assentaram os seus ninhos improvisados. E a disposição, esparsa e garrida, de barracas mal feitas, apenas cobertas de lençóes brancos ou de cobertores de vários matizes, transmittia a esses recantos campestres a apparencia duma série de tendas, ao ar livre, de perseguidos e miseraveis ciganos. ”



Decimo-setimo dia da Revolta

SEGUNDA-FEIRA, Dia 21 de Julho de 1924

- 1 — De pleno accôrdo: assim é
que foi!
- 2 — Vão matar o bicho.
- 3 — Monologos dialogados!
- 4 — São Paulo não se abaixa.
- 5 — Noite de Morticínio em 1893.
- 6 — !!!
- 7 — O brazeiro se estende.





«**A**PÓS o formidável bombardeio de sabbado para domingo o mais intenso e prolongado a que já assistiu a cidade nesta quinzena tragica, era de esperar-se um dia calmo. (?) Combateu-se entretanto até as 14 horas. Cerca de vinte horas de actividade bellica!»

Eis o que leio, esta manhã, no “Estado de S. Paulo”

Estas linhas correspondem ao que escrevi tambem de noite.

Assim é que foi!

Qual tregua de Deus! qual nada.

Hoje, de dia, nada escrevi no “Diario”. Por cumulo de desgraça agora, não ha luz electrica, é á luz vacilante do unico candieiro que presta, que traço estas linhas, ás dezenove horas e meia.

Após a noite pavorosa do dia dezenove ao dia vinte, tivemos uma noite relativamente bem socegada.

Poucos tiros de canhão. — Apenas tiroteio miudo que parece partir da trincheira construida á porta do nosso quintal e se dirige contra um grupo de legalistas que se

postou um pouco além da invernada dos Bombeiros, si tanto é que seja.

Pouco sabemos da collocação das forças adversas e dos movimentos de avanços e recuos, só mesmo aquillo que agrada aos occupantes actuaes da cidade de nos contarem de conformidade com as suas conveniencias estrategicas e não da verdade.

Como o portão do fundo do quintal está sempre aberto por causa da construcção começada, os soldados que guarnecem a trincheira se installaram á vontade na cosinha provisoria construida pelo mestre de obras, e as vezes passam até uma venda da Avenida para “matar o bicho”.

O vendeiro me lembra o heroe de W. Irving Washington no conto “Rip Van Winkle”. “Está á porta da venda da manhã á noite e só se move o bastante para evitar que tenha o sol no rosto”.

Mas honra seja á verdade; estes moços brasileiros em nossas proximidades, — só falo como testemunha ocular do que vi, — revoltosos ou revolucionarios como o queiram, se comportam bem.

Nunca vi algum bebado entre elles. Um dos meus filhos que sae sempre a procura de pão, encontrou uma vez um revoltoso bebado, mas dois outros o levaram logo preso.

Até as dezeseis horas ha calma relativa que contrasta extraordinariamente com a barulheira de hontem. Hospedes e habitantes da casa aproveitam o socego para garrillar á vontade.

A conversa a mais estranha é as duas velhinhas a D. Conchita que “habla espanol” e a minha sogra que só fala portuguez. As suas conversas lembram os monologos dialogados “das crianças”

E’ o grande psychologo suiso, Piaget, cuja obra recentissima “1924” pude felizmente aproveitar na terceira edição do meu Compendio de Psychologia, que vemos o uso deste termo aparentemente contradictorio mas baseado sobre milhares de pacientes observações.

D. Conchita fala do “meu Manoelito e dos seus ocho hijos” .. Minha sogra conta histórias de sua infancia em Pernambuco. Não ha briga porque não se entendem! Ou melhor não se comprehendem, cada uma vae contando, sem se preocupar com o que diz a interlocutora, ambas ficam satisfeitissimas com a conversa.

Pessoalmente aproveito a calma para recommençar não a escrever, mas pelo menos a lêr após um jejum intellectual de quinze dias.

Leio a Revolta de 1893, por Pedro Dias de Campos.

Relata a bella e historica phrase do Dr. Bernardino de Campos, pae do presidente Dr. Carlos de Campos.

* Quando numa visita que fez em Santos, estava numa casa perto do mar, uma bala de canhão penetra no edificio, todos se curvaram, Dr. Bernardino ficou de pé e disse simplesmente: “São Paulo não se curva”

De tarde Wal. .. vae a procura de pão.

Nas trincheiras deixam-no passar mas com a marca B. S. G. G. que ha nos artigos manufacturados francezès :

“sem garantia do governo” no caso “sem garantia para a vida da parte da guarnição”.

Ensinei-lhe, si vier um obuz, a deitar-se no chão, para evitar os estilhaços.

Uma unica vez teve occasião de seguir meu conselho: um pneu de um auto arrebentara perto d'elle, julgou que fosse um obuz e deitou-se depressa.

Hoje elle voltou cansado e sem pão!

Um pouco mais tarde o irmão mais velho foi em outra direcção do lado de Caguassú, mas o pão ainda estava no forno.

Quiz esperar. Havia muita gente e quando come-



çou a chover balas que quebraram os galhos dos arvore-
dos, ao redor da padaria, voltou com as mãos vasias,

O estabelecimento provisório que serve de padaria era pequeno e não dava para abrigar todos os que esperavam.

A experiência o tornou prudente.

Muitos meninos saem á rua e não voltam para casa, e não só meninos, os jornaes estão cheios de pedidos a respeito de pessoas perdidas. Muita mulher casada espera ansiosa pela volta do marido não sabendo se morreu ou se perdeu.

De tarde leio a vida de Campos Salles.

A pagina 423 tem por titulo: A revolução "*Mortes e Ferimentos na Capital*" Eis o começo tetrico do artigo do "Estado" de 17 de Dezembro de 1892, citado na integra a respeito do que se deu a 13 de Novembro de 1892: "Só hoje podemos voltar á penosa narração dos tristissimos acontecimentos que ensanguentaram esta Capital e que repercutiram dolorosamente por todos os pontos do Estado enchendo de espanto o povo paulista.. "

Ora, nesta "*Noite de Morticínio*" houve pelo menos cinco mortos e o dobro de feridos!!

Que é este numero insignificante comparado com a interminavel lista que cada manhã nos trazem os jornaes de duzentas e mais victimas quotidianas.

Os revoltosos — pelo menos assim é que boateiros contam, — esperam reforços de Matto-Grosso. Quanto "coelho" sae deste matto: tanto legalista como revolucionario, espera soccorro de lá.

O estado actual pode durar mais uns quinze dias, um mez, dois mezes! Ou mais!!!

Que horror!!!

Sempre embirrei com os pontos de exclamação, que chamam atenção do leitor querendo obrigar-o a muque a se espantar, ou admirar, como se lhe faltasse a intelligencia sufficiente para isto, (mas vou reproduzindo o que escrevi em 1924: os pontos de exclamação ou espanto (?) lá estão!)

O que, ha quinze dias, se nos afigurava um trans-torno insupportavel, apresenta-se hoje como natural. O silencio dos canhões é que extranharíamos. Hontem ainda, quando os tiros partiam da rua Manoel Nobrega ou da avenida Brigadeiro Luiz Antonio, trancavamos cuidadosamente venezianas e janellas: — hoje já ninguem mais cuida disto.

Apenas, fóra de casa, tomamos ainda algumas precauções.

Rego as couves e os repolhos do quintal — qual Diocleciano após a sua abdicação voluntaria e Clemenceau após a abdicação menos voluntaria, com toda a calma mas com uma panella na cabeça, como Dom Quixote que usava bacía de barbeiro julgando que fosse o elmo de Mandarino, e livros ao redor do corpo para proteger as partes nobres.

Agacho-e quando as balas sibilam.

Os meus filhos jogam-se á terra de proposito uns minutos depois do ruido do obuz que passou, para evitar estilhaços que explodem a um kilometro ou mais de cá!

Ha como que o desprezo proposital do perigo.

A's 20 horas.

Continúo a leitura da Biographia de Campos Salles ou para dar o titulo exacto: Perfil biographico do Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles. Ministro da Justiça do Governo Provisorio, Senador federal pelo Estado de São Paulo, por Antonio+Joaquim Ribas — Rio de Janeiro Typ. Lenginger, rua do Ouvidor 31-36. 1893.

Comparo o golpe de Estado de 3 de Novembro com o de hoje (o texto do manuscripto está interrompido)...

Leio num jornal de hoje que o General Lopes pediu vinte quatro horas para responder ao Sr. Macedo Soares a respeito de uma formula de conciliação que o General Abilio de Noronha possa transmittir.

Nada, nada espero desta resposta! Pois que Lopes (sic) quer a demissão do Dr. Bernardes. Ora nem o General Abilio poderá fazer esta proposta. Nem surtiria effeito si a fizesse.

Minha opinião é que, assim como a revolta começou de repente sem ninguem dos não iniciados na alta politica ou melhor na baixa politica prevê-lo assim de repente ha de acabar.

Porque nos agoniar com previsões tetricas o que é, é, o que ha de ser, será.

O homem pensa dirigir os seus actos, quasi sempre é dirigido! Coitado!

Dos jornaes.

O brazeiro cresce. O "Estado" de hoje:

Forças revolucionarias partiram para enfrentar uma columna expedicionaria de tropas legaes, que, segundo

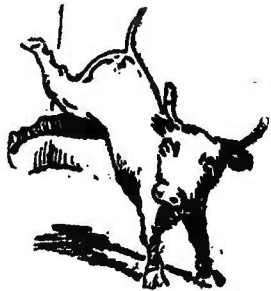
se sabe, era formada de elementos civis, vindos de Minas Geraes.

O encontro dos dois contingentes verificou-se entre Jaguary e Mogy Mirim, na noite de 18 para 19 do corrente.

Na Lapa, no grupo escolar transformado em abrigo já se acham mais de quarenta familias.

Nenhum aparelho radiotelegraphico poderá funcionar sem autorisação!

O "*Piccolo*" agradece os jornaes brasileiros que desmentem o boato espalhado em Santos e no Rio de um "levante dos Italianos"; pretende saber todos os pormenores do assassinato do Sr. Marengo (está de boa saúde hoje, em 1925) e conta que foi sexta-feira passada dia 18, que, após 14 dias de resistencia, entregaram-se os heroicos defensorés das officinas da Light, rua Paula Souza; o ouvido fino do "pequeno" distinguiu a voz de uma peça de artilharia de marinha no meio das outras. — puó essere!



Decimo-oitavo dia da Revolta

TERÇA-FEIRA, Dia 22 de Julho de 1924

- 1 — Em que seculo foi descoberto o Brasil.
- 2 — Os annos em 00.
- 3 — Carvoeiros que nos amedrontam.
- 4 — Crespo ou crespi, ou ambos. Outro trocadilho marca barbante.
- 5 — “O Sino” de Schiller.
- 6 — “Eschatologia”, ou vulgarmente “proximidade do fim do mundo”.
- 7 — Fazendo cauda! o quadragésimo quarto!
- 8 — Antes isca, do que phosphoro que em vão se risca! (Que rixa rima achei lá:—bisca—,x; ca,— pisca—iam tambem, mas, a idéa! Aqui rima e idéa se consorciam, é o ideal dos passadistas — os futuristas dispensam a ultima!)





Já' reparei varias vezes que na contagem dos dias da revolta estou em desaccordo com o jornal "O Estado"

Onde o Diario das *Aventuras*, (do titulo impresso tirei a palavra "Diário" para encurtal-o um pouco) onde o Diario traz *decimo oitavo dia*, diz o "O Estado" *decimo setimo*.

O meu decimo quarto dia corresponde ao decimo terceiro e assim por diante ou para atraz, ou melhor em ambas as direcções. Ora, pode o leitor verificar, si contar, como a mim, me parece que convenha, o dia 5, como o primeiro dia da revolta, o dia 22 de Julho é o decimo oitavo e não o decimo setimo.

Talvez venha a differença da confusão entre numeros ordinaes e cardinaes. De facto: vinte dois menos cinco faz dezeseite, mas não é esta a questão.

Devemos considerar os numeros ordinaes.

Foi a difficuldade geral que fez com que na Europa não se soube ao justo quando acabava o seculo dezenove e começava o seculo vinte: escreveram-se artigos de jornaes, folhetos, livros, grossos tratados sobre esta questão. Fiquei na mesma!

Não se trata de um erro possivel de Dionysio o Pequeno no calculo do anno do nascimento de Christo em relação com as Olympiadas gregas ou a fundação de Roma, no anno de 752 ou 754.

A questão era apenas de saber si os annos seculares que acabam por dois zeros constituem o ultimo ou o primeiro anno de um seculo.

Ora, como o Brasil foi descoberto em 1500, é mais facil dar com exactidão o dia do seu descobrimento, do que dizer em que seculo foi descoberto.

Confesso que pessoalmente, não cheguei a formar opinião firme, mudava conforme o livro ou a brochura que lia.

Como Cicero a respeito da questão mais grave, da immortalidade da alma!

Como a questão é de somenos importancia, julguei mais prudente não adoptar opinião alguma — Quisquis, suo sensu abundet. —

Que cada qual fique com a sua opinião, que eu me abstenho de tomar parte na discussão! A's duas opiniões têm os seus prós e contras!

No tocante ao quantesimo dia da revolta acho ter razão contra o “O Estado” — jornal.

Durante a noite, vinte uma a vinte duas horas, calma relativa.

Alguns raros tiros se fazem ouvir: julgamos que se dirigem contra os revoltosos, entrincheirados além da invernada dos bombeiros. Mas são supposições sem grande fundamento.

Tinhamos ante-hontem contemplado uma queimada de carvoeiros do lado de Pinheiros. Como já era tarde, julgámos, a principio, que se tratasse de um immenso incendio nos suburbios ou no Butantam. Moradores mais antigos desta rua e mais praticos nos revelaram a causa das labaredas e da fumaça que tanto nos deu que pensar.

Hoje de tarde, foi a nossa attenção, de novo, chamada por rolo de fumaça enorme, mas desta vez do lado opposto.

Soubemos, pouco depois que se tratava do enorme incendio da fabrica Crespi, no alto da Moóca.

Torno a ler as mais bellas descripções de incendios — a da cidade de Moscou, por M. de Segur, a de Roma, por Sienkevicz, mas a todas venço a de Shiller, no Canto do Sino.

“— Não ouvis o clangor do campanario — toca o rebate — Sanguinea côr — O céu ostenta — Não é do dia o alvor! — Que ruino immenso. — Fôra estrondeia!”
Que perda incalculavel! Quanta riqueza accumulada em annos de paz destruida em uma hora.

As companhias de Seguros que se hajam!

Os saques continuam em ponto menor. Desde que a “Guarda Municipal” se derreteu aos poucos, os gatunos aproveitaram a ocasião.

O compadre que aqui vêdes, não carregou muito porque a garrafa o tentou! e um cão allivia do que socou nos bolsos.

“Bem, mal adquirido nunca aproveita”, diz o proverbio. No caso pelo menos aproveitou ao cão.

“Decididamente é o fim do mundo” —

diz uma das nossas hospedes! E’ a idéa que toda a grande desgraça logo desperta no espirito da gatinha do povo!

Isso de fim do mundo é uma “bobagem”, o que não é, é o fim ou quasi dos recursos pecuniarios.

Só ha sahida, não ha entrada!



Ainda bem quando por dinheiro se pode obter alguma coisa, felizmente é possível ainda.

A Comissão de Abastecimento, prestou grande serviço, sem ella, não sei o que teria acontecido.

Mesmo assim é preciso fazer cauda nas padarias e nas vendas para obter o pão de cada dia.

Logo nos primeiros dias fui uma vez o “quadragesimo quarto” a poder entrar numa padaria do largo do Riachuelo, por entre dois soldados. Tinha lido descrições numerosas destas scenas que se passaram em Paris, em Berlim, em todas as cidades, da Europa de 1914-1918.

Mas a leitura de cem descrições não vale uma experiencia pessoal.

Hontem escrevi que nenhuma confiança tinha na mensagem do chefe da revolta. Hoje vacillo — E’ a unica taboa de salvação — boiará ou não boiará?

Oxallá que boie e, o que desejamos agora por legalistas que sejamos, é que se restabeleça a normalidade, o trabalho.

Leio no “Piccolo” um communicado official que nos noticia que temos escapado ao perigo de sermos sitiados.

Melhor assim, a condição de habitante de uma cidade “sitiada” não é invejavel. — Lembremo-nos dos cercos de Jerusalem, de Tyro, de Calais, de Paris! Até cachorros, ratos e gente ali se comeu!!

“A fabrica Crespi foi incendiada pela 5.^a vez”. Parece material das burras do estabelecimento X. (Só faço reclame para os meus productos) ou de phosphoros do

governo francez. Li, ha annos esta singular noticia num jornal de lá: “A cidade de Langres está em chammas, só não pegou a fabrica de phosphoros” Debique bem feito contro o monopolio governamental.

Outra noticia: “Em Santos o consul japonez protestou contra o bombardeio de S. Paulo” — isto vale tanto como um cataplasma numa perna de pau.

“Os “feriados” foram prorogados” — para os civis — quando é que começarão para os militares — isto nos interessa mais.

Que vão pondo as mãos nos bolsos delles!



Decimo-nono dia da Revolta

QUARTA-FEIRA, Dia 23 de Julho de 1924

- 1 — Adaptação da raça humana a todos os climas.
- 2 — De raça á especie.
- 3 — Faça o favor de entrar.
- 4 — Barulho de neve: engano de um grande poeta.
- 5 — Auto secreto.
- 6 — Falchi salva a situação!
- 7 — Bancos fechados!
- 8 — Na cara do tolo o aprendiz faz a barba.
- 9 — Casarão ou esplendido edificio!
- 10 — O propheta Jeremias e cidade Ninive.



TIROTEIO terrível durante a noite — bem perto de nós. Nas ruas Padre Manoel da Nobrega, no largo do Paraizo!

Provavelmente trata-se da parte dos revoltosos de tomarem a estação de bonds da Companhia Light and Power, da Villa Marianna. (E' supposição errada. Vêr P S.).

* Já nós nos acostumámos todos e dormimos ao som do canhão, como si nada fosse.

Parece natural!

E' porque o homem sabe se adaptar a todas as circumstancias, a todos os climas que se poudes espalhar pela terra inteira, viver nas zonas glaciaes, como os Esquimãos, sob o frio intenso, ou nas zonas torridas da Africa, como os Zulús.

Apenas alguns animaes domesticos têm semelhante poder de adaptação e ainda nelles como nos cachorros, por exemplo, formam-se logo raças espezias que no

derorrer dos seculos formarão por sua vez novas especies.

Na velhice essa adaptação é mais difficil: ou se traduz sob outra forma: lança o presente nos moldes do passado.

Durante o dia, quando as metralhadores da trincheira da rua Manoel Nobrega começam a pipocar, a minha sogra não falta com sua costumada cortezia, e diz: — “Faça o favor de entrar”

O engano é menos estranho do que aquelle que Antonio Gil, o primoroso poeta portuguez actual, commette na bellissima ballada da Neve — uma das mais bellas da lingua portugueza.

“Batem, batem levemente
Como quem chama por mim.
Será chuva, será gente...”

Ora são flocões de neve — como o poeta explica no fim da ballada” — e ainda sem ventania? Como é que podem produzir o effeito de quem bate, por levemente que fosse!

Em Portugal, a neve é rara. A. Gil nunca a presenciou, talvez!

E', pelo contrario, o silencio o mais profundo, que faz presentir a neve, por ella abafar os menores ruidos.

Erros destes escapam aos maiores poetas: haja em vista o inimitavel La Fontaine que na fabula “A Cigarra e a Formiga” commette tres ou quatro erros de historia

natural, porque no Norte da França são raras as cigarras.

Os jornaes de hoje são cheios de pormenores sobre o terrivel incendio da fabrica Crespi. Trabalhavam ali seis mil operarios! Trazem tambem uma mensagem aos cariocas e fluminenses, na qual vêm expostas as aspirações dos revolucionarios de S. Paulo.

“Trata-se de elevar os creditos moraes e materiaes do Brasil” Muito bem!! Resta a saber si o meio escolhido serve ou terá effeito contrario!

O paragrapho “8” reclama o “*voto secreto*”

Uma pequena anecdota a este respeito. Quando a Liga Nacionalista abriu o concurso de cartazes para propaganda, escapou-lhe uma singular errata.

Dava-se o primeiro premio ao autor do cartaz mais votado pelo voto secreto, *caso concordasse* com a opinião da commissão julgadora.

Fiz reparar que era de máo augurio para o systema do “voto secreto” “Será considerado nomeado e eleito pelo voto secreto o mais votado, *caso* o resultado da votação concordar com o julgamento da Commissão X.”

A minha opinião, que tive occasião de externar ao proprio Director da Liga Nacionalista, foi considerada como de bom senso.

Felizmente a Fabrica Falchi offerecera uma estatua como segundo premio. E’ para attribuição deste premio ao segundo vencedor, que o voto secreto teve toda a sua efficiencia!

Aqui, em casa não houve, hoje, peripecias que merecessem ser referidas. Apenas se nomeou caixa, sem voto secreto, o comprador na praça, ainda que não fosse o mais velho. E' que o erario vae se esvasiando. O dinheiro miudo vae se sumindo, o taludo não entra. Os bancos estão fechados — e não o estivessem, de lá só tira quem tem deposito!

E por falar em dinheiro grosso — Trinta mil contos viraram fumaça no incendio das fabricas Crespi, diz o "Piccolo" que acabo de lêr :

Sabe este jornal "que a Inglaterra deu passos energicos (?) para por cobro á destruição mathematica do futuro do Brasil" — Só se destroe o que se construiu. Mas o uso da phrase é commum como tantas asneiras. O mesmo jornal dá pormenores sobre a entrada do Cabo Caba nas (bis) ruas de Mogy Mirim.

A emigração, a fuga desordenada recrudescer e isto por causa de um boato que inspira serio receio a todos: é que os legalistas vão empregar aeroplanos e lançar bombas do céu!

Irra!

E isto com aviadores novatos!

A cidade de São Paulo servirá de logar de aprendizagem aos lançadores de bombas — Em logar de attingir a Estação da Luz, a bomba irá cahir sobre a Rotiserie, talvez, si não fôr sobre o monumento do Ypiranga!

Na cara do tolo o aprendiz faz a barba.

São Paulo será o "toleirão involuntario".

“Do ceu venha o remedio”, pois de lá é que vem o mal!

P. S. — Nos “Dias de Pavor”, do dr. Aureliano Leite, na pagina 148, lemos:

— “Dó assalto ao Guanabara fora encarregada a policia dos Estados do Rio e Espirito do Santo, dirigidas pelo major Luiz Vianna e o coronel Martins, auxiliadas pela 9.^a companhia de metralhadoras, debaixo do cap. Thomé Rodrigues.

A terrivel batalha desenvolveu-se a 23 dia alto. O commandante Moura, bravo militar, quiz poupar os pontos cubiçados da acção devastadora de artilharia: con-doia-lhe a alma atirar por terra todo o lindo casario que, com ufania, ostenta aquelle bairro”

Para o Gymnasio Anglo-Brasileiro — que nos mapas mais recentes vem assignalado como “Collegio Macedo Soares” — quasi se realisavam as prophcias dirigidas pelo propheta Jeremias contra Ninive “de ti não ficará pedra sobre pedra”!

Do livro “Sob a Metralha” extrahi esta pagina poetica, a respeito do dia de hoje, pela etymologia “do dia deste dia”, hoc die:

“A luz esmaecida e phantasmagorica do luar pairava Jupiter, entre o formidavel grupo do escorpião, e invejava Marte, elevando-se no horizonte, na constellação do Serpentario, como um balão cativo illuminado. Ardia a massa enorme da importantissima fabrica, antes convertida em viveiro de metralhadoras dos revoltosos, dahi

desencurrados pelo contagio terrivel do canhão e a erupção do incendio. Erguia-se para os ares, como que um bracejante e enovelada floresta de fogo e fumo. Atravez das aberturas das janellas, viam-se as labaredas num tropel desordenado e destruidor, numa sarabamba flammivora e tragica....

E a catastrophe espantosa durou tres dias”.

Em compensação para minha literatura “marca barbante” cito ainda a respeito do dia de hoje o que publicou o “Estado” do dia 25. Assim é que desejaria saber escrever:

“Mas, de toda a historia tragica dessas vinte noites de revolução, resalta o pandemonio de ante-hontem. Não ha phrase sufficientemente photographica para, neste palmo de prosa, esclarecer como uma deflagração de magnésio, o que foi aquella noite, com seus pormenores arripiantes.

O interior, que conhece o estouro dos morteiros em que finalisam as festas tradicionaes, poderá ter uma vaga idéa do que aquillo foi — imaginando o estrondar de mil morteiros, ininterruptamente, de sol a sol. E, para completar a visão, deve figurar o espectro immenso da Morte, debruçado sobre a terra, ceifando a cidade com o alfange fino e curvo do crescente.

A morte vinha do ceu. Estava em toda a parte. A’s vezes, de um só golpe, estraçalhava uma familia inteira.

E ha muitos annos S. Paulo não tinha uma noite tão clara, tão enluarada, tão espiritual como a de ante-hontem.”

Vigesimo dia da Revolta

QUINTA-FEIRA, Dia 24 de Julho de 1924

- 1 — O que é um boi para quem tem cento e tantas boiadas?
- 2 — *Fructos perigosos!*
- 3 — Nova taboa de salvação: dará para nos fazer boiar?
- 4 — Quem era preto: Adão ou Eva?
- 5 — Efeito de um sibilo numa ca-poeira e sobre o seu dono.
- 6 — Quando a esmola é muita, o po-bre desconfia.
- 7 — “*Argumentum baculinum*”! Ar-gumento do cacete.



Retirantes sem abrigo

Grav. de Belmonte.



DURANTE a noite de vinte e tres a vinte e quatro, tiroteio horrivel bem perto de casa. Si tivéssemos sido testemunhas auriculares de “tanto chiasso”, de tanta barulheira, logo nos principios da revolta, certamente nós nos teriamos retirado de cá para algures.

Poderia nos ter acontecido, como a tantos retirantes, ficarmos pela beira da estrada sem abrigo, pois que ir em casa de amigos é o que a minha mulher não quer, para não incommodar a ninguem.

Si já de dia, os projectis “anonymos” dos canhões muitas vezes erram o alvo, a fortiori, de noite.—A respeito destes tiroteios nocturnos li no livro “A Brigada Potyguara”, pelo tenente Amilcar Salgado dos Santos, o que segue.

“A fuzilaria esta noite, foi terrivel, quasi ensurdecidora. Lembrei-me, então, o que constantemente me dizia um official, que sempre esteve á rectaguarda, isto é, que os tiroteios que se davam á noite eram sómente para se gastar, sem resultado, munições, o que era um erro grave”

Mas nos ultimos dias mórmente, os revoltosos pareciam ter um grande prazer em desperdiçar munições: tinham-nas de sobra, ora, “o que é um boi para quem tem cento e tantas “boiadas”

Nova esperança. — Uma nesga de ceu azul atravez das nuvens pretas, uma taboa de salvação avistada ao longe pelo naufrago, um golpe de picareta que o sepultado vivo ouve no fundo da mina, a promessa de commutação de pena que o advogado annuncia a um condemnado a morte, um indicio fraco de melhora que um medico descobre no estado desesperado do moribundo, eis o que se afigura a muitos, a partida para o Rio de Janeiro do dignissimo prefeito da cidade, Dr. Firmiano Pinto.

Elle vae tratar directamente com o dr. Bernardes a respeito do melhor meio de acautelar os interesses da capital do Estado de São Paulo e de seus habitantes.

A' commissão de individualidades importantes que foi ter com o dignissimo presidente do Estado de São Paulo, dr. Carlos de Campos, respondeu este, depois de ter chamado junto de si o general Socrates, que elle e o general lamentava o soffrimento do povo paulista, mas que nenhum dos dois tinha competencia para resolver a questão.

Voltará o Dr. Pinto com o ramo de oliveira, qual a ultima pomba que Noé mandou fora da arca?

Ha discussões ardentes aqui em casa.

Ha quem diga que sim, outros que não, outros hesitam. A questão é como a que pretende decidir qual dos

dois Adão ou Eva foi preto, posta afim de explicar a differença de côr nas raças humanas.

Uns pretendem que Adão era preto, Eva branca; outros sustentam que Adão era branco; Eva, preta; — ainda outros que Adão era preto do lado direito, branco do lado esquerdo, etc. etc...

Ainda nestas duas questões adopto a “epoche” suspensão do juizo dos Pyronianos antigos e modernos — (Ver P S.)

Emquanto estou trabalhando no quintal, passa por cima de mim um obuz ou bala de canhão.

Cumprimento este mensageiro de morte destinado a outros — mas não sem lhe ter feito uma reverencia profunda, — em termos menos hypocritas, não sem ter-me agachado á terra para não ser attingido!

Logo, em seguida, assovia, aos meus ouvidos uma bala de espingarda.

As gallinhas cacarejam, o cachorro late, a cabra dá um pulo e arrebenta a corda, os patos ensaiam um vôo de bacuráo, as pombas desaparecem por encanto do telhado, o Perú fica impassivel — é bicho bruto. — O patrão de toda esta bicharada se recolhe prudentemente em casa, para tranquillisar os outros membros da familia e tambem para se abrigar.

O primeiro motivo é, o mais consciente, o segundo de facto, o mais poderoso, se esconde nos refolhos do semi-consciente, está de accôrdo com a theoria de Freud. (O dactylographo escreveu “repolhos”. Que houvesse

“repolhos” no inconsciente de Sancho Pança, vá lá, mas de todos nós, não!)

Ha sempre a maior das incertezas a respeito do exito da lucta. Ha comtudo uma circumstancia que me faz duvidar do triumpho da revolta.

Rodeado de forças amotinadas, lendo jornaes sub-mettidos á censura das forças que occupam São Paulo, só recebemos noticias favoraveis á revolta.

Por sceptico que se queira ser, a repetição continua de uma mentira chega afinal á produzir certa convicção.

Mas, hoje os jornaes trazem um manifesto do che-fão, que prova a evidente fraqueza da revolução.

Promettem-se fundos e mundos aos que se alistarão, paga-se arame grosso aos servidores da causa! dar-se-á um lote de terreno...

Isto tudo prova que ha falta de gente, é uma isca para os bobos. Ora bem diz o proverbio: o pobre des-confia quando a esmola é grandê.

Quem se sente forte não fala assim!

Durante o dia de hoje, socegõ relativo, de vez em vez trôa a voz do canhão. — Os allemães chamam-no “ultima ratio regis” — o ultimo argumento do rei — peor do que o “argumentum baculinum” “argumento do cacete”, dos philosophos. Ou acceitas que assim é, ou dar-te-ei umas bordoadas!

Um dos effeitos tristes, aliás dos menores desta per-turbação, é que não só interrompeu os estudos de nossos filhos, mas os torna alheios á toda preocupação mental.

A's ferias regulares de Junho se accrescentam as extraordinarias de Julho!

Vigesimo-primeiro dia da Revolta

SEXTA-FEIRA, Dia 25 de Julho de 1924

- 1 — Extincção dos Vermelhos da America pelos brancos aryas.
- 2 — Matilha de cães.
- 3 — Só por um numero deixei de ganhar no milhar.
- 4 — Vêr Psychologia do autor.
- 5 — Os restantes dos ratos não se atrevem a deixar o buraco.
- 6 — “Sempre é melhor atacar do que se defender”.
- 7 — Cabo de esquadra de nove annos.
- 8 — Religião de paz.
- 9 — Therezinha de Jesus feita protectora de soldados.





DURANTE a noite o tiroteio habitual.

Sabe-se que o moleiro acostumado ao ruído do girar das azas do moinho, desperta quando o barulho cessa. Parece-nos que não poderíamos mais dormir si não troasse o som poderoso dos instrumentos mortíferos que permittiram á raça branca extirpar a raça vermelha quasi inteiramente!

Feito glorioso que celebramos todos os annos quando com repique de sinos festejamos o descobrimento da America, a 12 de Outubro!

Para falar em estylo menos sibylino, foi graças ás armas de fogo que os hespanhóes puderam vencer os Azteques e Incas e infelizmente exterminar estas raças. Pensava que esta opinião fosse apenas minha individual, achei-a expressa tambem em Anatole France.

Já comparei o barulho das detonações com a voz pavorosa de um orgão diabolico enorme, sendo que a musica que toca é wagneriana, ou antes ultra-futurista: ha mais-desaccordes do que accordes.

Poderia-se comparar ainda ao latido de uma enorme matilha de cães, mas de uma matilha nada aristo-

cratica. Devemos suppol-a composta dos representantes de todas as especies de cães que existem, desde o dinamarquez até o lulu n.º 0, setter, pointer, fox, pincher, fox-terrier, bull-dogue, rafeiro, veadeiro, paqueiro, etc., lançam a porfia seus latidos ensurdecedores pelos ares.

Deixo ao leitor de continuar a comparação, como exercicio de redacção literaria... Prometti relatar "aventuras" e não escrever um ensaio literario, para o qual, aliás, não me sinto com forças.

Vamos, pois, narrando, ao correr da penna, sem pretenções, que é melhor.

A's tres horas da madrugada, tiros de espingarda foram disparados bem em frente de casa e as balas se alojaram na garage fronteira.

Mais um pouco estraga — as nossas vidraças, alguns metros só de distancia! Este "mais um pouco" — lembra as phrases idiotas que todos os dias repetem os que jogam no *bicho*: "por um numero deixei de ganhar na centena! no milhar!"

E' um jogo com que embirro, não pelos tostões que o povinho vae gastando, mas porque embrutece fazendo confundir "causalidade com casualidade", como o explico na *Psychologia*, pag. X, onde mando o leitor desejoso de se pôr ao par desta grave questão social.

Novo desvio da narração. Reatemos o fio.

Esta manhã reina socego relativo.

Este termo *relativo* terá que desaparecer da circulação, caso triumphe definitivamente a theoria de Einstein. Si tudo é *relativo*, será um pleonasma o tal adje-

ctivo. E' como se dissesse *existente*. “Pedro *existente* é o meu amigo”.

A' tarde a coisa fia mais fino! não me aventuro no quintal sem capacete improvisado — uma panella de cozinha — sem escudo, uns livros que sócco nos bolsos, ou amarro ao redor do corpo.

As balas passam por cima de nós, felizmente a uma distancia respeitavel.

As quinze horas e um quarto, pelo moderno, um visinho, que se atreveu até a esquina da avenida, traz jornal allemão; já é excursão perigosa. — Somos todos feitos os ratos da fabula.

“E o restante dos ratos não se atrevendo a abandonar o buraco”.

Ninguem mais sae de casa. O “*Deutsche Zeitung*” é tão ôco ou mais ainda do que os jornaes brasileiros, Aconselha a prudencia, aos concidadãos, pois si em termos claros lhes desaconselhasse o arrolamento nas fileiras dos partidarios da revolta, seria logo supprimido!

O unico jornal que se atreve a dar algumas informaçõs, reportagens, entrevistas — forjadas ou não na sala da redacção (fui do officio durante um anno) — é o “*Piccolo*” — “*O Pequeno*”.

Elle quer aproveitar-se da occasião para captar a *sympathia* dos patricios, para *crescer e dar* quinau no “*Fanfulla*”.

Teu peor inimigo é o official do teu officio.

Mesmo assim o “*Piccolo*” foi sempre prudente. Exxedeu talvez um pouco numa só phrase, algo forte quando acolheu o boato do assassinato do uveiro Marengo —

forjo o termo nesta narração familiar para abreviar (não vá o linotypista trocar o *u* inicial por um *o*). O jornal allemão refere que hontem, dia 24, as forças legalistas fizeram grandes esforços para penetrar na cidade, esforços baldados e cujo resultado foram innumerous mortos. O cento por cento de civis, do nosso amigo X. no 4.º ou 5.º dia da revolta, vae ficando mentiroso e virando ás avessas.

Para quem lêr entre as linhas, o que não vae escripto, mas confessado, ha muito, da parte dos revoltosos, a confissão de estarem na defensiva não na offensiva, é mau signal.

Soldado que ataca se sente mais animado do que aquelle que apenas se defende.

Após a leitura do jornal, que leio duas vezes tão grande é o desejo de aprender, ou adivinhar alguma novidade, dou aula aos filhos, pois assim fôra resolvido, hontem: mas professor e alumnos não estão bem attentos aos que têm e estudam, o espirito está alhures.

A hora fica reduzida a 13 minutos de 60 segundos.

(Ha aqui um jogo de palavras menos claro em portuguez do que em allemão. "Stunde" vale tanto para *aula* como para *hora*. Mas nos jornaes tambem lêmos, nos annuncios dos estabelecimentos: a hora será de sessenta minutos o que suppõe que haja outras).

A aula acaba ás dezeseis e meia.

Um pouco antes das dezeseite, quando estava regando os repolhos (é a cachaça destes dias), vejo de repente uma patrulha de soldados, armas embaladas invadir o quintal. Já disse sem gabolice, que desde uns vinte an-

nos perdi a faculdade de sentir o medo; podem me matar, fazer medo é que não. Os nervos cuja actividade correspondem a este sentimento atrofiaram-se.

O primeiro movimento foi de reclamar contra esta violação da propriedade sem a ordem de um meretissimo juiz — uma visinha nossa intercala na palavra uma letra que deturpa o termo.

Quem guia os soldados é um moleque, este pelo menos irá para o olho da rua!

Eis quando nelle reconheço o meu xará perfeito, o menor dos meus filhos, feito cabo de esquadra!

O leitor brasileiro dirá com certeza: filho de allemão, é natural, gosta de soldado. A quem me pergunta pela nacionalidade (si não for autoridade legitimamente constituida em actividade de serviço) costumo responder que sou filho de preta de Angola com chinez de Cantão. Mas de facto, de allemão propriamente dito tenho pouco quanto á raça. Meu pae era hollandez legitimo e minha mãe de origem hollandeza, como o nome o indica. Ora, os hollandezes são ratos do mar, militaristas é que não.

Seja lá como fôr, Henriquinho, que desde de pequeno dizia a quem quizesse que era “Henrique Geénen filho da”... , para o distinguir do pae, conduzia a tropa variegada quanto á côr.

Atrevi-me a perguntar de que se tratava. Soube que o sr. Corneta, medrosissimo, não obstante seu nome militar, avisára a patrulha que havia provavelmente algum legalista escondido nas obras em andamento, visto que os tiros se amiudavam. Expliquei ao chefe da patrulha que devia ser patranha do Napolitano, visto que do lado

da rua Manoel da Nobrega havia trincheira occupada pelos seus companheiros de armas.

E' o termo que bem de industria empreguei, não querendo bulha, com ninguém.

Dezenove e vinte. um; 19,21, assim está no manuscrito de 1924 que recopio.

Não adivinho o motivo deste "um". Não é questão de hora de partida de trem. Mas o titulo das "Aventuras" reza: Diario redigido ao decorrer dos acontecimentos, devo ao leitor o texto original, posto que d'aqui, d'acólá alongado, mudado, é que não. Vamos ao texto.

Escuto o tiroteio. — A metralhadora pipoca, mas, mais longe.



Um hospede do porão me traz o "Piccolo". Annuncia o incendio do moinho "Gamba", eis a explicação do espectáculo terrivel que, de longe, vimos hon-

tem. Nuvens de fumaça negra, levantando-se no céu e formando nas imaginações escaldadas e perturbadas figuras apocalipticas e ameaçadoras.

O mesmo jornal traz ainda a noticia da organização de um novo corpo de "Bombeiros". Nunca comprehendi bem porque estes heroes, cujo destino é apagar incendios, foram empregados para accendel-os. — Necessidade do momento! Questão de administração. — Mystérios para nós, pobres leigos!

Outra noticia, falsa ou verdadeira — mas consolante — si fôr verdadeira, — os revoltosos teriam retomado a igreja do Cambucy.

Um tenente revoltoso, ex-alumno meu, contou-me que ali acharam cadaveres de soldados legalistas, debaixo das toalhas dos altares. Como já estavam em decomposição jogaram-nos pelas janellas para evitar a infecção e o máu cheiro. Narrou-me tambem que ali foi fuzilado São Bento, — em effigie.

Como ainda estranhar o mallogro da Revolta após tal sacrilegio!! dirão os beatos!

A nós, nos convem a retomada da igreja do Cambucy.

Estariamos livres das granadas que de lá lançavam os governistas contra as baterias adversas assestadas no morro do inglezes. São estes projectis que passavam por cima do quintal.

Para obedecer á minha recommendação, diziam elles, de facto, por brinquito, os filhos Wal. e H., se jogam á terra sujando a roupa, que felizmente não era domin-gueira.

Amanhã já é o começo da terceira semana da revolução. Quanto tempo ainda durará. Não se cançam os nossos pró-homens de se matarem elles que todos: legalistas e revoltosos, professam a religião de Christo, a pseudo religião da paz!

O chefe dos revoltosos publicou com alarde, uma carta estúpida escripta por uma maluca (excuse leitor os termos, estão no manuscrito) em que se invoca a protecção de Therezinha de Jesus, em favor da causa

da revolta!! Coitada da Santa Therezinha, boa mocinha morta aos dezoito ou vinte annos, sem nunca ter ouvido um tiro de espingarda, feita protectora de militares. Ainda se fosse Santa Joanna d'Arc!

(Reflexão mais triste do diario: O dinheiro vae se acabando!! Ponto final desse dia).



Vigesimo-segundo dia da Revolta

SABBADO, Dia 26 de Julho de 1924

- 1 — O livro “Nosso bébé” por Belmonte.
- 2 — Não é caso de bilocação.
- 3 — Na guerra toda a arma serve.
- 4 — Maré vasante sem enchente em vista.
- 5 — Cada homem vale o seu peso de aço, será mesmo?
- 6 — Sahida á franceza.
- 7 — Annuncio de desgraça.



Fugitivos nos abrigos



HA hoje tres semanas desde que a revolta co-
meçou.

No decorrer do primeiro anno, do primeiro bebé, toda a data é importante. Hoje faz oito, faz quinze dias que nasceu!!

Estes dias li o diario escripto por minha mulher durante o primeiro anno de W., nada ha mais commovente: tudo se nota, tudo é importante!

O talentoso amigo que se offereceu para dar valor ás ninharias que ha neste livro com a sua penna de mestre bem o sabe, como o testemunha o seu livro "Nosso Bébé"

Ora, numa temporada tão agitada como a em que vivemos, tão pouco escaparam as datas commemorativas.

Ha quasi tres semanas que não vejo São Paulo! isto é, a cidade, o triangulo. E' estranho como, quando se acostuma á vista quotidiana de uma paisagem, de certas ruas, do mar — sente-se a falta á menor interrupção da repetição do mesmo espectáculo. E' este phenomeno

que explica a nostalgia, para a qual as outras linguas têm denominação mais populares: Mal du pays, Heimweh!

Afóra da redacção “á batons rompus” dessas mal redigidas linhas, e de algumas curtas leituras distraidas, só me occupo do quintal. A morte de homens foi a causa de vida dos repolhos — nunca foram tão regados...

Inutil assignalar bombardeio costumeiro durante a noite.

Cantava-se, em Pernambuco, em 1892, a modinha:

“Bim bam bombardeio
Lá no Rio de Janeiro. ”

Como si se tratasse de uma pagodeira.

Quem está no perigo tal não pensa.

Nós o que desejamos, é vêr os revoltosos desaparecerem de cá o mais cedo possivel, por pittorescos que sejam em suas fardas variadas, tão bem reproduzidas por Belmonte, e estamos livres do bombardeio, cá em São Paulo!

Desde que os revolucionarios tomaram conta dos piolhos, isto é, do “morro dos piolhos” no Cambucy não passam mais granadas por cima do quintal, apenas algumas balas de espingarda que espantam o sr. Corneta e a nós. — (Vêr rectificação no P. S. de hoje).

O leitor attento, si as “Aventuras” merecem que se lhes dê alguma attenção, estranhará a presença do Corneta que já ha mais de uma semana mandei para Osasco.

Não ha caso de bilocação, não sou ocultista (nem oculista, como o dactylographo escreveu). A familia delle

está em Osasco, mas mestre de obras e responsável pelo palacete em construção, elle vem quasi todos os dias por caminhos seguros até cá!

Conta-nos que chegaram dois mil soldados de Matto-Grosso que vem auxiliar os revoltosos — vão entrar na cidade por estes dias, por enquanto estão acampados um pouco além de Osasco — artilharia e munições.

Já ha dias quiz nos impingir a mesma lorota. (Desculpe o leitor o estylo algo popular!).

Mais esta estopada! Si fôr a verdade, temos o prolongamento da lucta. Ora, como o disse na ultima linha de hontem, o caixa se está queixando de terrivel vasante!

Não haverá no começo do mez a costumeira enchente, ou meia enchente, pois, não dei aula alguma! Como faremos?

Felizmente que os rebates dados até agora pelo digno corneta não tiveram echo. Os boatos que leva e traz não foram confirmados, eram quasi todos petas como verificamos depois. Taes: A retomada do convento da Immaculada Conceição, a morte de um açougueiro na rua Cubatão, etc. (No ultimo caso, elle acertou).

O reforço matto-grossense será talvez da mesma natureza, fructo de imaginação ou boato habilmente semeado pelos revoltosos, para inspirar confiança em sua causa. Na guerra todos as armas são boas. As mentiras e calumnias inglezas espalhadas pelo mundo inteiro durante a Conflagração Européa prejudicaram a Allemanha mais do que os canhões francezes.

Outra invencionice que nos traz o Sr. Corneta: em Villa Marianna ha sangue pelas ruas, tão grande é o numero de mortos e os feridos!

Aqui, posta á parte a exaggeração dos boateiros póde haver algum fundo de verdade, pois ouvimos deste lado tiroteio continuo.

Felizmente que durante a guerra européa, se calculou, que para um soldado morto, é preciso o seu peso em balas.

Mas esta é uma media em se calculam as batalhas nocturnas e a grandes distancias, não os ataques como os que ali parece que se estejam dando, corpo a corpo, ou pelo menos a pequena distancia. A media deve ser bem differente.

Tratem-me embora de egoista confesso que não é o que me preoccupa actualmente.

“Il y a d'autres chats á fouetter”!

Ha outros gatos que fustigar, diz o proverbio francez.

Preoccupo-me mais com a familia!

P. S. No livro já varias vezes citado, “Dias de Pavor” do dr. Aureliano Leite, lemos:

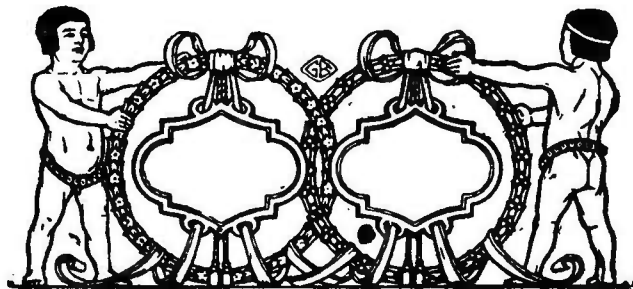
— “Os amotinados estavam preparando a fuga desde 26, precipitando-a com a noticia da approximação do general Azevedo Costa. Contractando vagões de todas as especies nas estações da “S. Paulo Railway” desde da Luz á Lapa, arrebatando aos legitimos donos centenas de automoveis que encontravam em transito, quando não arrombavam as garages para os subtrahir, tornaram-se assim aptos a apprehender a deserção em condições es-

pectaculosas. Entretanto, pela astúcia de que eram mestres, disfarçaram incrivelmente a fuga preparada” —

Na “Brigada Potyguara” ha umas vinte paginas a respeito dos acontecimentos de hontem. Mas só se referem a acções militares que se passam no alto da Mooca: ha apenas como interessante o telegramma seguinte:

— “Partiram hydro-aviões da Marinha com boletins a São Paulo”. —

Os jornaes de hoje noticiam que os edificios publicos transformados em abrigos regorgitam de fugitivos. Quasi todos são necessitados, mas na massa ha alguns “profiteurs”, finorios que se aproveitam das circumstancias.



Vigesimo-terceiro dia da Revolta

DOMINGO, Dia 27 de Julho de 1924

- 1 — Papeis piores do que bombas.**
- 2 — Ficaremos! Haja o que houver.**
- 3 — De 2 passou a 22. Não o dobro,
20 a mais.**
- 4 — Morieram il Manoelito.. pela
centesima vigesima terceira vez.**
- 5 — Casa de ferreiro espeto de páo.**
- 6 — Apertemos cordões e cintas.**
- 7 — O Compadre esperou.**
- 8 — O aviador não se curva?!**



Cadaveres insepultos

Grav. de Belmonte.



DE noite meio socego aqui. Só ás vinte e quarenta alguns tiros de canhão. Estranhámos esta calma, não sabendo a que causa devemos attribuil-a.

A's 14 horas appareceram dois areoplanos que despertam a curiosidade de todos.

Não lançam bombas explosivas, mas papeis cujo conteúdo se me afigura peor do que todas as bombas do mundo.

E' o manifesto do general Setembrino, avisando que máo grado seu, será obrigado de bombardear a capital do Estado de São Paulo. Pede á população que se retire.

Este boletim teve por effeito uma recrudencia na emigração da população. ,

“Nós ficaremos”, antes morrer sob as ruinas da nossa casinha do que ir mundo afora pedir agasalho. Temos em casa a Vovó, uma velhinha de oitenta e sete annos, irmã de um veterano, capitão do Paraguay, ex-commandante da Fortaleza do Brun em Pernambuco e sobrinha do glorioso almirante Barroso: virou “immoveel” pela ida-de sem ser de modo algum, atejada.

O meu projecto de trincheira já está traçado.

As familias hespanholas que occupam o porão, mais amedrontadas, nos avisam que amanha vão desoccupar o abrigo que lhes dêmos. O noivo de uma das moças veiu hoje de Jundiahy e já combinou os meios de transportes.

Foram de grande delicadeza durante todo o tempo que aqui residiram e dona Conchita nos contou uma historia interessante: “morieram il Manuelito, ocho hijos... pela centesima vigesima terceira vez...”

Nós nos installeremos num canto do porão, por cima haverá enorme camada de livros e trouxa de roupas, o banheiro está cheio de agua...

Esperaremos!

Um visinho funileiro toma a mesma resolução: a sua trincheira será de folhas de Flandres, amontoadas e de chapas de ferro, como aquelles que ha nos armazens.

E' um desmentido ao proverbio “casa de ferreiro espeto de páo”. Aqui livros, lá ferro.

Veremos o que resistirá mais: o molle ou o duro? Eu não receio de modo algum.

Peior batalha do que a do vinte quatro ao vinte e cinco não poderá haver. Só a que virá lá de cima!

Que venham, pois, os instrumentos da morte da terra, do céu, do mar — seja lá de onde fôr, esperaremos com alma forte. Todos os membros da familia consultados, do mais velho de oitenta e sete ao menos, de 9, estão accordes nesta resolução heroica! Cá estou, cá fico! haja o que houver!

O nosso hospede, o barão Sch., insiste, em vão, para nos demover da nossa resolução e nos aconselha de ir nos retirar em Pirituba na chacara do compadre tão confiado no começo, de que falei no Diario do dia seis.

Os dois dias de que elle falava já alongaram-se para vinte e dois e os canhoeiros entre amotinados e governistas podem se comparar com o que quizer, brinquedos de São João é que não são (Vêr P. S.).

A' fuzilaria cerrada de frente á casa pela qual os revoltosos querem derribar os areoplanos, fechamos janelas e venezianas.

Puz a ponta do nariz só para fóra afim de vêr do que se tratava.

Os tiros se dirigiam para o ar. Dois majestosos areoplanos pairam lá no alto e deixam cair os papeis inoffensivos.

Quando os aviões desapareciam de nossa zona, o socêgo o mais absoluto succedia á fuzilaria cerrada. As creanças attrahidas pela belleza incomparavel do tempo immediatamente se aventuravam fóra.

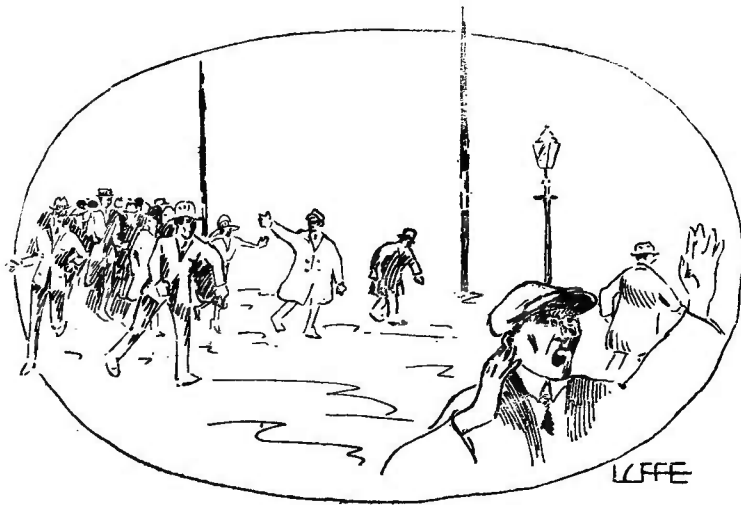
Foi mister empregar toda a energia e autoridade de pae para obter que ficassem definitivamente dentro de casa, para nos evitar sustos desnecessarios.

O vôo dos aviões durou das quatorze ás dezesete horas.

Das dezesete em diante socêgo e calma.

Mas a preocupação do dia de amanha.

O dinheiro em casa chega mal para um mez si apertarmos os cordões da bolsa e as cintas, supprimindo todos os extraordinarios.



LOFFE



OITO e meia.

A's oito e vinte chega aqui o nosso hospede, o barão austriaco de quem falei longamente a dias. De longe elle nos grita: PAZ!!! PAZ!!! E' incrivel! Elle não sabe quem ganhou, não sabe quem se retirou, os revoltosos ou os governistas.

A nossa alegria egoista é tão grande que, por emquanto isto pouco nos preocupa. O que queremos saber é, si o horrivel pesadelo acabou, si a nuvem preta se rasgou deixando vêr o céu claro e limpo, si a espada de Damocles que não feriu ninguem de nós, foi afastada de decima das nossas cabeças.

A familia está completa.

A vovósinha, os quatro filhos, a minha mulher e o vosso criado, atravessamos os dias da revolta como os dias da grippe, ficamos mais pobres, mas todos com saúde quando em innumeradas familias reina a tristeza e o luto.

As duas familias hespanholas que se agasalharam no porão aqui, foram-se.

Afinal a sós!

O sr. Sch. acha que quem ganhou foram os amotinados, pela rua ouviu dizer que são os legalistas.

Mas, esta hypothese fal-o rir!

Mal acabara de expôr a sua opinião eis que offegante se precipita, portão para dentro o filho do deputado federal a que alludi alhures.

E' agora nosso visinho. Morava na avenida Brigadeiro Luiz Antonio. Mas, como as balas varejavam a casa veio morar aquem da avenida Paulista.

Todo offegante vem gritando: TRIUMPHO! os revoltosos fugiram vergonhosamente, escaparam depois de limpar os bancos, roubar o mais possivel. Foram-se todos para o interior!!

Agrada-me sobre modo esta noticia.

A legalidade é a normalidade, o socego, a estabilidade.

O triumpho militar, fossem os intuitos quaes fossem, se me afigurou sempre como perigoso pelas consequencias mais ou menos immediatas, teria sido o inicio da era dos pronunciamentos.

Nove e meia.

A nosso espanto as familias hespanholas voltaram. Na rua Tabatinguera ainda ha canhões! Refiro-lhes a conversa que acabo de ter. Não querem me acreditar, supplicam-me de não acreditar!!

Não é, não pode ser: Mas “da realidade se conhece a possibilidade”, “ab esse ad posse valet consequutio” — diz a philosophia.

Felizmente chega o filho de uma das senhoras, nossa hospede: vem do Trianon e conta nova versão que conta a todos. Os revoltosos de facto se retiraram de São

Paulo, mas para marchar contra o Rio de Janeiro: sua cara “meta” desde o inicio do movimento.

Bein, o importante é que de cá se foram!

Os boatos fervilham mais do que nunca: Isidoro suicidou-se!

Até ao meio dia o dr. Bernardes deve se demittir sinão os revoltosos voltam á occupar a cidade, etc.

Ora, bolas só faltava isso! Esta é de se pregar á parede!

Os governistas não acceitaram convenção alguma. Os revoltosos se entregaram á discricião; etc.

Vêmos soldados revoltosos que se retiravam vagarosamente do lado de Sto. Amaro sem serem perseguidos.

A's nove e meia de uma casa do começo da avenida Brigadeiro Luiz Antonio aquem da avenida Paulista deram um tiro contra um delles que felizmente não o attingio; quasi foram feridos um filho e uma filha minha que passavam ali. E' systema dos francos attiradores que felizmente não vingou durante os dias da revolta. Quem quer usar espingarda que vista a farda. Lutas “ás claras”

Tres horas;

A's duas e meia leio o “Fanfulla” — “Numero especial”

Precipitadamente leio que houve “accordo” e amnistia completa para todos”

E' o contrario que havia no jornal.

Soube por um alumno do Anglo Brasileiro que o edificio, o tal casarão em odio aos occupantes, fora attingido pelas granadas e quasi arrazado.

P. S. O dr. Aureliano Leite descreve, como segue, a manhã do faustoso dia 28:

“E o ar puro da manhan, luminoso como nunca, encheu-se dos sons metallicos dos sinos alviçareiros, misturados com hurras dos soldados, que varios choravam commovidos... A população impressionada com o barulho estranho do bimbolhar dos sinos, pelos vãos semi-abertos foi apparecendo aos poucos, com cautela (e caldo de gallinha) não — no texto ha — e temor.

Isto de “caldo” que me escapa na transcripção é o resultado da “Associação das Idéas”. Vêr Psychologia H. G. Pag. X.

Mais poeticamente ainda escrevem Cyro Costa e Eurico de Góes:

“ — Repiques sonoros e apitos agudos de sereias de fabricas alvoçoraram as horas da madrugada de 28. Pairava sobre a cidade somnolenta extremunhada, uma bruma qualquer coisa de extranho... Haviam cessado, como por encanto, as cavas detonações do canhoneiro... (o r ali é do dactylographo, no texto não ha tal). De uma das saccadas das secretarias do largo do Palacio, bem como sobre a grade do portão do jardim, fluctuavam bandeiras brancas!...

Era a victoria das tropas legalistas.”

Primeiros dias depois da Revolta

Ultimos dias do mez de Julho de 1924

- 1 — De luto! Porque.
- 2 — Pulpito da cathedral de Strasburgo.
- 3 — Marcha forçada e cançativa. —
- 4 — Caras de bexiguentos.
- 5 — Após a paz — as pás!
- 6 — Novo avatar — (transformação) — dos cinemas.
- 7 — Revolta ou Revolução! Como quizer!
- 8 — Outras locubrções cerebraes: algumas mais serias, do mesmo autor.





DIA 29. Dia chuvoso. Após os dias cheios de sol, que tivemos durante a Revolta, eis que subitamente o ceu se cobre de nuvens!

Deixo de referir as interpretações que deram a este facto, os partidarios do malfadado movimento subversivo.

Queremos ir vêr hoje os escombros da Rua Cubatão e o Collegio Anglo Brasileiro!

Repetiu-se a história de "*Lovania*" e da Cathedral de "*Reims*", ambas arrazadas, postas do nivel do chão! Ambas de pé com alguns estragos.

Há uma casa attingida por mais de vinte granadas, está feita um crivo de pedra, como o pulpito da cathedral de Straburgo, menos a arte.

Vou até o Gymnasio Anglo Brasileiro. Pelas ruas pendem fios da Light and Power, dando-lhes um aspecto estranho. Os bellos cedros que ha á entrada do Anglo têm muitos galhos quebrados, a fachada do Collegio apresenta um aspecto desolador.

Dia 30.

Fui até ao Instituto Sciencias e Letras e junto com

o proprietário visitámos o Braz. Na rua Florencio de Abreu todas as casas foram alvo de fuzilaria durante varios dias.



As fachadas se parecem com immensas caras de bexigentos: tudo cheias de furi-nhos.

Um senhor, conhecido do dr. E., nos arrasta até a Fabrica Crespi, ou antes até aquillo que foi a Fabrica Crespi. Nunca vi

nada mais impressionante.

Voltamos a pé pelas ruas intermináveis do Braz.

Após, a paz; as pás.

Afinal ha “pás” em actividade em São Paulo para desenterrar os defuntos mal enterrados. As autoridades quizeram valer-se para este serviço funebre dos Escoteiros.

O Sr. H. Q. presidente duma das secções e que trabalhou durante toda a revolução, nos abrigos com estes moços dedicados protestou com razão.

Não convem expôr meninos de doze a quinze annos ás exhalações mephiticas de cadaveres em meia putrefacção.

Seu protesto foi attendido.

Queria fazer alguma descripção do que vi, mas o cansaço, o somno me vencem, pois, andamos a pé das 14 ás 19 e meia!!

Visitei o Anglo-Brasileiro. Os dormitorios têm todo o assoalho arrebetado. Desapareceram roupas, malas. Quaes os culpados os occupantes ou os saqueadores que entraram logo depois da retirada das tropas?

Dia 31.

De noite fui dar aula na “Escola Carlos de Carvalho”. Poucos alumnos. Cidade ás escuras. Vejo no Cinema Pathé as mercadorias roubadas que a policia arrecadou.

Neste capitulo ou o que valha ha mais titulos do que texto: é como nos exercitos onde ha mais officiaes do que soldados.

EPILOGOZINHO

Não foi intencionalmente que empreguei o termo *revoltoso* em vez de *revolucionario*. Entre *revolta* e *revolução* só ha a differença causada pelo mallogro ou o bom exito.

Ao transformar o “Diario” nas “Aventuras”, nem sempre puz entre parenthesis enxertos posteriores, donde anachronismos, e segui orthographia um tanto vacillante!

Destes e doutros senões alijarei o aleijado que agora em má hora pelo mundo mando, si o bafejo do publico me proporcionar o ensejo, que é o que desejo.

A vida, que o illustre candidato á Immortalidade que apadrinhou as “Aventuras” lhes promette, será devida,

si a tiver, ás illustrações de Belmonte que “ao vivo vivamente soube tomar” scenas que não hão de reviver, nós vivos.

E’ o voto que faço para os leitores, mesmo os mais novos das:

“Aventuras tragico-comicas de uma familia de São Paulo durante a Revolta de Julho de 1924”

Finis.

OBRAS DIDACTICAS DE HENRIQUE GEENEN

COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA — 3.^a Edição — 300
paginas — Cartonado — Monteiro Lobato — 10\$000.

O illustre Psychiatra Dr. Franco da Rocha escreveu no “Estado de São Paulo”:

“O livro um resumo de psychologia, em que o autor se mostra perfeito conhecedor de tudo que actualmente se discute, se aceita ou se combate nesta esphera de estudos. Embora resumo, o livro é bem feito e trata de todos os assumptos cujo conhecimento merece attenção dos estudantes.

Só pode fazer um compendio quem é senhor da materia, quer por dever de profissão, quer por estudo apaixonado ou tendencia natural do espirito. O sr. Geenen é professor ha muitos annos e um apaixonado da psychologia. Seu livro não podia deixar de ter as excellentes qualidades que nelle se encontram.”

*
* *

Dr. Plinio Barreto. Quem quer se iniciar nesta sciencia a mais importante de todas achará no Compendio do Dr. Geenen guia suave e seguro.

“Estado de São Paulo”.

*
* *

II

O Dr. Brandenburger escreve no Deutsche Zeitung:

“É um optimo livro didactico que contem todos os novos e novissimos ensinamentos a respeito desta momentosa sciencia.

*

* *

Novidades contidas nesta 3.^a edição, do prefacio

“Para de passagem apontar algumas dessas novidades importantes dou aqui uma incompleta resenha da mais recentes acquisições da sciencia psychologica, no começo deste seculo, a respeito dos quaes o leitor achará curtas, mas, espero, claras explicações: o methodo psycho-galvanico de Veraguth; — o da salivacão psychica de Pavlov; — a theoria do monopsychismo de Verworn; — o behaviorismo da escola norte-americana; — a theoria dos systemas histologicos de Brodman, succedaneo das localisações cerebraes; — dos complexos de coefficiente emocional, de Freud; — a catathymia de R. Maier; — a theoria biologica da consciencia, de Bergson; — a do pensamento sem imagens da escola de Wurtzburgo; — do Egocentrismo de Piaget.”

Não é, pois, só aos candidatos aos exames que este livro é util; jurista, medico, todo o estudioso achará nelle os ultimos conhecimentos na sciencia que faz conhecer o homem ao homem.

As precedentes edições já mereceram elogios dos Drs. Clovis Bevilacqua, Etienne Brasil, Cor. Raposo e outros especialistas na materia.

COMPENDIO DE LOGICA — 4.^a Edição — 6\$000 —
Alves & Cia.

Este livro foi elogiado pelos Drs. Pedro Lessa, Clovis Bevilacqua, Mons. Sentroul, Osorio Duque Estrada e todos os que no Brasil se dedicam a estudos philosophicos.

III

“E’ um compendio excellente que hei de recommendar cada vez que tiver occasião.”

DR. PEDRO LESSA.

“A obra do Dr. Geenen não é banal, prestará serviços, dá provas de um autor intelligente, erudito.”

DR. PADRE SENTROUL, *Do São Paulo.*

“A exposição do assumpto dos titulos e subtítulos é feita com tanta elegancia e clareza, que prende de prompto a attenção do leitor despertando-lhe a attenção.

Arida como é a disciplina quasi admira como lhe conseguiu dar o proveito auctor uma forma tão agradável e simples.”

SR. CORONEL RAPOSO, *D’A Noticia*

De 1.º de Novembro de 1908

“E’ um trabalho utilissimo e seu autor tem autoridade quer pelo estudo, quer pela pratica do easino.”

Diario Popular, 23 de Outubro de 1908

“Compendio de Logica”, 1.ª edição.

“Este compendio enriquece o nosso patrimonio intellectual, dá mostras de quanto somos capazes em clareza, em methodo, em concisão, em segura orientação pedagogica.”

Estado de São Paulo

PEDRO JANGADEIRO — 4\$000 — Alves — Contos e pro-
verbios commentados

Nos primeiros o A. se revela arguto observador do nosso meio estudando igualmente typos sertanejos e da cidade. Os contos são pequenos e attrahem o leitor pelo assumpto. Os proverbios são commentados com verve.

O Combate

Nesse livro ha a par de interessantes contos, proverbios commentados e composições poeticas.

Em qualquer desses generos põe Henrique Geenen, muito do seu fino e illustrado espirito.

Alguns proverbios

Falar é prata, calar é ouro, pensava o empregado, a quem um patrão dava dez tostões para vigiar o caixa e que recebia dez mil réis deste, para nada contar.

“Antes dobrar do que quebrar”, diz o rifão, antes quebrar para dobrar a fortuna, emendava o negociante falcatruero.

Entre os contos ha humoristicos e tragicos.

Revista do Brasil



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).